

# A GINGA

## NA TERRA DO AQUIRY

DIMENSÕES HISTÓRICAS, ETNOGRÁFICAS E  
MAPEAMENTO DA CAPOEIRA NO ACRE



Organizadores

CLEDIR DE ARAÚJO AMARAL  
ÁDAMO GABRIEL LOPES DE SOUZA  
ALCILENE OLIVEIRA ALVES  
MARIA CRISTINA LOBREGAT

(Organizadores)

CLEDIR DE ARAÚJO AMARAL  
ÁDAMO GABRIEL LOPES DE SOUZA  
ALCILENE OLIVEIRA ALVES  
MARIA CRISTINA LOBREGAT

# A GINGA

## NA TERRA DO AQUIRY

DIMENSÕES HISTÓRICAS, ETNOGRÁFICAS E  
MAPEAMENTO DA CAPOEIRA NO ACRE



RIO BRANCO, AC  
2023

A presente obra é fruto dos dados da Pesquisa Histórica e Etnográfica da Capoeira e Mapeamento dos Mestres, Grupos e Praticantes da Capoeira no Estado do Acre, realizada pelos pesquisadores do Ifac/Campus Rio Branco/Neabi e financiada pela Superintendência no Acre do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan/AC), a qual, na condição de detentora dos dados obtidos, gentilmente cedeu aos autores.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

G492

A ginga na terra do Aquiry: dimensões históricas, etnográficas e mapeamento da capoeira no Acre / Cledir de Araújo Amaral ... [et al]. – Rio Branco: IFAC, 2023.

Organizadores: Cledir de Araújo Amaral; Ádamo Gabriel Lopes de Souza; Alcilene Oliveira Alves; Maria Cristina Lobregat.

ISBS: 978-65-89055-08-2

1. Capoeira - Acre. 2. Aspectos históricos. 3. Aspectos etnográficos. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC. II. Título.

CDD 305.8

Elaborado por José de Arimateia F. de Oliveira - CRB-11/1002  
Bibliotecário-Documentalista do IFAC

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS** - A reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/98), sendo crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

## **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – Ifac**

Rosana Cavalcante dos Santos - Reitora

Maria Lucilene Belmiro de Melo Acácio - Pró-Reitora de Ensino

Jefferson Viana Alves Diniz - Pró-Reitor de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação

Fábio Storch de Oliveira - Pró-Reitor de Extensão

Ubiracy da Silva Dantas - Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

José Claudemir Alencar do Nascimento - Pró-Reitor de Administração

Dirlei Terezinha Fachinello - Chefe de Gabinete

Jefferson Bissat Amim – Assessor Especial

Geysel Rakele Paixão Oliveira - Diretor Sistêmico de Gestão de Pessoas

Edu Gomes da Silva - Diretor Sistêmico de Assistência Estudantil

Djameson Oliveira da Silva - Diretor Sistêmico de Gestão de Tecnologia da Informação

Evaldo Pereira Ribeiro - Diretor Sistêmico de Comunicação

Kelen Gleysse Maia Andrade - Diretora Sistêmica da Editora IFAC

Braulio de Medeiros Gonçalves - Diretor Geral do *Campus* Cruzeiro do Sul

Diones Assis Salla - Diretor Geral do *Campus* Sena Madureira

Paulo Roberto de Souza - Diretor Geral do *Campus* Rio Branco

Mário Jorge Silva Fadell - Diretor Geral do *Campus* Rio Branco Avançado Baixada do Sol

Denis Borges Tomio - Diretor Geral do *Campus* Tarauacá

Joel Bezerra Lima - Diretor Geral do *Campus* Xapuri

---

### **Conselho Editorial**

Rosana Cavalcante dos Santos

Jefferson Viana Alves Diniz

Kelen Gleysse Maia Andrade

Paulo Roberto de Souza

Diego Viana Melo Lima

William Pedrosa Maia

Cledir de Araújo Amaral

Denis Borges Tomio

Francisco Bezerra de Lima Júnior

Italva Miranda da Silva

Edilene da Silva Ferreira

### **Pareceristas/Avaliadores**

Francisco Bento da Silva

Pedro Rodolpho Jungers Abib

Lenina Lopes Soares Silva

### **Direção de publicação**

Kelen Gleysse Maia Andrade

### **Revisão técnica e normatização de texto**

Kelen Gleysse Maia Andrade

Rúbia de Abreu Cavalcante

Edilene da Silva Ferreira

### **Projeto Gráfico, diagramação e tratamento de imagens**

Ronaldo Cunha da Conceição

### **Edição**

Editora Ifac

Dedicamos a presente obra aos amantes da arte-luta capoeira, em especial, aos pioneiros da capoeira no Acre, cujo legado buscamos retratar aqui em alguma medida.

## AGRADECIMENTOS

---

Iniciamos, agradecendo aos nossos ancestrais africanos e afro-brasileiros que legaram à humanidade a arte-luta capoeira e toda a sua riqueza cultural, simbólica, formativa e educativa.

Aos pioneiros da capoeira do Acre e a todos aqueles que receberam seus ensinamentos e retransmitiram os saberes ancestrais, fazendo com que a capoeira se difundisse no estado do Acre e passasse a ser reconhecida no cenário nacional e internacional.

À Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Acre (Iphan/AC), pela parceria na viabilização da pesquisa que deu base ao presente manuscrito. Em particular, agradecemos à Thaisa Lumie Yamaue, técnica antropóloga do Iphan/AC, pelo acompanhamento das ações do projeto e interação com a comunidade capoeirista para a consecução dos objetivos do Plano de Salvaguarda da Capoeira no Acre.

Ao Comitê Gestor da Salvaguarda da Capoeira do Acre (gestões 2019-2020; 2020-2021; e 2021-2022) pela indicação e apoio ao Neabi/Ifac para a realização da pesquisa da qual resulta o presente trabalho.

Nosso agradecimento ao Ifac, na pessoa da Reitora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Cavalcante dos Santos, à Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, na pessoa do senhor Ubiracy da Silva Dantas e à sua equipe, bem como à equipe da Pró-Reitoria de Administração, liderada por José Claudemir Alencar do Nascimento.

Ao *Campus* Rio Branco, na pessoa do Diretor Geral, Prof. Ms. Paulo Roberto de Souza e, especialmente, ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi), na pessoa do seu coordenador, Prof. João de Lima Cabral, que não mediram esforços para garantir a realização do presente estudo.

Nossa gratidão aos colegas docentes/pesquisadores do Ifac *Campus* Rio Branco que contribuíram, em algum momento, nas etapas de planejamento e ou execução da pesquisa: Mara Rikelma da Costa Silva; João de Lima Cabral; Cleilton Sampaio de Farias; Flávia Alves Simoura Silva; Josiane Aparecida Antônia Cestaro; Carolina de Lima Cabral; Jailene Ribeiro Soares; Luciano Pereira de Negreiros; Edilene da Silva Ferreira; e Valdineia Rodrigues Tomaz.

Agradecemos de maneira especial aos alunos bolsistas que participaram das etapas de coleta de dados para o mapeamento, bem como do levantamento de registros documentais nos acervos de jornais impressos e transcrições das entrevistas: Alisson Vinícius Santos Soares; Eri lany Santos dos Reis; Ítalo Souza de Oliveira; Alan Monte Nascimento; Bruna Sthefany de Aquino Gonçalves; e Brenda Sthefany de Aquino Gonçalves.

Ao jornal *A Gazeta*, na pessoa da diretora, Maíra Mansur Martinello Moura, e da senhora Raimunda Costa dos Santos, responsável pelo acervo do jornal impresso. Também agradecemos ao jornal *O Rio Branco*, por nos possibilitar acesso aos arquivos impressos.

Por fim, nosso agradecimento aos capoeiristas participantes da presente pesquisa, por nos fornecerem informações na etapa do mapeamento, como pelas entrevistas, abertura de seus espaços para visita ção e disponibilidade de seu acervo pessoal na etapa da pesquisa histórica e experiência etnográfica, bem como a todos os demais capoeiristas do Acre que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a presente realização.

## **Povo Guerreiro**

*Olha aqui meu camarada  
Preste atenção que eu vou te falar  
É história do povo do Acre que agora vou contar*

*Essa é a história de um povo guerreiro  
O Acre se tornou forte  
E lutou para ser brasileiro  
(refrão)*

*Foi conhecido por suas lindas seringueiras  
De onde extraíam o látex  
Matéria prima brasileira*

*Muitos nordestinos com promessa de riqueza  
Vieram para o Acre  
Conquistar a terra brasileira*

*E aqui chegando conheceram os indígenas  
Panos e Aruaques  
A base de outras etnias*

*Mas houve um tempo em que quiseram o Acre tomar  
Nesse instante o Brasil com a Bolívia  
Começou a guerrear*

*Mas a vitória veio com sangue a derramar  
O seringueiro de soldado da borracha  
Então passou a se chamar*

*Foi nas batalhas  
Às margens dos Rios Acre e Abunã  
Fizeram do povo do Acre pertencente a grande nação*

*Essa é a história de um povo guerreiro  
O Acre se tornou forte  
E lutou para ser brasileiro  
(refrão)*



## PREFÁCIO

---

O estado do Acre, que abriga grande diversidade cultural e biológica, foi uma das últimas fronteiras da expansão territorial brasileira. Localizado em uma região de densas florestas, no extremo oeste da Amazônia, próximo à cordilheira dos Andes, o território que se tornaria o Acre permaneceu praticamente intocado pelos colonizadores até meados do século XIX, quando as primeiras ondas migratórias de brasileiros oriundos do Nordeste passaram a ocupar a região que então pertencia à Bolívia, impulsionados pelo ciclo da borracha.

A capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira que representa a história da resistência negra no Brasil e se tornou um dos maiores símbolos da identidade brasileira. Forjada no seio da escravidão, criminalizada após a abolição até a década de 1930, a capoeira compreende elementos de luta, cultura popular, dança, música e brincadeira, sendo hoje reconhecida mundialmente como uma arte multifacetada que remete à história do povo brasileiro.

Como os autores deste trabalho irão demonstrar, é possível que a Capoeira já estivesse presente no Acre desde as primeiras ondas migratórias do ciclo da borracha, antes mesmo do território ser anexado ao Brasil, em 1903, com o Tratado de Petrópolis. Quase 120 anos depois, a Capoeira é um dos segmentos culturais mais fortes, atuantes e abrangentes no estado do Acre, estando presente em 17 dos 22 municípios acreanos.

A história da Capoeira acreana, dos primeiros vestígios à atualidade, é abordada nesta obra, que é resultado de uma pesquisa realizada pela equipe do Núcleo de Estudos

Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – Neabi/Ifac, sob a coordenação do Prof. Dr. Cleidir Amaral, com o financiamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan.

Trata-se do resultado do esforço da comunidade capoeirista do Acre e de duas instituições federais para registrar a memória e as narrativas sobre a história da Capoeira acreana e para mapear os locais de ocorrência da Capoeira no estado. Um trabalho inédito, que se insere no âmbito das ações de salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e contribui para a documentação, valorização e difusão da Capoeira acreana.

A Roda de Capoeira e o Ofício de Mestre de Capoeira foram registrados como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Iphan no ano de 2008, com abrangência nacional. Em 2014, a Unesco reconheceu a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Com a patrimonialização, a Capoeira passa a ser objeto da Política de Salvaguarda do Patrimônio Cultural, que prevê uma série de ações de curto, médio e longo prazos para a proteção, promoção, valorização e difusão do bem cultural.

A Política de Salvaguarda possui diretrizes democráticas e busca promover a autonomia dos detentores do bem cultural para sua consolidação. Assim, pautada nas diretrizes de gestão compartilhada do Patrimônio Cultural, a Superintendência do Iphan no Acre inicia, em 2016, a mobilização social e articulação para a organização do Comitê Gestor da Salvaguarda da Capoeira no Acre e para a construção do Plano de Salvaguarda da Capoeira no Acre. Em 2019, é publicado o Plano de Salvaguarda, que prevê a realização de pesquisas e mapeamento dos grupos e praticantes da ca-

poeira como forma de produzir conhecimento e aprimorar o planejamento de ações de salvaguarda.

A partir da discussão com os capoeiristas acreanos, após a consolidação do Plano de Salvaguarda da Capoeira no Acre, definiu-se a realização da pesquisa e o mapeamento como uma das primeiras demandas para a salvaguarda do bem cultural no estado. Assim, foi feita uma série de tratativas com as instituições de pesquisa presentes no estado, sendo definido pelo coletivo de detentores do bem cultural que a melhor opção para a realização da pesquisa seria uma parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – Ifac.

Um dos motivos determinantes para a escolha do Ifac pelos detentores foi a presença de Cledir Amaral, contramestre de capoeira, como membro da equipe de pesquisadores do Neabi/Ifac. Juntamente com o pesquisador Ádamo Gabriel, historiador e professor de capoeira, a equipe coordenada pelo Professor Cledir (ou Contramestre Riquinho) conseguiu acessar e interpretar as diversas narrativas que remontam à história da capoeira no Acre, procedendo a uma análise que teve o cuidado e a atenção de quem conhece de perto a dinâmica da capoeira acreana.

A profundidade e a complexidade dos relatos coletados pela equipe de pesquisa, que foram por vezes conflitantes entre si, exigiram um árduo trabalho para compreender as *nuanças* dos discursos e a construção das narrativas e, principalmente, para construir um texto que recebesse o respaldo da comunidade pesquisada, pois, mais do que tentar reconstituir os fatos, trabalhar com a memória e a reconstrução do passado, envolve olhar para o presente, para a identidade que a memória cultural informa e atualiza.

Ao longo do livro, o leitor vai encontrar informações históricas, socioculturais, demográficas e antropológicas sobre a capoeira acreana e sobre o processo de pesquisa, bem como recortes teóricos e metodológicos pertinentes à pesquisa de campo e aos conceitos utilizados na análise dos autores.

No CAPÍTULO 1, IÊ, A HORA É ESSA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DA CAPOEIRA NO ACRE, de autoria de Ádamo Gabriel Lopes de Souza, Ane Kelly Severino Salvini e Cledir de Araújo Amaral, os autores apresentam a metodologia da pesquisa e analisam obras acerca da historiografia acreana para discutir hipóteses sobre a existência ou manifestação da capoeira no Acre, desde meados do século XIX, no “tempo dos vestígios”, passando pelo “tempo do desenvolvimento”, que remonta ao período da institucionalização da capoeira no Acre, em meados da década de 1970 até o surgimento de Mestre Rodolfo, que foi o responsável pela primeira escola de capoeira e pelos primeiros batizados no Acre. Remonta, também, ao “tempo da consolidação”, período de maior desenvolvimento da capoeira no Acre, quando foram identificados os grupos que possibilitaram o processo de expansão, interiorização, desenvolvimento e reconhecimento da capoeira acreana, a partir dos quais se originaram todos os demais grupos de capoeira locais.

O CAPÍTULO 2, A CAPOEIRA ACREANA: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA, de autoria de Alcilene Oliveira Alves e Maria Cristina Lobregat, apresenta um relato da pesquisa de campo realizada, que embasa uma análise antropológica que busca identificar como se dá a produção e reprodução da capoeira nos grupos visitados. As entrevistas e falas dos capoeiristas também são analisadas a partir do conceito de

liminaridade, do antropólogo Victor Turner (2013), que também é explorado na análise da trajetória nacional da capoeira.

O CAPÍTULO 3, MAPEAMENTO DOS GRUPOS, MESTRES E DEMAIS DETENTORES DA CAPOEIRA NO ESTADO DO ACRE, de autoria de Cledir de Araújo Amaral e Ádamo Gabriel Lopes de Souza, apresenta os dados do mapeamento da capoeira no Acre. Foram identificados 27 diferentes grupos de capoeira, sendo 13 criados localmente. Os dados coletados indicam a presença de, pelo menos, 3.717 capoeiristas, distribuídos nos 131 núcleos presentes no estado. Recomendamos o uso do *link* e *QR code* para acesso ao mapa interativo, no qual é possível identificar a distribuição dos núcleos de capoeira, o nome do grupo de cada núcleo, seu endereço, o nome do detentor responsável, o apelido e a graduação, bem como o líder do grupo no Acre.

Ainda no Capítulo 3, são abordadas algumas informações sobre a forma como a capoeira vem sendo transmitida no Acre, bem como as transformações que vem passando em tempos recentes. Também foram identificados os estilos de capoeira praticados no Acre, sendo identificada a predominância da capoeira contemporânea (68,5%).

O CAPÍTULO 4, A HISTÓRIA DA CAPOEIRA ACREANA ATRAVÉS DA SÍNTESE BIOGRÁFICA DOS DETENTORES DO FINAL DO SÉCULO 20, de autoria de Cledir de Araújo Amaral, Ádamo Gabriel Lopes de Souza, Valdineia Rodrigues Tomaz e Edilene da Silva Ferreira, reúne um breve resumo da história de vida de alguns dos detentores que puderam participar da pesquisa.

No CAPÍTULO 5, IÊ, VAMO SIMBORA CAMARÁ: CONSIDERAÇÕES FINAIS, de autoria de Cledir de Araújo Amaral, Ádamo Gabriel Lopes de Souza, Alcilene Oliveira Alves

e Maria Cristina Lobregat, os autores tecem suas conclusões sobre o trabalho realizado, destacando as principais contribuições da pesquisa para o entendimento da capoeira acreana.

Assim, este trabalho traz uma importante contribuição para a Salvaguarda da Capoeira no Acre, possibilitando a preservação da memória, incentivando a valorização da capoeira e viabilizando o planejamento de ações que possibilitem a melhoria das condições de sustentabilidade do bem cultural.

Rio Branco, AC, em 01 de agosto de 2022

Thaís Lumie Yamaue

(Técnica em Antropologia – Iphan/AC)

# SUMÁRIO

---

## **CAPÍTULO 1**

**IÊ, A HORA É ESSA: MEMÓRIAS E**

**REPRESENTAÇÕES DA CAPOEIRA NO ACRE..... 16**

Ádamo Gabriel Lopes de Souza

Ane Kelly Severino Salvino

Cledir de Araújo Amaral

**REFERÊNCIAS..... 109**

## **CAPÍTULO 2**

**A CAPOEIRA ACREANA: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA..... 113**

Alcilene Oliveira Alves

Maria Cristina Lobregat

**REFERÊNCIAS..... 152**

## **CAPÍTULO 3**

**MAPEAMENTO DOS GRUPOS, MESTRES E DEMAIS**

**DETENTORES DA CAPOEIRA NO ESTADO DO ACRE..... 153**

Cledir de Araújo Amaral

Ádamo Gabriel Lopes de Souza

**REFERÊNCIAS..... 175**

## **Capítulo 4**

**A HISTÓRIA DA CAPOEIRA ACREANA ATRAVÉS DA SÍNTESE**

**BIOGRÁFICA DOS DETENTORES DO FINAL DO SÉCULO XX..... 176**

Cledir de Araújo Amaral

Ádamo Gabriel Lopes de Souza

Valdineia Rodrigues Tomaz

Edilene da Silva Ferreira

**REFERÊNCIAS..... 218**

## **Capítulo 5**

**IÊ, VAMO SIMBORA CAMARÁ: CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 222**

Cledir de Araújo Amaral

Ádamo Gabriel Lopes de Souza

Alcilene Oliveira Alves

Maria Cristina Lobregat

**OS AUTORES..... 227**



# CAPÍTULO 1

---

## IÊ, A HORA É ESSA: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DA CAPOEIRA NO ACRE

Ádamo Gabriel Lopes de Souza  
Ane Kelly Severino Salvino  
Cledir de Araújo Amaral

### 1.1 INTRODUÇÃO

A trajetória da capoeira é atravessada por um conjunto de representações e significados, cujos variados signos e sentidos se entrecruzam com a memória e toda a dimensão cultural da sociedade, sobretudo, quando vista sob o prisma da diversidade cultural dos africanos e afro-brasileiros, que, de forma singular, mantém viva a expressão cultural da capoeira.

Destarte, o século XXI circunscreve marcos relevantes para a história da capoeira, de tal maneira que, em 2008, a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira foram registrados como Patrimônio Cultural do Brasil, evidenciando o impacto dos aspectos simbólicos da capoeira e todo o legado cultural, especialmente, o compromisso do estado para com os bens registrados através do estabelecimento de uma série de prerrogativas quanto à política de salvaguarda do Patrimônio Imaterial.

Além disso, notabilizamos o reconhecimento da Roda de Capoeira em 2014, como título de Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), momento que reforça

a necessidade de assegurar a prática da capoeira pelo mundo, dada a importância da herança cultural afro-brasileira por meio da capoeira, ou seja, enquanto manifestação cultural essencial a ser promovida mundialmente.

Acresce que, mesmo antes das ações de patrimonialização, a capoeira e todo o seu conjunto cultural e esportivo já se configuravam como uma experiência presente em todo território nacional, sem contar a expressiva presença em diversos países. Nas terras do Aquiry<sup>1</sup> ou região, que hoje compreende o estado do Acre, a realidade não se faz diferente, fato que se verifica através de estudos realizados sobre a capoeira no Acre, apesar de escassos e pontuais, por meio dos quais se constata a efetiva presença da capoeira no estado, situação corroborada por jornais locais impressos, assim como os inúmeros relatos de capoeiristas.

Com base nesse desdobramento histórico da capoeira, buscamos identificar fontes que auxiliassem a investigação da trajetória da capoeira no Acre, tomando como base inicialmente o período de 1980<sup>2</sup> a 2000. Não obstante, a pandemia da Covid-19 e as medidas restritivas de isolamento social, delineamos uma pesquisa de campo, ao longo do 1º semestre de 2021, que se estendeu até o 1º semestre de 2022, cujo resultado revelou um conjunto de documentos históricos, nos quais destacam-se:

---

<sup>1</sup> Aquiry, que significa “rio dos jacarés” na língua nativa dos Apurinãs, os habitantes originais da região, que é banhada pelo rio que empresta o nome ao estado. Os exploradores da região transcreveram o nome do dialeto indígena, dando origem ao nome Acre (disponível em <http://www.altinomachado.com.br/2016/02/origem-do-toponimo-acre-e-polemica.html>. Acesso em 30/03/2022).

<sup>2</sup> Ao nos depararmos com o registro da presença de capoeiristas no Acre ainda no século XIX e início do século XX estendemos a delimitação temporal inicialmente proposta, demarcando o período dos vestígios.

- a.** trabalhos de conclusão curso oriundos de pesquisas monográficas, dissertações e teses publicados na Universidade Federal do Acre, bem como artigos científicos e livros correlatos à temática, que auxiliaram na composição da escrita;
- b.** periódicos locais impressos, como os jornais *O Rio Branco* e *A Gazeta*, assim como o acervo da Biblioteca Nacional dos jornais *Repique*, *O Jornal*, *Diário do Acre* e *Jornal do Brasil* através de pesquisa na Hemeroteca Digital, utilizando descritores: “capoeirista”; “capoeira”; “vadios”; “luta baiana”; “mestre capoeira”; “guarda negra”;
- c.** fotografias, documentos oficiais, folhetos, disponibilizados de acervos privados e outros, localizados em arquivos públicos, nos quais as narrativas dos capoeiristas sinalizavam como relevantes; e
- d.** relatos provenientes de entrevistas, realizadas no período, elencando capoeiristas e protagonistas da capoeira acreana<sup>3</sup>, bem como os vídeos produzidos pela Federação Acreana de Capoeira com alguns mestres de capoeira.

No entanto, tratar do conjunto das fontes identificadas, sobressai refletir sobre a historicidade da capoeira acreana, sobretudo, importando a noção de que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 2012, p.

---

<sup>3</sup> Por uma questão de identidade regional e com o suporte na Lei estadual nº 3.148, de 27 de julho de 2016 (ACRE, 2016), adotamos na presente obra o gentílico “acreano” em detrimento à forma “acriano” imposta pelo acordo ortográfico da língua portuguesa em vigor.

243), ou seja, consiste em compreender a emergência do lampejo fugaz de nossas memórias, na qual é concebida

[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa (LE GOFF, 2003, p. 419).

Desse modo, a investigação sobre os fatos históricos, nos quais as inquietações e perguntas do tempo presente mobilizam a produção historiográfica, evidenciam que “somente nós, que estamos vivendo agora, podemos dar um ‘significado’ ao passado. Mas esse passado foi sempre, entre outras coisas, o resultado de uma discussão acerca de valores” (THOMPSON, 1981, p. 52).

Neste sentido, consideramos as representações sobre a história da capoeira no Acre, a partir de possíveis encaideamentos com os acontecimentos que demarcam as imagens da memória, entendendo que as representações “[...] possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é” (CHARTIER, 2009, p. 52).

Assim, a noção de uma linha do tempo, conforme realçam Turazzi e Gabriel (2000), surge como um instrumental significativo para caracterizar o tempo histórico, o que não consiste assumirmos o recorte temporal como “verdade absoluta”, uma vez que a “verdade histórica”, segundo Boschi (2007), está sempre sendo revisitada, revista e refeita.

Para tanto, procuramos na extensão do presente texto, descrever aspectos da manifestação da capoeira no Acre, a partir da seguinte divisão:

- Vadios e capoeiras no Acre – Tempo dos vestígios (1877–1945)<sup>4</sup>, que consiste em uma breve reflexão, na qual levantamos hipóteses sobre a manifestação da capoeira em virtude da presença de capoeiristas no Acre a partir do final do século XIX;
- O início do jogo no Acre – Tempo do desenvolvimento (1970–1989), em que descrevemos as narrativas que atestam o período da institucionalização da capoeira no estado e o legado de Mestre Rodolfo; e
- No Acre a roda é boa – Tempo da consolidação (1990 – 2000), em que enfatizamos os desdobramentos da institucionalização da capoeira a partir do protagonismo de novos grupos e capoeiristas.

Em suma, ressaltamos que tal demarcação não se reduz a um caráter absoluto, pelo contrário, o recorte tenciona destacar algumas características históricas relevantes para a compreensão do contexto histórico da capoeira acreana, na medida em que é possível localizar certos acontecimentos históricos no tempo e no espaço, situando uns em relação aos outros.

---

<sup>4</sup> A lacuna existente no período de 1946 e 1969 se justifica em razão de não encontrarmos qualquer novo registro da presença de capoeiristas ou da capoeira no Acre com os descritores pesquisados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional nos períodos de 1940-1949, 1950-1959 e 1960-1969, embora reconheçamos que os fluxos migratórios para a região tenham se mantido, mesmo que em menor intensidade com o fim do segundo ciclo da borracha após a segunda guerra mundial.

## 1.2 VADIOS E CAPOEIRAS NO ACRE – TEMPO DOS VESTÍGIOS (1877-1945): A HISTORIOGRAFIA ACREANA E POSSÍVEIS RASTROS DA CAPOEIRAGEM

A princípio, é possível identificar, nesse período, determinados acontecimentos históricos significativos em relação à presença da cultura negra no Acre, fato que pode ser observado através da produção e debate em torno da historiografia acreana, a qual aponta para algumas hipóteses acerca da existência ou manifestação da capoeira na região conhecida como Acre, ainda no final do século XIX.

Destacamos que não temos a pretensão de encerrar o debate sobre o tema, tampouco afirmar categoricamente a existência da capoeira nesse período, mas os relatos e trabalhos de pesquisas já realizados indicam fortes indícios da prática de capoeiragem no Acre, especialmente, pelo significativo rastro da cultura afro-brasileira, conforme investiga Rocha (2011).

Nesse sentido, embora exíguas as fontes que corroborem tal assertiva, segundo Fernandes (2012), são indeléveis as manifestações da cultura negra na Amazônia acreana, sobretudo, quando se investiga o processo de povoamento e ocupação do Acre, especialmente, a origem do contingente populacional vindo de diversas regiões do Nordeste<sup>5</sup> do país.

Assim, é possível inferir que no fluxo migratório de nordestinos para o Acre, no que ficou conhecido como o Pri-

---

<sup>5</sup> Para não incorrerem em anacronismo quanto ao emprego do termo Nordeste para situar a região brasileira, convém pontuar que a porção geográfica atualmente conhecida como região Nordeste foi assim nominada pela primeira vez em 1942 quando da 1ª divisão regional brasileira estabelecida pelo IBGE (CONTEL, 2014). Portanto, ao utilizarmos os termos “nordeste” ou “nordestinos” estamos nos referindo à região e às populações que ainda não eram assim denominadas até dado período histórico.

meiro Surto da Borracha (1877-1912), tenham vindo pessoas que possuíam vivência ou a prática da capoeiragem. A despeito desse contexto, Souza (2009) destaca uma série de elementos que podem ter contribuído para o advento do primeiro surto da borracha, conseqüentemente, a presença nordestina no Acre. Contudo, o autor salienta que, “bem antes da seca no Nordeste de 1877, a migração de nordestinos para a Amazônia já vinha ocorrendo, em número reduzido” (SOUZA, 2009, p. 64).

[...] o primeiro surto da borracha teve início em fins do século XIX e terminou em 1912. A este compreende a intensa migração nordestina para o Acre, a partir de 1870/1877, e a conseqüente formação dos primeiros seringais no Acre e o estabelecimento do sistema de aviamento. [...] Nesse primeiro surto, os nordestinos vieram para o Acre em decorrência da ação efetiva dos agenciadores ligados aos proprietários das Casas Aviadoras, existentes em Belém e Manaus, ou aos seringalistas (BEZERRA, 2006, p. 97-98).

Desse modo, ainda consoante a Souza (2009), o deslocamento de nordestinos para a região amazônica estaria relacionado à grande ilusão de enriquecimento rápido, mas também ao preconceito dos trabalhadores quanto à labuta nos cafezais, somados ainda ao grande interesse do capital internacional, a partir das propagandas e arregimentação pelos seringalistas, principalmente, nos estados do Pará e do Amazonas, circunstância que se agudizava pelas condições climáticas e miséria que muitos nordestinos atravessavam durante as grandes secas.

O sucesso dos primeiros cearenses que se internaram e puderam regressar prósperos ou se firmaram na região como proprietários eventuais de latifúndios borraçíferos, seduziu os demais filhos do

nordeste. Outros povoadores vieram do Piauí, do Maranhão, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco (COSTA, 1974, p. 26).

Por outro lado, importa considerar os contributos significativos da pesquisa de Silva (2013), o qual examina o destino de vários ex-escravos, mestiços e imigrantes pobres do Rio de Janeiro, presos e desterrados para as regiões do Acre, posto o envolvimento ou suspeita de participarem das revoltas naquela cidade, como a “Revolta da Vacina” (1904) e a “Revolta da Chibata” (1910), como se observa:

“O pessoal” que estava seguindo para o Acre, era basicamente composto de negros e mestiços, como atestam as fotos, as charges, as matérias de jornais e os processos criminais que foram coligidos sobre alguns desterrados. Isso é válido tanto para os desterrados de 1904 quanto para aqueles de 1910 (SILVA, 2013, p. 110).

Segundo o historiador, os desterrados na República brasileira, muitas vezes, tinham a natureza política e não criminal, visível pela ausência de processos legais, mas também pelo tratamento dado pelas autoridades aos presos, os quais julgam ser verdadeiros “[...] desordeiros perigosos, facínoras irrecuperáveis e, naturalmente, inclinados ao crime” (SILVA, 2013, p. 108), ou seja, eram tidos como a escória social pelas autoridades, como prostitutas, caftens, punguistas, capoeiras e malandros, de modo geral, considerados uma “classe perigosa”. Dadas as suas “características”, deveriam ser excluídos do meio social.

Com a república, o desterro é comumente direcionado para a tentativa de extirpar de



determinado meio social grupos e indivíduos identificados como afeitos às práticas da capoeiragem, da malandragem contumaz associada ao crime e à criminalidade e das manifestações políticas contrastantes com o status quo, num período em que o Brasil passava por amplas mudanças sociais e políticas (SILVA, 2013, p. 57).

A partir da pesquisa realizada por Silva (2013), podemos identificar o quantitativo de desterrados para o extremo ocidente da Amazônia brasileira, postas as diversas fontes, como jornais, relatórios oficiais, documentação jurídica e Anais do Congresso Nacional, amplamente examinados pelo autor no decurso da investigação, para qual o resultado revelou um total de cinco viagens de vapores, cujo objetivo era deslocar os desterrados do Rio de Janeiro, para o que o autor denominou de “Sibéria tropical”, ou seja, regiões da Amazônia, no início do Século XX, conforme verificamos no Quadro 1.

De modo geral, o quadro revela um quantitativo significativo de negros e mestiços, deslocados para o Acre, como medida de punição daqueles considerados verdadeiros “problemas sociais” na capital da República do Brasil, a título de exemplo abordado pelo autor, como Horácio José da Silva “Prata Preta” e Lycurgo Álvaro de Carvalho.

**Quadro 1.** Partidas e chegadas dos navios com desterrados para a Amazônia

Paquete	Saída do Rio de Janeiro	Chegada em Belém	Chegada em Manaus	Número de desterrados
Itaipava	27/11/1904	08/12/1904	14/12/1904	Entre 334 e 336 pessoas
Itaperuna	10/12/1904	22/12/1904	*	Entre 339 e 400 pessoas
Itaipava	25/12/1904	*	*	461 pessoas
Itapacy	04/01/1905	15/01/1905	*	Entre 319 e 450 pessoas
Satélite	25/12/1910	07/01/1911	13/01/1911	Entre 436 pessoas
<b>Total</b>				<b>Mínimo 1.889 pessoas</b> <b>Máximo 2.083 pessoas</b>

\*Informações não encontradas

Fonte: Adaptado de Silva (2013, p. 174).

Por esse ângulo, podemos deduzir, por meio dos números apresentados por Silva (2013), fortes indicadores de pessoas com amplo conhecimento e vivência da capoeiragem. Como destaca o autor, “a vadiagem e a capoeiragem, já nos primórdios da república, estavam preferencialmente associadas à figura dos negros recém libertos e dos mestiços” (SILVA, 2013, p. 53).

Ademais, destaca-se a pesquisa de Silva (2009), como outro importante material que revela elementos do processo de formação populacional do Acre, como o caso dos barbadianos, conforme sustenta a autora:

Depois dos negros nordestinos, aportou no Acre uma massa de barbadianos que fugia da difícil vida na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que ligava Porto Velho a Guajará-Mirim, na fronteira entre Rondônia e a Bolívia. A ferrovia escoaria a produção da borracha do Acre, Rondônia e região Sul do Amazonas, mas nunca operou com essa finalidade. Barbados é uma ilha caribenha colonizada por escravos. Os espanhóis descobriram a ilha em 1518, mas não a colonizaram. Apenas a utilizaram como fonte de aprovisionamento de escravos indígenas (aruaques) para o trabalho nas grandes Antilhas (SILVA, 2009, p. 23).

Os acontecimentos históricos referentes aos negros barbadianos também são abordados por Fernandes (2012) e Rocha (2011). Todavia, a ausência de trabalhos mais aprofundados acerca dos barbadianos e seus descendentes no Acre desperta interesse e levanta hipóteses de pesquisa, como o caso da antiga “Rua Africana”, localizada atualmente às margens do rio Acre, entre a rua “1º de Maio” e a rua “Seis de Agosto” na cidade de Rio Branco.

Por fim, sublinham-se as evidências que caracterizaram o Segundo Surto da Borracha (1937-1945), no qual se visualiza um novo processo migratório de populações das mais diversas regiões do Nordeste para trabalharem na extração de borracha no Acre, principalmente, a partir de contratos estabelecidos com o governo federal, o que ficou conhecido como “Batalha da Borracha” (MARTINELLO, 2018). Desse período, destacamos, por exemplo, a presença marcante do baiano José Gabriel da Costa, Mestre Gabriel, criador da doutrina religiosa “União Vegetal” e habilidoso capoeirista, conhecido nas rodas de Salvador como “Zé Bahia” (FABIANO, 2012).

De modo geral, o delineamento temporal acerca do marco inicial, a partir de 1877, justifica-se em razão dos acontecimentos históricos tratados pela historiografia, especialmente, em relação ao intenso fluxo migratório para a região acreana, principalmente com o advento do primeiro e do segundo surtos da borracha, variando evidentemente, o contingente populacional. Por outro lado, no período compreendido entre 1945 a 1960, não se encontram elementos e fontes que nos possibilitem fazer encadeamentos históricos com a manifestação da capoeira, pelo menos até o processo migratório de pessoas vindas das regiões Sul e Sudeste do país.

Neste sentido, reiteramos que o recorte temporal proposto não tenciona esgotar o debate, apenas destacar possíveis hipóteses investigativas, visando mobilizar futuras pesquisas, cujos desdobramentos analíticos e suas “navalhas temporais” depreendam que “[...] a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado” (BLOCH, 2002, p. 65).

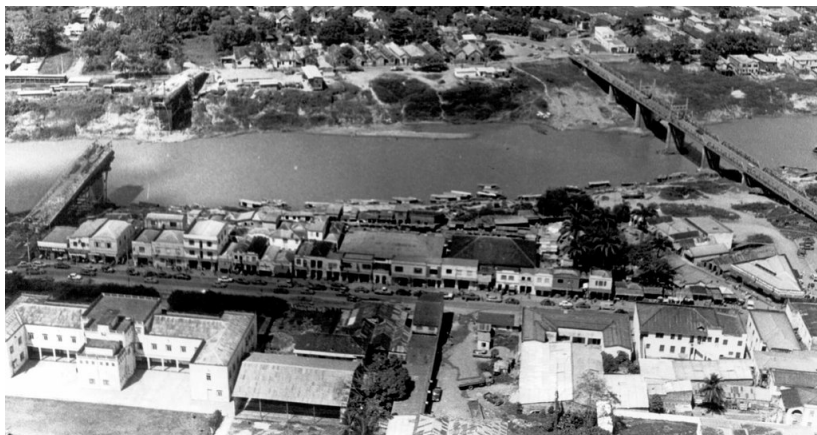
### **1.3 O INÍCIO DO JOGO NO ACRE – TEMPO DO DESENVOLVIMENTO (1970 - 1989): DAS NARRATIVAS SOBRE CONSTRUÇÃO DA PONTE AO LEGADO DE MESTRE RODOLFO**

O período em questão se apresenta como dos fundamentais para a trajetória da capoeira acreana, por três razões: primeiro, os relatos que indicam a presença de capoeiristas baianos, vindos para Rio Branco em meados da década de 1970; segundo, as narrativas que atestam o trabalho desenvolvido por Mestre Rodolfo e o grupo “Cativeiro” no início de 1980; e, terceiro, os capoeiristas intitulados “Liberdade”, após os trabalhos de Mestre Rodolfo no final da década de 1980.

#### **1.3.1 OS CAPOEIRISTAS BAIANOS**

A década de 1970 sinaliza uma época crucial dentro das narrativas sobre a capoeira no Acre, postos os primeiros relatos em torno de capoeiristas baianos, que teriam se deslocado da Bahia para o Acre com a finalidade de trabalhar na construção da ponte. Assim, enfatizamos o contexto da edificação das pontes (Imagem 1) e a relação com a presença dos baianos.

**Imagem 1** - Visão aérea da construção da ponte Cel. Sebastião Dantas e ponte Juscelino Kubitschek



**Fonte:** Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural do Acre - DPHC (1971).

Na imagem visualizamos as duas pontes sobre o rio Acre que interligam o 1º e o 2º Distritos da cidade de Rio Branco. Do lado direito, temos a ponte “Juscelino Kubitschek”, conhecida como “ponte metálica” ou “ponte velha”. No lado esquerdo, observamos a construção da segunda ponte, intitulada “Coronel Sebastião Dantas”, conhecida como “ponte de concreto” ou “ponte nova”.

No tocante à ponte Juscelino Kubitschek, ressaltamos que ela foi encomendada pelo governo do então Território Federal do Acre, em 1948, e projetada pela Companhia Siderúrgica Nacional com início das obras em 1951, sendo logo paralisada. Todavia, a retomada da construção da ponte ocorreu em 1958, no governo de Valério Magalhães<sup>6</sup>, que, na oportunidade, teve ampliado o projeto original. Foi durante o curto governo de José Augusto de Araújo<sup>7</sup>, em meados de 1963, que foram construídas as bases e pilastras da ponte,

<sup>6</sup> Nomeado governador do Território Federal do Acre (1956-1958).

<sup>7</sup> Primeiro governador eleito do Estado do Acre (1963-1964).

mas sua construção e montagem somente foram concluídas no governo de Jorge Kalume<sup>8</sup>, no ano de 1969, sendo finalmente inaugurada em 1971 (ACRE, 2009).

Por outro lado, a construção da ponte Coronel Sebastião Dantas surgiu no contexto do governo de Francisco Wanderley Dantas<sup>9</sup>, iniciada em 1971, como uma das grandes obras de sua gestão, e inaugurada no final de 1974. Apesar das severas críticas quanto à construção da ponte, a relevância da obra se tornou inadiável, principalmente, com a queda de parte da infraestrutura da ponte Juscelino Kubitschek em 1978 (Imagem 2), situação que inviabilizou o tráfego de carros na ponte metálica até 1985, quando houve a sua total revitalização no governo de Nabor Júnior<sup>10</sup>.

**Imagem 2** - Ponte Juscelino Kubitschek após queda



**Fonte:** Acervo digital do IBGE (1979).

<sup>8</sup> Terceiro governador nomeado pela ditadura militar para o Estado do Acre (1966-1971).

<sup>9</sup> Quarto governador nomeado pela ditadura militar para o Estado do Acre (1971-1975).

<sup>10</sup> Jornal *O Rio Branco* (10/04/1985).

Um ponto que desperta bastante atenção diz respeito aos trabalhadores das pontes. Sabemos que ao longo da construção da ponte Juscelino Kubitschek se contou com a presença de alguns técnicos da Companhia Siderúrgica Nacional, provenientes de outros estados, mas não encontramos qualquer indício da presença de capoeiristas entre eles. Em contrapartida, no que tange aos operários que trabalharam na construção da ponte Coronel Sebastião Dantas, conforme destaca Souza (2009), a historiografia silenciou o fluxo de migrantes nordestinos para a região amazônica no decorrer da década de 1970, o que implica inferir a possibilidade na vinda voluntária de alguns trabalhadores baianos para a construção da ponte de concreto.

No entanto, não foi possível identificar se houve investimento pelo governo do estado do Acre em contratar mão de obra da região Nordeste do país, tencionando estimular a vinda de trabalhadores para a construção da ponte Coronel Sebastião Dantas. Entretanto, durante o governo de Francisco Wanderley Dantas, segundo Souza (2009), houve forte incentivo para atrair investidores como empresários e fazendeiros do Centro-Sul do Brasil para comprarem terras de seringalistas no Acre.

Além disso, observamos que as duas pontes, além de se localizarem próximas à antiga rua da África<sup>11</sup>, não eram conhecidas popularmente pelos nomes de fundação, mas sim pelas suas características, circunstância que talvez tenha contribuído para alguns equívocos na produção acadêmica sobre a relação dos construtores das pontes e os capoeiristas baianos, como se identifica em:

---

<sup>11</sup> Ver (FERNANDES, 2012, p. 33).

Trinta e sete baianos chegaram ao Acre, em 1973, para trabalhar na construção da ponte Coronel Sebastião Dantas (ponte metálica). Neste grupo incluía-se Natálio Miranda dos Santos, o Baiano como era conhecido. Aluno de mestre Caiçara da Bahia organizou junto com seus conterrâneos a primeira roda de capoeira, com instrumentos e ladainhas em Rio Branco (CAVALCANTE, 2007, p. 38).

A presença de Natálio Miranda dos Santos, o Baiano (Imagem 3), no Acre, conforme narrativa acima, estaria relacionada com a sua vinda da Bahia, junto com outros baianos, para trabalhar na construção da ponte Coronel Sebastião Dantas, no ano de 1973, período que converge com edificação da segunda ponte (1971 a 1974), ou seja, não tem relação com a construção da ponte Juscelino Kubitschek, inaugurada em 1971.

**Imagem 3** - Roda na academia da Cordão de Ouro Acre com a presença dos Mestres Onça, Suassuna, Xandão e Mestre Naná (camisa vermelha)



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Xandão (2007).



De acordo com Everaldo da Silva Soares, Mestre Cobra, desde que Natálio Miranda dos Santos chegou ao Acre passou a residir no bairro Dom Giocondo<sup>12</sup>, região central da cidade de Rio Branco, conhecido como “Papoco”, próximo às pontes Juscelino Kubitschek e Coronel Sebastião Dantas.

Ainda segundo Mestre Cobra, durante muito tempo Natálio dos Santos (Imagem 4) foi morador do bairro Papoco e encarregado de obras junto com seu irmão mais velho, circunstância que possibilitou conhecer um pouco mais da história de Mestre Baiano, assim chamado pelos capoeiristas acreanos dada a sua origem, porém, seu verdadeiro apelido na capoeira era “Naná” desde os tempos de aluno com Mestre Caiçara na Bahia, conforme reitera Mestre Cobra.

**Imagem 4** - Encontro dos Mestres Cobra e Baiano (Naná) em Rio Branco/AC



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Cobra (2016).

<sup>12</sup> Outro morador do bairro e capoeirista, Eduardo Nonato de Freitas, Contramestre Edu, confirma a veracidade da informação acerca do Mestre Baiano.

Outrossim, importa salientar a descrição relativa à primeira roda de capoeira realizada no município de Rio Branco. Segundo consta, Natálio Miranda dos Santos, Mestre Naná<sup>13</sup>, junto com os outros baianos, teria organizado a primeira roda de capoeira na cidade. Entretanto, não encontramos qualquer documentação que comprove a realização da roda, embora tenhamos a narrativa em relevo:

Eles organizaram a primeira roda de capoeira com instrumentos e músicas que são cantadas até hoje. As apresentações aconteciam na escola de samba “Unidos do Bairro Quinze” e no bairro 6 de Agosto. O grande problema da época era a liberação para se apresentar em espaços públicos, conseguia através de conversas com policiais civis e o secretário de Segurança (SILVA, 2005, p. 30).

Destacamos que o relato acima, além de revelar a sua importância histórica, configura-se com uma das poucas versões que dispomos dos baianos capoeiristas, sendo resultado de entrevista realizada em vida com Mestre Naná. Porém, quando aditadas às demais narrativas de capoeiristas que conviveram com Mestre Naná, validam os fatos históricos, reforçando, por sua vez, o valor e o significado da fonte histórica.

Para tanto, cumpre sublinhar a compreensão de fonte histórica. Segundo Barros (2020), corresponde a tudo aquilo que foi produzido pelos seres humanos e que de algum modo, apresenta a sua relevância acerca do passado e seus desdobramentos no presente. Portanto, todas as narrativas que tenham no

---

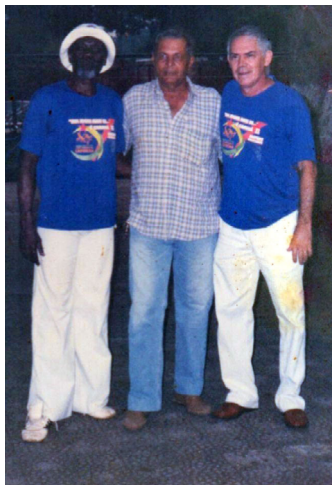
<sup>13</sup> Ressalta-se que o título de “mestre” é em razão do reconhecimento e respeito da comunidade de capoeiristas. Não se encontra nenhum registro que certifique a formatura de mestre de capoeira dos baianos.

horizonte a memória coletiva dos capoeiristas baianos, configura-se um dado histórico transcendente para a capoeira do Acre.

Ademais, notabilizamos narrativas sobre a existência de outros capoeiristas baianos no Acre, porém distantes do contexto alusivo à construção da ponte, por exemplo, Mestre Antônio Satanás e Mestre Coringa, ambos alunos formados pelo saudoso Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional ou Luta Regional Baiana.

Os relatos sobre Antônio Satanás (Imagem 5) dão conta de que ele teria sido um dos poucos alunos de Mestre Bimba a realizar e concluir o curso de Especialização da Capoeira Regional, destinado àqueles alunos formados por Mestre Bimba, cujo propósito era desenvolver mais a capoeira, a partir do ensinamento de técnicas de defesa e contra-ataque com o uso de armas (CAMPOS, 2009, p.62). O curso, além de secreto, tinha a duração de três meses, sendo uma parte desenvolvida na academia e outra, nas matas da chapada do rio Vermelho, com treinamento de guerrilha e emboscada.

**Imagem 5** - Mestres Onça, Satanás e Deputado em Rio Branco/AC



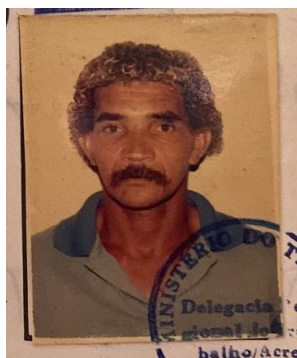
**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Sapo (2004).

Segundo Francisco Alexandre da Silva, Mestre Xandão, Antônio Satanás era funcionário da Petrobrás e possuía certo poder aquisitivo, o que indica ter ensejado a sua vinda para o Acre, visando se tornar fazendeiro, hipótese que conflui, especialmente, pelo contexto de expansão agropecuária estimulado pelo *slogan* do governo de Wanderlei Dantas, que anunciava: “Acre é o Nordeste sem seca e o Sul sem geadas” (SOUZA, 2009).

Nesse sentido, os indícios sugerem que a vinda de Antônio Satanás para o Acre, intentando se tornar criador de gado, remonta ao final da década de 1970, e, apesar de não ter desenvolvido trabalho com a capoeira no estado, participou de algumas atividades realizadas pela Liga Acreana de Capoeira, até mesmo visitando algumas rodas na academia de Mestre Xandão, por volta dos anos 2000, chegando, inclusive, a procurar um conhecido amigo da Bahia, Mestre Deputado, conforme atesta Mestre Xandão.

Por outro lado, no que diz respeito a Antônio Carlos Ribeiro de Jesus, o ilustre Mestre Coringa (Imagem 6), as narrativas podem ser evidenciadas pelos alunos que o Mestre teve no Acre, tais como Luiz Rodomilson dos Santos, conhecido como Roda, e Iti Oti.

**Imagem 6** – Foto da carteira de trabalho de Mestre Coringa



**Fonte:** Acervo de pessoal de Cauyza Ribeiro.

Mestre Coringa nasceu em 1948, nas proximidades da fazenda Araripe, filho mais velho dentre 17 irmãos, sendo registrado no distrito de Santiago do Iguape, na época, vinculado ao município de Cachoeira, Bahia.

De acordo com Cauyza de Freitas Ribeiro, única filha do Mestre Coringa, desde muito cedo o primogênito de dona Raulita Santos de Jesus teve que trabalhar para ajudar nas despesas de casa, situação que possibilitou, depois de certo tempo, tornar-se bancário em Salvador, cidade na qual morou até novembro de 1985, ano em que decidiu viajar com a intenção de expandir a capoeira para o mundo.

Ainda consoante a Cauyza, Mestre Coringa tinha a intenção de ir para Angola para desenvolver um trabalho com a capoeira, mas por alguma razão os caminhos apontaram para São Paulo, em seguida para alguns estados da região Norte do Brasil, finalmente, chegando ao Acre, estado que adotou como a segunda terra.

No entanto, residindo no estado do Acre, os relatos aludem que Coringa se tornou funcionário da antiga Electroacre, mas não se sabe até que ponto a capoeira seguiu no horizonte da caminhada de Coringa. Segundo relato, Roda menciona que, próximo à sua casa, o Mestre Coringa, antes de ir para o trabalho, realizava treinos matinais. Isso instigou a curiosidade de Roda. Assim, ele procurou o Mestre que lhe explicou se tratar de capoeira, passando, posteriormente, a ensinar a Roda e a alguns jovens do bairro onde residiam.

No ano de 2014, na ocasião do "Encontro Internacional Capoeira Aruanda", evento organizado pelo grupo Aruanda, o qual consagrou Borracha (Austrália) e Falcão como mestres de capoeira, Mestre Coringa recebeu uma sin-

gela homenagem, mobilizada por Mestre Boa Gente<sup>14</sup> (Imagem 7), o qual fez questão de lembrar a todos os presentes a importância do Mestre Coringa para a sua formação, mas, principalmente, o grande ser humano e capoeirista que foi em Salvador. No dia 14 de novembro do mesmo ano, Mestre Coringa veio a falecer em decorrência de complicações de um câncer, deixando um significativo legado para a capoeira e permanecendo na memória dos capoeiristas do Acre.

Os relatos sobre os capoeiristas baianos enfatizam de forma indelével a importância para a capoeira do Acre. Não por acaso, as narrativas permeiam a memória coletiva de muitos capoeiristas da atualidade. Além disso, nota-se que depois da construção da ponte Coronel Sebastião Dantas, os relatos denotam que muitos baianos retornaram para sua terra natal, ficando no Acre, Natálio Miranda dos Santos, Mestre Naná, assim como os baianos que vieram para o Acre em busca de construir uma nova vida, como Mestre Antônio Satanás e Antônio Carlos Ribeiro de Jesus, Mestre Coringa.

**Imagem 7** - Mestres Boa Gente e Coringa em Rio Branco/AC



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Borracha (2014).

<sup>14</sup> Em entrevista no *YouTube* sobre a sua trajetória na capoeira, Mestre Boa Gente faz questão de lembrar que foi aluno de Mestre Gato Preto, Mestre Vermelho 27 e Mestre Coringa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h08vLc1jATY&t=407s>, acesso: 17 jan. 2022.

Todavia, destacamos que não encontramos outros dados históricos que corroborem os detalhes acerca da presença dos baianos, tampouco informações de jornais sobre o desdobramento de suas atividades em Rio Branco no período de 1971 a 1985. Obviamente, a escassez de fontes não implica na hipótese de inexistência da capoeira no Acre, uma vez que a produção científica indica casos fortuitos de outros capoeiristas na cidade:

[...] por volta de 1975, Arlúcio da Silva Cardoso, se junta com seu amigo de bairro, Juscelino e começam a brincar de Capoeira, nas férias escolares, Ricardo, estudante de Engenharia na cidade do Rio de Janeiro, vem passar com os familiares, e encontra os colegas de infância, Lúcio e Juscelino, depois de uma boa conversa, os três amigos, descobrem que tem mais uma coisa em comum, todos gostam e praticam Capoeira. Ricardo, estudante universitário, nas horas de folga, pratica Capoeira em uma academia do Rio de Janeiro, como já tem mais experiência, começa a ensinar o que sabe para os amigos Lúcio e Juscelino, ao som de um LP de Capoeira trazido consigo para as suas férias (RODRIGUES, 2001, p. 43).

Não obstante aos encontros entre Arlúcio Cardoso, Juscelino Rodrigues e Ricardo Marques, o Quinho, serem uma realidade, observamos certa lacuna na consolidação da capoeira em Rio Branco, uma vez que as atividades entre os capoeiristas, pela descrição em relevo, não evidenciavam uma prática de fluxo contínuo, muito menos um projeto de formalização de um grupo de capoeira.

De modo geral, a prática da capoeira no Acre, nesse lapso de tempo, sugere o desenvolvimento de atividades iso-

ladas de alguns “capoeiristas de rua”<sup>15</sup>, mas nada que apontasse para efetividade da capoeira em Rio Branco, pelo menos até o início da década de 1980, quando chega ao estado do Acre, o capoeirista e piloto de aviação Rodolfo Pereira Júnior.

### 1.3.2 MESTRE RODOLFO E O GRUPO CATIVEIRO

Pouco conhecemos sobre a biografia de Rodolfo Pereira Júnior (Imagem 8). Entretanto, sabemos que Rodolfo nasceu na cidade de Santos, estado de São Paulo, no dia 10 de abril de 1950, filho mais velho de Rodolfo Pereira e Junia da Silva Muniz, tendo como irmã consanguínea Leda Maria Muniz e mais dois irmãos uterinos, conhecidos como Roberto e Dinho, informações essas autenticadas por Eró<sup>16</sup>.

**Imagem 8** - Rodolfo em sua residência em Rio Branco



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Carlão (1985).

<sup>15</sup> Consideramos aqui “capoeiristas de rua” ou “capoeira de rua” os praticantes ou as práticas que não se estabelecem efetivamente num espaço específico (academia de capoeira) sob a perspectiva de uma organização identitária de grupo de capoeira para a sua vivência.

<sup>16</sup> Maria Eronildes Cavalcante de Oliveira, “Eró”, conheceu Rodolfo quando saiu de sua cidade natal, Tarauacá, para morar em Rio Branco. Na época, Rodolfo sempre fazia voos entre Rio Branco e Tarauacá. Na oportunidade, os familiares de Eró, especialmente sua irmã, sempre enviavam cartas através de Rodolfo. Depois de certo tempo de convivência, Eró e Rodolfo oficializaram um namoro, em seguida o noivado, relação essa que durou por mais de 10 anos – Entrevista concedida por meio de aplicativo de mensagem em 25/03/2022.



A trajetória de Rodolfo na capoeira também é cheia de mistério. No entanto, constatamos que Rodolfo foi aluno formado de Mestre Suassuna, do grupo Cordão de Ouro, em 1973, ficando no grupo até 1978, quando ele e mais cinco amigos, Miguel Machado, Eli Pimenta, Caio, Belisco e Sidão fundaram o grupo Cataveiro, na cidade de São Paulo, sendo que entre os seis capoeiristas, apenas Miguel Machado não havia sido aluno de Mestre Suassuna, segundo Corsi (2017, p. 142).

De acordo com o jornal impresso *O Rio Branco*, de 1982, intitulado "Agilidade, manha, astúcia, luta, dança, coreografia: a capoeira chegou ao Acre", Rodolfo (Imagem 9) começou a aprender capoeira com 21 anos de idade, com o famoso Mestre Suassuna, depois treinou com os Mestres Miguel, Caio e Saruê e desde 1973 já ministrava aulas de capoeira.

**Imagem 9** - Mestre Rodolfo no seu apartamento em Rio Branco/AC



**Fonte:** Acervo pessoal de Francisco de Castro "Marrom" (1983).

Além disso, não é certa a razão que demonstre o porquê do deslocamento de Rodolfo para o Acre. Segundo relatos de Eró, Mestre Rodolfo tinha muita dificuldade de conseguir emprego na área de aviação comercial em São Paulo, apesar de ter concluído o curso de formação para piloto de aviação civil. Tudo indica que o empecilho era o fato de ser negro, tendo enfrentado, inclusive, uma série de preconceitos. “[...] Rodolfo se sentia muito acolhido no Acre, se sentia gente, como se tivesse encontrado o seu lugar, sua família, diferente de São Paulo, e quando morresse, falava em ser enterrado no Acre” (Capoeirista Maria Eronildes Cavalcante de Oliveira “Eró”, aluna de Mestre Rodolfo – Entrevista concedida por meio de aplicativo de mensagem em 25/03/2022).

No entanto, é provável que Rodolfo tenha chegado ao estado em meados de 1979, sobretudo, a partir do convite de um amigo, chamado Mauro, também piloto da aviação civil na cidade de São Paulo. Ainda de acordo com Eró (2022), Mauro teria convencido Rodolfo de que no Acre a oportunidade para ingressar como piloto de táxi aéreo era maior, principalmente, dada a carência de profissionais na região, fato que se revela bastante elucidativo, tendo em vista que o primeiro emprego de Rodolfo, no estado, foi como piloto comercial na empresa de Táxi Aéreo do Vale do Juruá, Tavaj, sendo essa a hipótese mais remota sobre a presença de Rodolfo em Rio Branco, capital do estado do Acre.

Apesar de poucas informações sobre a vida de Rodolfo (Imagem 10), não há dúvidas quanto à sua importância e compromisso para com a capoeira, especialmente, por ter sido o responsável pela abertura da primeira escola de capoeira no Acre, assim como o primeiro a organizar um batizado de capoeira em Rio Branco, evidenciando, por sua vez,

um novo momento no percurso da capoeira no estado e, particularmente, por todo trabalho desenvolvido com o grupo “Cativeiro” nos municípios de Rio Branco, Feijó e Tarauacá, logo se tornando um dos precursores da capoeira acreana.

**Imagem 10** - Saruê, Rodolfo, Carlão e Cobra em batizado de capoeira na cidade de Amparo/SP



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Carlão (1973).

Portanto, observamos que, com a chegada de Mestre Rodolfo ao Acre, surge o aprimoramento da capoeira como uma prática esportiva e disseminada, dentro de uma lógica sistemática, através de uma organização de treinos, uniformização, realização de eventos e apresentações em praças, bem como intercâmbio entre os capoeiristas locais com os de outros estados. Tudo isso fortaleceu ainda mais a capoeira no estado, com a presença de vários capoeiristas de renome no Brasil, inserindo o Acre na rota do cenário nacional da capoeira.

Percebemos que Rodolfo Pereira Júnior, o Mestre Rodolfo, realmente foi o primeiro a institucionalizar a capoeira na cidade de Rio Branco, em 1982; entretanto, as capoeiras realizadas pelos trabalhadores baianos, em 1973, parecem ter continuado, ainda que timidamente, até a chegada do Mestre Rodolfo (FERNANDES, 2012, p. 162).

Convém salientar que, antes de Mestre Rodolfo, muito pouco foi realizado em termos de trabalho sistemático com a capoeira em Rio Branco. Entretanto, constatamos que, aditadas as narrativas dos baianos, alguns jovens artistas acreanos eventualmente se reuniam na praça Plácido de Castro para realizar apresentações artísticas referentes ao Dia da Consciência Negra e outras atividades culturais, entre elas, a capoeira.

[...] eu fazia parte de um grupo chamado Teatro Horta que trabalhava com várias artes e numa atividade da universidade, nós fomos convidados, como era músico percussionista, fazer uma roda na praça em cerimônia ao dia 20 de novembro, era uma comemoração do dia 20 de novembro. Nessa roda na praça, duas pessoas, lembro bem que estavam, era o Juscelino e o Arlúcio. Depois de uma brincadeira lá, estava tocando berimbau, chegou um cara e pediu para participar. Jogou bem e tal, depois ele pediu a palavra para falar no evento e parabenizou o grupo por estar tentando fazer aquela apresentação de uma roda de capoeira. [...] depois da apresentação ele me procurou, disse: cara é o seguinte, eu sou mestre de capoeira e piloto de avião, vim trabalhar aqui como piloto (Acho que era na Tavaj ou algumas daquelas empresas de táxi aéreo), mas eu queria também fazer um grupo para começar a trabalhar e a ensinar a capoeira como deve ser ensinada, já tenho aluno formado

e gostaria de juntar um grupo, você não topa fazer esse grupo comigo? (Capoeirista Silvio Margarido “Tucum”, aluno de Mestre Rodolfo – Entrevista concedida em 02/06/2021).

De acordo com o relato de Margarido, as atividades que envolviam a capoeira na cidade, estavam relacionadas às celebrações do Dia da Consciência Negra, especialmente, vinculadas a um pequeno grupo de artistas, em torno do Teatro Horta, que foi inaugurado em meados de 1980, no bairro Estação Experimental.

No entanto, interessa observar que a data alusiva ao “Dia da Consciência Negra”, descrita por Tucum, só foi instituída no Brasil em 2011<sup>17</sup>, principalmente pela ressonância da obrigatoriedade da História e Cultura Afro-brasileira nos currículos da rede de ensino em 2003<sup>18</sup>. Nesse sentido, a narrativa apresentada chama atenção pela memória hodierna dos capoeiristas que muito antes das celebrações referentes ao Dia da Consciência Negra, enquanto data instituída, reuniam um pequeno grupo em torno dos trabalhos de pesquisa com cinema, teatro, artes plásticas, artesanato, música, fotografia, literatura, capoeira, percussão, cultura afro-brasileira, todas as atividades coordenadas pelo grupo Semente de Teatro Amador.

Conforme verificamos no acervo d’*O Jornal* (Imagem 11), e em harmonia com o relato, provavelmente Mes-

<sup>17</sup> BRASIL. **Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011**. Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12519.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12519.htm). Acesso em: 02 ago. 2022.

<sup>18</sup> BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>. Acesso em: 02 ago. 2022.

tre Rodolfo tenha chegado ao Acre em 1979, iniciando os trabalhos com a capoeira em 1980. Do mesmo modo, incide a produção acadêmica, na qual Rodrigues (2001, p. 43) destaca que, “[...] em 1980, Ariosto, Sílvio Margarido (Tucum), Salomão (Raymon), Beth Maia e Johnson, praticam Capoeira no Teatro Horta, no bairro Estação Experimental”.

**Imagem 11** – Convite para inauguração do Teatro Horta em *O Jornal* de 1980



Fonte: Hemeroteca digital (1980).

Assim, à medida que as atividades com a capoeira estavam quase sempre vinculadas à proposta de intervenção com o grupo de Teatro Horta, Mestre Rodolfo visualizou a necessidade de ampliar o trabalho, buscando atrair novos adeptos para a prática da capoeira. Segundo Cavalcante (2007), Mestre Rodolfo transferiu os treinos de capoeira “[...] para o

Clube Vasco da Gama, depois para o Clube Juventus, transferindo-se definitivamente para a sede do SESC” (DERZE, 2007 *apud* CAVALCANTE, 2007, p. 37).

Nesse sentido, identificamos que foi no Serviço Social do Comércio (Sesc), Centro, local no qual a capoeira em Rio Branco se efetivou, especialmente, a partir do convite feito ao Mestre Rodolfo para estabelecer um consolidado trabalho esportivo com a capoeira para os comerciários. Em suma, o que verificamos é a formação do primeiro núcleo de capoeira do estado do Acre, composto por aqueles alunos que procuravam o Sesc para desenvolver alguma atividade física, mas também alunos apadrinhados pelo Mestre Rodolfo (Imagem 12).

**Imagem 12** - Mestre Rodolfo e alunos na roda de capoeira no Sesc/AC



**Fonte:** Acervo pessoal de Sílvia Margarido “Tucum” (1982).

A partir da capoeira no Sesc, muitos acreanos passaram a ter o primeiro contato com essa manifestação cultural, fossem atraídos pelas frequentes rodas realizadas por Rodolfo

na praça, com seu pequeno grupo de alunos, ou mesmo pelo imenso fascínio despertado em adultos e crianças nas apresentações (Imagem 13), quando muitos começaram a praticar capoeira regularmente a partir das orientações de Mestre Rodolfo.

**Imagem 13** - Apresentação de capoeira em Rio Branco/AC



**Fonte:** Acervo pessoal de Carlos Alberto Aguiar Gouveia "Alemão" (1983).

Todo esse processo de institucionalização da capoeira no Sesc permitiu a sua expansão, ou seja, "foi aí que se formalizou de fato uma escola de capoeira, se falava em escola de capoeira, vinculava-se ao Mestre Rodolfo no Sesc, todo mundo sabia" (Carlos Alberto Aguiar Gouveia "Alemão", ex-aluno de Mestre Rodolfo - Entrevista concedida em 18/09/2021).

Entre os vários alunos de Mestre Rodolfo na década de 1980 (Imagens 14 e 15), destacam-se Francisco Fontes de Castro, "Marrom"; Fernando França Câmara, "Buriti"; Carlos Alberto Aguiar Gouveia, "Alemão"; Shirley Torres de Araújo;



Sílvia Francisco Lima Margarido, "Tucum"; Ariosto Pires Miguéis Filho, "Ariostinho"; Antônio Carlos Alencar do Nascimento, "Elétrico"; Júlio César Brasil Cruz de Lima, "Mestre Julinho"; Marco Antônio Cruz de Lima, "Mestre Marquinho Brasil"; Elizabeth Tavares Maia, "Beth"; Cleonice Maria de Lima Pereira de Araújo, "Quequê"; Normely Tinôco de Carvalho, Meury"; Ivan de Castela, "Curumim"; Carlos César Maia, "Cascão"; José Carlos Gomes de Almeida, "Marimbondo"; Salomão Matos de Paula, "Raymon"; Arlúcio da Silva Cardoso, "Lúcio"; Adalcides Aldaci Nunes de Amorim, "Tainha"; Manoel Menezes de Araújo, "Manoelzão"; Antonio Domingos, "Papagaia"; "Sucuri", Assis, "Pelicano"; Eliezer Silva, "Patetão"; Eró Cavalcante; "Pacarana"; "Janaú"; "Pium"; "Saracura"; "Zizo", entre tantos outros alunos que aprenderam e desenvolveram a capoeira com Rodolfo<sup>19</sup>.

**Imagem 14** - Mestre Rodolfo e alunos em apresentação no Educandário Santa Margarida em Rio Branco/AC



**Fonte:** Acervo pessoal de Francisco de Castro, "Marrom" (1983).

<sup>19</sup> Sabemos que, dentre os alunos de Mestre Rodolfo, na década de 1980, no Acre, atualmente se mantêm ativos desenvolvendo trabalhos com a capoeira apenas o Mestre Papagaia, no grupo AcreBrasil em Rio Branco/AC, Mestre Julinho, com o grupo de Capoeira Terra Brasil, e Mestre Marquinho Brasil, que integra o grupo de Capoeira Ilha de Mar Grande, os dois últimos residem em Pelotas/RS.

**Imagem 15** - Mestre Rodolfo e os alunos Janaú, Cascão e Marrom na roda de capoeira na Associação dos Servidores Municipais de Rio Branco/AC



**Fonte:** Acervo pessoal de Francisco de Castro "Marrom" (1984).

Assim, muitos acreanos passaram a vivenciar a capoeira como uma prática contínua na cidade de Rio Branco, tanto pelo catálogo de atividades disponíveis no Sesc, momento em que a capoeira acaba se expandindo, como pelos locais nos quais Mestre Rodolfo havia passado, por exemplo, as atividades desenvolvidas no bairro da Estação Experimental, nas proximidades do Teatro Horta, na Fundação de Bem-Estar Social do Acre (Funbesa). Após a saída de Mestre Rodolfo do espaço, os capoeiristas Salomão, Marimbondo e Papagaia, por morarem no bairro, continuaram com as atividades de forma esporádica.

De modo geral, os acontecimentos em volta do trabalho de Mestre Rodolfo, revelam uma rica experiência da capoeira acreana, isto é, "onde há experiência, no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo" (BENJAMIN, 1994, p. 97).

Por esse ângulo, os marcos dessa memória podem ser encontrados na série de eventos e atividades realizadas nesse período, como o espetáculo “Capoeira”, anunciado pelo jornal *O Rio Branco*, no qual se observa um jogo de capoeira entre dois capoeiristas, Toni Vargas, aplicando uma “tesoura”, e Carlão, buscando sair do golpe, tendo ao fundo, no berimbau, Mestre Rodolfo (Imagem 16).

**Imagem 16** - Jornal *O Rio Branco* de 1982

**Hoje tem espetáculo:  
capoeira**

Nesta capital os mestres Carlão e Foni do Grupo Senzala do Rio de Janeiro, Miguel Machado e Caio Eduardo do grupo Cativoiro de São Paulo. Isso para a realização do Batismo de Capoeira que se realizará hoje no Vasco da Gama (centro), às 16 horas para trinta alunos da Academia de Capoeira do Sesc.

Segundo Rodolfo, mestre de capoeira nesta capital, o Batismo "é a primeira corda que o aluno recebe. A cor é amarela".

A Academia do Sesc utiliza a classificação de cordas do Grupo Cativoiro, sete ao todo: preta se alcança o grau de mestre: amarela, laranja, azul, verde, rosa, marrom e branca.

Um aluno que chegar a 6ª corda pode se considerar formado, podendo inclusive montar a sua própria academia.

A capoeira é um dos mais importantes traços da herança africana legada à nossa cultura. Essa expressão de corpo traduz a força da resistência negra, junto com outras formas culturais, frente à dominação do branco colonizador. A capoeira é ainda um ótimo trabalho que reúne técnica e arte, para manter o equilíbrio e o ritmo.

Hoje, por ocasião do batismo, haverá também uma roda de capoeira entre os mestres presentes, seguida de uma apresentação de Maculelê, dança típica da Bahia.

**Fonte:** Acervo pessoal dos Mestres Julinho Brasil e Marquinho Brasil (1982).

Os aspectos significativos dessa experiência coletiva se referem a tudo aquilo que se conserva pela memória, seja individual ou coletiva, mas que através das lembranças, possibilita integrar a vida dos sujeitos a resíduos transcendentais da experiência do passado, principalmente, com o auxílio das fontes e documentos históricos que contribuem para esse exercício. Todavia, destacamos que os documentos não falam por si, nisso consiste o trabalho historiográfico, que “[...] é um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo sem fim entre o passado e o presente” (CARR, 2002, p. 29).

Em outra matéria publicada no jornal *Diário do Acre*, em 24 de outubro de 1982, verificamos o anúncio referente à realização do primeiro Batizado de Capoeira (Imagem 17). Foi o primeiro grande evento de capoeira organizado no estado, em cuja cerimônia realizou-se a entrega da primeira graduação de capoeira (batizado) para aproximadamente 30 alunos da Academia do Sesc. O evento contou com a participação de mestres de outros estados (Imagens 18 e 19).

**Imagem 17** - *Jornal Diário do Acre* de 24/10/1982

## Grandes mestres da capoeira virão ao Acre

*Pelo menos dois grandes nomes da capoeira no Sul do país, mestre Caio Duarte do Rio de Janeiro e mestre Miguel de São Paulo, estarão em Rio Branco, dia 30 deste mês, para presidi-rem, pela primeira vez em nosso Estado, um "Batismo de Capoeira", cerimônia que consistirá na entrega da primeira corda a 30 alunos da Academia de Capoeira do Sesc, conhecida como Grupo Cativoiro.*

*Segundo o professor da Academia do Sesc, mestre Rodolfo Pereira Junior, piloto comercial da empresa aérea Tatuaj, morando há dois anos no Acre e capoeirista desde 1970, apenas o local do Batismo de Capoeira ainda não foi definido, devido ao grande número de pessoas que deverão assisti-la. "Tem que ser um local com muito espaço, diz o mestre e revela que após a entrega das cordas, haverá uma sessão al Roda de Capoeira, com apresentação dos mestres convidados, além de uma exibição de Maculelê, dança típica da Bahia.*

*Quem estiver interessado em jogar capoeira, as inscrições estão abertas diariamente, das 12 às 20 horas, no setor de esportes do Sesc, com o professor*



Mestre Rodolfo dá uma lição e mestre Caio defende-se com uma rasteira.

*Roberto Din Sena. O preço por semestre é de Cr\$ 600,00 para comerciantes e de Cr\$ 3.000,00, para não comerciantes, podendo ainda inscrever-se pessoa de qualquer sexo, a partir dos 8 anos de idade.*

Fonte: Hemeroteca digital (1982).

**Imagem 18** - 1º Batizado de capoeira no Acre promovido por Mestre Rodolfo



**Fonte:** Acervo pessoal dos Mestres Julinho Brasil e Marquinho Brasil (1982).

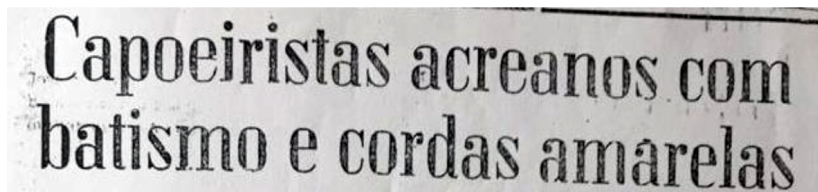
**Imagem 19** - Mestres Carlão, Toni Vargas, Rodolfo, Caio, Miguel e alunos batizados



**Fonte:** Acervo pessoal dos Mestres Julinho Brasil e Marquinho Brasil (1982).

Notamos em outro jornal impresso, informações sobre o evento, como verificamos nas descrições do jornal *O Rio Branco*, publicado no dia 30 de outubro de 1982, no qual Mestre Rodolfo revela a pretensão de realizar, durante o evento, uma homenagem póstuma aos Mestres Romildo, Muzenza, Bicão e Gilvan, mortos tragicamente, além de outras apresentações, como maculelê. Ainda de acordo com o jornal, Mestre Rodolfo salienta que batismo de capoeira é a primeira corda que o aluno recebe, isto é, a corda amarela, conforme se enfatiza no título da matéria (Imagem 20).

**Imagem 20** - Jornal *O Rio Branco* de 30/10/1982



**Fonte:** Acervo impresso do jornal *O Rio Branco* (1982).

Destacamos que o sistema de graduação adotado pelo grupo Cativoiro no Acre, na época, utilizava a “[...] graduação do grupo Sensala com permissão de Mestre Camisa” (RODRIGUES, 2001, p. 45), fato que converge com o relato de Marrom:

O Rodolfo era muito amigo do Mestre Camisa, tinha uma grande admiração por Camisa, então Rodolfo assumiu compromisso com o Mestre Camisa de começar um trabalho utilizando a graduação do grupo Sensala. [...] Nós treinávamos no grupo Cativoiro seguindo a filosofia do grupo Sensala do Mestre Camisa. Rodolfo dizia, não sou Cativoiro e nem Sensala, vamos fazer um trabalho direcionado com Mestre Camisa, até chegar no nível do Camisa dizer - ó vocês podem incorporar o sistema

Senzala (Francisco Fontes de Castro "Marrom", aluno de Mestre Rodolfo - Entrevista concedida em 29/05/2021).

A classificação de graduações assumida por Mestre Rodolfo considerava um total de sete cordas, a saber: amarela, laranja, azul, verde, roxa, marrom e branca. Na oportunidade do batizado realizado em 1982, apenas Arlúcio Cardoso, "Lúcio", não recebeu a primeira graduação, dada a sua experiência com a capoeira, recebendo por sua vez, a graduação de corda azul, isto é, graduado.

O Arlúcio era marido de uma funcionária do Sesc e capoeirista de rua, assim que o Rodolfo começou a trabalhar no Sesc, ele procurou o Mestre Rodolfo para treinar, daí Rodolfo disse - nós vamos fazer o primeiro batizado, eu vou te dar uma corda de graduado, nisso você já fica com a gente, porque você já tem um tempo de capoeira, quando eu cheguei, você já treinava, então eu vou te graduar (Francisco Fontes de Castro, "Marrom", aluno de Mestre Rodolfo - Entrevista concedida em 29/05/2021).

No conjunto de convidados especiais para o primeiro batizado de capoeira no Acre, Mestre Rodolfo trouxe aqueles amigos mais próximos dentro do cenário nacional, como Mestre Miguel Machado (SP), Mestre Caio Duarte (RJ), Mestre Toni Vargas (RJ) e Mestre Carlão (SP), sendo este último aluno formado por Mestre Rodolfo em São Paulo.

Após a realização do primeiro evento, várias outras atividades de capoeira foram desenvolvidas em Rio Branco, no decorrer dos anos, sob a coordenação de Mestre Rodolfo, por exemplo, a realização do 2º batizado de capoeira no ano de 1983 (Imagem 21), com a presença de "[...] Caio, Mi-

guel, Carlão e Valdemar da Liberdade, que apesar da idade avançada, demonstra vários movimentos num jogo de Angola, em plena Praça Plácido de Castro e professor Cobra” (RODRIGUES, 2001, p. 44-45). Segundo Mestre Cobra (RJ)<sup>20</sup>, na época aluno de Mestre Carlão, foi em razão da viagem para o Acre que teve a oportunidade de conhecer Mestre Camisa, também presente no evento, pelo qual passou a nutrir uma longa amizade e admiração.

**Imagem 21** - 2º Batizado de capoeira no Acre promovido por Mestre Rodolfo



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Carlão (1983).

Desde que os eventos de capoeira passaram a fazer parte de um calendário anual na cidade de Rio Branco,

<sup>20</sup> Mestre Cobra atualmente faz parte da Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira (Abadá), relato sobre a trajetória de Mestre Cobra, mostra que foi um dos alunos mais dedicados de Mestre Carlão na cidade de Amparo (SP). Disponível em: <https://abadarodos.wordpress.com/informacoes/mestre-cobra/>. Acesso em: 24 fev. 2022.



Mestre Rodolfo ampliava cada vez mais o desenvolvimento da capoeira no estado, principalmente devido à sua notória influência na sociedade rio-branquense, fato que permitia inserir diversas classes sociais nas aulas de capoeira.

Assim, o prolongamento do ano de 1984 assinala um importante momento para os capoeiristas acreanos: primeiro, pelo processo inicial de interiorização da capoeira nos municípios do Acre, através do trabalho desenvolvido em Feijó; segundo, pela participação de alunos em eventos fora do estado, fortalecendo, por sua vez, a difusão e promoção da capoeira do Acre.

No que se refere à interiorização da capoeira nos municípios do estado “[...] em 1984, Júlio Farias, aluno de Mestre Rodolfo, inicia aulas para alunos indígenas no município acreano de Feijó” (RODRIGUES, 2011, p. 45). Como se comprova, foi através de um aluno que trabalhava na Fundação Nacional do Índio (Funai) que Mestre Rodolfo semeou as atividades com a capoeira em outros municípios, chegando a promover intercâmbio entre os alunos do interior com a capital:

Rodolfo treinou uns índios de Tarauacá também, os índios vieram até para Rio Branco, participaram de batizado [...] a gente fez roda numa aldeia indígena lá em Feijó, foi eu, Cascão, Júlio Farias, inclusive o Júlio era o chefe da Funai lá de Feijó. Eu não me lembro se o Papagaia foi, sei que a gente foi em grupo e fizemos uma roda de capoeira lá dentro da aldeia indígena em Feijó (Francisco Fontes de Castro “Marrom”, aluno de Mestre Rodolfo - Entrevista concedida em 29/05/2021).

Além disso, não só pela interiorização da capoeira em 1984 se fez importante, uma vez que, no corrente ano,

"[...] Mestre Rodolfo e seu aluno graduado Marrom, participaram no Rio de Janeiro do I Encontro Internacional de Capoeira, com a presença de mestres como Camisa, Camisa Roxa, Itapuã" (RODRIGUES, 2001, p. 45).

No ano seguinte, em 1985, Mestre Rodolfo articula a viagem de outros capoeiristas acreanos para a cidade do Rio de Janeiro, entre eles, Marrom, Marimbondo, Salomão, Cascão, Papagaia e Júlio Farias, os quais tinham o intuito de aprimorar a capoeira com capoeiristas referências no cenário nacional.

A vivência no Rio de Janeiro, proporcionada por Mestre Rodolfo, dadas as suas conexões e amizades com capoeiristas do cenário nacional, permitiu que os jovens capoeiristas acreanos ampliassem o horizonte da capoeira, justamente pela troca de experiência com capoeiristas como Nagô, Capixaba, Paulão Ceará, Carlão, Cobra e Menino de Ouro, entre outros.

[...] nós ficamos quase dois meses só para treinar, a gente treinava pela manhã com Mestre Paulão, corda marrom do Camisa, à noite treinávamos na academia do Camisa, depois íamos para academia do Caio, a gente treinava uma média de 6 horas por dia, duas horas em cada academia (Francisco Fontes de Castro, "Marrom", aluno de Mestre Rodolfo - Entrevista concedida em 29/05/2021).

Os contatos estabelecidos no Rio de Janeiro com alguns capoeiristas e o prestígio de Mestre Rodolfo em Rio Branco viabilizaram as condições para a realização do 3º batizado de capoeira em 1985. De acordo com o jornal *Repique*, publicado entre os dias 5 e 11 de agosto daquele ano (Imagem 22), o encanto do evento acabou ficando por conta

do comparecimento de mestres convidados de outros estados, especialmente, a presença, pela segunda vez, de Mestre Waldemar no Acre.

No respectivo evento, realizado na sede do clube Rio Branco, no dia 04 de agosto de 1985, além do batizado, ou seja, entrega da primeira graduação de capoeira, corda amarela, outros alunos receberam graduações mais elevadas, isto é, sete cordas laranjas, uma corda azul e uma corda verde.

**Imagem 22** - Jornal *Repiquete* de 5 a 11/08/1985



Fonte: Hemeroteca digital (1985).

Ainda conforme o jornal *Repiquete*, entre o seletivo grupo de convidados para o batizado, achavam-se Waldemar de Oliveira da Paixão ou “Waldemar da Paixão” ou “da Li-

berdade” (BA), Camisa (RJ), Miguel Machado (RS), Capixaba (ES), Paulão (RJ), Carlão (SP), Paulinho Sabiá (RJ) e Mudinho (RJ) (Imagem 23).

**Imagem 23** - 3º Batizado de capoeira no Acre promovido por Mestre Rodolfo



**Fonte:** Rodrigues (2001, p. 45).

Segundo Bruno Rodrigues (2001), Mestre Rodolfo promoveu um total de cinco batizados de capoeira em Rio Branco, incluindo em todos eles uma série de convidados e Mestres como forma de abrilhantar e localizar o Acre no cenário nacional da capoeira, conforme sintetizamos a seguir (Quadro 2).

**Quadro 2.** Batizados de capoeira organizados por Mestre Rodolfo no Acre

Batizado	Data	Local	Convidados
1º Batizado	31/10/1982	Clube Social do Vasco da Gama	Caio, Carlão, Miguel Machado e Toni Vargas
2º Batizado	1983	Clube Social do Vasco da Gama	Camisa, Carlão, Cobra e Miguel Machado
3º Batizado	04/08/1985	Clube Social do Rio Branco	Camisa, Capixaba, Carlão, Miguel Machado, Mudo, Paulão Ceará, Paulinho Sabiá e Waldemar Oliveira "Da paixão, da Liberdade"
4º Batizado	1986	*	*
5º Batizado	01/08/1987	Clube Social do Rio Branco	Camisa, Carlão, Miguel Machado, Nagô e Ratto

\* Não identificado

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

Destacamos que não foi possível encontrar matérias de jornais ou mesmo fontes que identificassem a data, local e convidados do 4º batizado de capoeira organizado por Mestre Rodolfo. Todavia, considerando as atividades contínuas de capoeira desenvolvidas por Rodolfo, acreditamos que o evento tenha sido realizado em 1986, posto que entre os alunos mais antigos do Mestre Rodolfo, em 1987, estava o graduado Marrom, corda verde, o que indica que este tenha recebido tal graduação em 1986, como se verifica no jornal *A Gazeta* de 1987 (Imagem 24).

**Imagem 24** - Apresentação de capoeira em homenagem ao embaixador francês no Acre



**Fonte:** Acervo impresso do jornal *A Gazeta* (1986).

Por outro lado, a notoriedade que a academia de capoeira do Sesc vinha ganhando em Rio Branco, com inúmeras apresentações e rodas nas praças, eventos com a presença de número considerável de público, fortalecia cada vez mais o trabalho do Mestre Rodolfo e alunos graduados.

Na imagem 24, observamos uma apresentação de capoeira de alguns alunos da academia do Sesc, em um jantar de homenagem oferecido pela governadora do estado do Acre, Iolanda Fleming, para o embaixador francês, Bernard Dorin, quando esteve em visita ao Acre em 1986.

Tal apresentação é muito relevante, pois revela a importância dos alunos mais graduados do Mestre Rodolfo, posto que, muitas vezes, Rodolfo precisava se ausentar das atividades com a capoeira, dada a sua função como piloto de aviação civil e as constantes viagens de trabalho, mas sempre deixando a responsabilidade das atividades e treinos de capoeira junto àqueles alunos mais graduados, como Lúcio, Marrom, Raymon, Marimbondo, Papagaia, Júlio Farias, entre outros graduados.

Em suma, podemos inferir que a trajetória da capoeira, a partir do sólido trabalho de Rodolfo, cujos eventos realizados pelo Mestre e seus alunos, como os batizados de capoeira, por exemplo, representam acontecimentos históricos significativos para visualizar a evolução da capoeira no Acre.

Nesse sentido, configura-se o sucesso do último batizado de capoeira realizado no estado por Mestre Rodolfo, conforme matéria publicada no jornal *A Gazeta*, do dia 2 de agosto de 1987, evidenciando parte dessa rica jornada (Imagem 25).

**Imagem 25** - Jornal *A Gazeta* de 02/08/1987



**Fonte:** Acervo impresso do jornal *A Gazeta* (1987).

De acordo com o jornal *A Gazeta*, o evento contou com a participação especial dos Mestres Camisa (RJ), Nagô (RJ), Miguel (BA), Carlão (SP) e Gatto (AM) e teve o apoio do coordenador de esportes do Sesc, Paulo Germano, como um dos responsáveis pela vinda dos Mestres para o V Batismo de Capoeira (Imagem 26).

**Imagem 26** - 5º Batizado de capoeira no Acre promovido por Mestre Rodolfo



**Fonte:** Acervo impresso do jornal *A Gazeta* (1987).

Entre todos os mestres convidados, Camisa era o mais aguardado, justamente por ser um capoeirista experiente, cujas inúmeras viagens pelo país e exterior possibilitaram divulgar mais a capoeira, resultando na sua notoriedade dentro e fora do Brasil, além de ter sido Mestre de Nagô.

As impressões sobre o evento e a capoeira no Acre, conforme a matéria do jornal, ficou por conta de Mestre Camisa, destacando o aprimoramento dos mais de 60 alunos que participaram do batizado de capoeira, segundo o qual, o nível não “deixava a desejar”, sendo considerado muito bom, principalmente pela capoeira praticada corretamente pelos acreanos, sob as orientações de Rodolfo, a quem Camisa via como um bom Mestre.

Após a realização do 5º batizado de capoeira no Acre, organizado por Mestre Rodolfo, em 1987, a capoeira em Rio Branco entra em um novo fluxo de atividades, sobretudo, com o protagonismo de outros capoeiristas graduados, dada a ausência de Mestre Rodolfo, motivada por uma viagem ao estado de São Paulo, em 1988, e seu posterior afastamento do Acre<sup>21</sup>. Desse modo, começam a surgir alguns tímidos trabalhos de capoeira a partir de Lúcio, Tainha, Dendê, Janaú, Papagaia, Marrom, entre outros.

De acordo com Eró, após três anos fora do estado, Rodolfo regressa para Rio Branco no começo de maio de 1991. No entanto, devido a aspectos legais relacionados ao judiciário, Rodolfo se apresenta às autoridades, o que também é confirmado por Rodrigues (2001, p. 45): “[...] após os trâmites legais é encaminhado ao presídio estadual Doutor Francisco de Oliveira Conde”

**Imagem 27** - Mestre Rodolfo (lado direito) jogando capoeira no presídio no Acre em 1991



**Fonte:** Cavalcante (2007, p. 39).

<sup>21</sup> Segundo matéria do *Jornal do Brasil* de 1988, Rodolfo Pereira Júnior, foi preso no dia 08 de fevereiro de 1988, em uma lanchonete na Zona Sul de São Paulo, junto com um colombiano e dois brasileiros, acusados de tráfico de drogas, a partir de investigações da Polícia Federal na “Operação Mosaico”. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 fev. 2022.



Destacamos que antes de retornar para o Acre, Rodolfo esteve recluso na Casa de Detenção de São Paulo, popularmente conhecida como “Carandiru”. Nesse período, Mestre Rodolfo não esqueceu a capoeira, circunstância que o levou a ministrar aulas, chegando a formar duas turmas, inclusive, realizando eventos dentro da Casa de Detenção, conforme atestam Eró e Marrom em entrevista.

No Acre, não foi diferente. Consoante a Rodrigues (2001), devido ao bom comportamento e trabalho na horta, Rodolfo foi autorizado a desenvolver um trabalho com a capoeira no presídio em Rio Branco, como se observa no recorte da matéria publicada no jornal *A Gazeta* em agosto de 1991 (Imagem 28).

**Imagem 28** - Jornal *A Gazeta* de 01/08/1991



**Fonte:** Acervo impresso do jornal *A Gazeta* (1991).

A notícia a despeito da prisão de Rodolfo deixou muitas pessoas atônitas. Obviamente, o referido episódio não maculou sua trajetória na capoeira acreana e toda sua importância histórica e educacional, uma vez que era muito admirado e querido por todos que praticavam capoeira, e nisso consistia o entusiasmo de Mestre Rodolfo em continuar ensinando, motivo que trazia alegria e esperança de “voltar à sociedade” e esquecer o terrível período de sofrimento na Casa de Detenção em São Paulo.

No entanto, em razão dos trâmites legais com a justiça do estado de São Paulo, Rodolfo não pôde permanecer por mais de cinco meses detido no Acre, conforme relata Eró, sendo transferido, em seguida, para o estado de São Paulo, em outubro de 1991, retornando, assim, ao “Carandiru”, no qual teve que cumprir o restante de sua pena.

Nesse período que Rodolfo esteve na Casa de Detenção em São Paulo, ocorreu uma grande rebelião, cujos efeitos resultaram na intervenção da Polícia Militar e posterior chacina dos encarcerados, que ficou mais conhecida como o “massacre do Carandiru”, mais tarde representado nos cinemas. Contudo, o que sabemos é que Rodolfo saiu ileso desse episódio.

Sabemos que o carinho e admiração que Rodolfo tinha pelo Acre fizeram com que, em meados de 1995, após o cumprimento de sua pena, regressasse a Rio Branco, reiniciando sua vida como piloto comercial na empresa Táxi Aéreo Céu Azul, Tacezul.

Diariamente, Rodolfo realizava voos noturnos para a cidade de Cruzeiro do Sul, estado do Acre. Paralelamente, continuava com as aulas de capoeira, entretanto não se sabe o local dos treinos. Contudo, segundo matéria do jornal *A Gazeta*, publicada em 15 de dezembro de 1996, realizada pelo editor chefe, Chico Araújo, Rodolfo havia confidenciado ao amigo que logo realizaria outro batizado de capoeira no Acre (Imagem 29).

Imagem 29 - Jornal A Gazeta de 15/12/1996

# Avião cai em Cruzeiro e mata piloto

## A última vez que eu o vi

**CHICO ARAÚJO**  
reportagem de A GAZETA

Cruzeiro - O piloto Rodolfo Junior Júnior, 43, foi encontrado morto no local do acidente de 10. Ela, juntamente com Jonas, Ediz, Henrique, Silvio Lima e outros outros pilotos, como avião a "capô" - o transporte aéreo no vale do Jarau. Na região, por muitos anos, a população se servia dos DC-3 e biplanos da Força Aérea Brasileira (FAB) para chegar a Rio Branco.

Mestre Rodolfo, como era chamado por todos, era bem recebido nos municípios onde chegava. Era alguém, como foi o caso de Teresacé, Encostas Altas, montando cursos de aviação. Foi lá que Rodolfo

Rodolfo veio cumprir o reser da pena em Rio Branco.

Depois de deixar o Penal de Rio Branco, o piloto Rodolfo Pereira Júnior voltou a trabalhar. No domingo passado, dia 8, esteve no aeroporto Presidente Médici. Para muita surpresa, o encontrou. Conversamos bastante e Rodolfo disse-me que estava fazendo um voo noturno para Cruzeiro do Sul. "É só eu e Deus, meu café", justificou-me o piloto. Disse-se atrevida, mas era aquela a maneira que tinha para ganhar a vida.

Os papos tinham alguns minutos. Foi aí, então, que Mestre Rodolfo me fez uma confissão: "Em breve vou fazer um batizado de capoeira no

O avião tipo Bandeirantes, modelo PT-119C, da empresa Taxi Aéreo Coo. Acel (Taxicoo), com matrícula de 228132, a 1 km da pista de Cruzeiro do Sul, a 644 km, mantendo uma pressão e deixando outras duas feridas, inclusive um abalo. No acidente morreu o piloto Rodolfo Pereira Júnior, 43, que era natural de Barrocas (SP).

Rodolfo, que era mestre em capoeira, morreu atirado. O avião caiu na margem do Igarapé Preto, na fazenda do ex-deputado federal João Tava, que fica a margem da estrada do aeroporto de Cruzeiro.

Antes da tragédia, o piloto Rodolfo Júnior manteve contato com a torre de controle. O operador Orlando Magalhães, que estava de plantão, informou que estava fazendo os procedimentos de voo para aterrissar. Disse que chamou depois. Esse foi o seu último contato com a torre de Instrução.

O co-piloto Carlos Augusto, 41, e o passageiro Antônio Grandidier, o Toninho, foram internados no Hospital de Cruzeiro.



Rodolfo Júnior, o piloto, morreu no acidente de Cruzeiro

**COMO FOI O ACIDENTE**

## Silvio diz que ele fez despedida de amigos

"Parece que ele sabia que ia morrer. Na sexta-feira se despediu e fez foto com todos mundo. Não o cara que ele não gostava aqui no aeroporto, ele estava de cumprimentar". O comentário é de um dos pilotos amigos de Rodolfo, que, como os demais, estava completamente transtornado com sua morte.

Os amigos contam que Rodolfo chegou no aeroporto na sexta-feira, como sempre muito alegre, cumprimentando a todos e fazendo fotografias com os amigos para garantir de lembrança.

Fonte: Acervo impresso do jornal A Gazeta (1996).

Apesar do entusiasmo e pretensão de Mestre Rodolfo em anunciar a organização de outro batizado de capoeira, o evento infelizmente não chegou a ocorrer, visto que, um voo noturno, numa sexta-feira 13, para a cidade de Cruzeiro do Sul, provavelmente pelas condições meteorológicas, resultou num desastre aéreo próximo ao aeroporto da cidade.

De acordo com os jornais *A Tribuna* e *A Gazeta*, ambos datados do dia 15 de dezembro de 1996, Rodolfo pilotava um avião tipo Bandeirantes, juntamente com o copiloto Carlos Augusto, conhecido como "Xuxa", e um tripulante, Antônio Alberto Marinho Grandidier, "Toninho". Apesar da forte chuva, as condições para pouso eram normais, segundo a torre de controle em Cruzeiro do Sul.

Assim, por volta das 22h30, Rodolfo mantém contato com a torre de controle, comunicando que faria os procedimentos de aterrissagem do avião e, em seguida, retornaria o contato com a torre da Infraero. No entanto, o piloto não retornou o contato, tampouco conseguiu levar a aeronave até a cabeceira da pista que ficava a mil metros, vindo a cair de

bico dentro do Igarapé Preto, área de difícil acesso, principalmente pelas condições do tempo.

Segundo os relatos dos jornais, o lado da aeronave onde estava o piloto Rodolfo ficou abaixo do nível da água, o que teria causado a sua morte por afogamento ou pelo impacto da batida. O copiloto, Xuxa, e o passageiro, Toninho, sobreviventes do trágico acidente, ficaram presos nas ferragens e com água na altura do pescoço, por quase dez horas, quando foram localizados os destroços do avião pelo piloto Sílvio Abílio de Lima, muito amigo de Rodolfo, depois de sobrevoar a área onde ocorreu o acidente e acionar a equipe de resgate (Imagem 30).

**Imagem 30** - Jornal A Tribuna de 15/12/1996



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Julinho Brasil (1996).

O acidente que vitimou o experiente piloto Rodolfo Pereira Júnior encerrou um grande capítulo na história da capoeira acreana de forma muito trágica, deixando lembranças e saudades do grande capoeirista e mestre responsável pela abertura da primeira escola de capoeira no Acre, formador de muitos cidadãos e capoeiristas. No jornal *A Gazeta* de 1991,

Rodolfo fazia questão de dizer que era no Acre que morava, era no Acre que gostaria de morrer, especialmente, dado o calor humano do povo acreano que permitia ser considerado gente, frisava o saudoso mestre.

Assim, conforme seu desejo, Mestre Rodolfo foi sepultado em Rio Branco, estado do Acre, no cemitério São João Batista no dia 15 de dezembro de 1996. Em síntese desse conjunto de memórias, a seguir, examinaremos brevemente, como o legado de Mestre Rodolfo impactou a formação de novos núcleos de capoeira em Rio Branco, por exemplo, os capoeiristas intitutados Liberdade.

### 1.3.3 CAPOEIRISTAS INTITULADOS “LIBERDADE”

Inicialmente, sobressai que parte do legado do trabalho educacional, cultural e esportivo deixado por Mestre Rodolfo, com a capoeira no estado do Acre, pode ser visualizado na extensão dos trabalhos de alguns de seus alunos graduados, principalmente, com o período de ausência do Mestre Rodolfo no Acre.

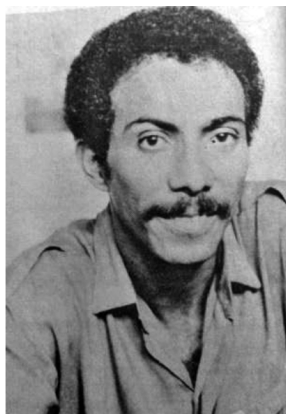
Desse modo, observamos que a prática da capoeira em Rio Branco, embora sem a presença de Rodolfo, ganhou maiores dimensões, na medida em que a sua difusão passou a ser assumida por alunos que treinaram na academia do Sesc, por exemplo, Antonio Domingos, “Papagaia”, e Arlúcio Cardoso, “Lúcio”, mobilizando o surgimento de novos espaços para a prática da capoeira, no decorrer de 1987 a 1991, como verificamos:

[...] apareceu várias pessoas dando aula, naquela época, quando o Rodolfo foi embora, o Papagaia ficou dando aula no SESC,

a gente continuou, mas depois nós fomos para a praça atrás do SESC, lá teve uma confusão, tivemos que sair e fomos para FETAC, depois para o SBORBA. Assim, as lideranças daquela época, nós tínhamos o Adalcides que tinha um grupo, já dava aula de capoeira, tínhamos também o finado Ricardo, inclusive, consegui vários espaços para o pessoal treinar; depois conseguiu o parque aquático de Rio Branco, não sei se o Pernambuco dava aula naquela época, mas lembro quem tinha trabalho com a capoeira era o Arlúcio, Adalcides, Ricardo e Papagaia, lembro que esses quatro davam aula (Deusmar Dutra da Silva, Mestre “Moreno”, ex-aluno de Mestre Rodolfo - Entrevista concedida em 25/05/2021).

Nesse período, muito do que tínhamos em relação à prática da capoeira como uma atividade contínua e, seguindo uma lógica sistemática ou aproximada daquilo que seriam os treinos de capoeira no Sesc sob a orientação de Mestre Rodolfo, referia-se ao trabalho do graduado Antonio Domingos, “Papagaia”, e às atividades lideradas por outro capoeirista também graduado, Arlúcio, “Lúcio” (Imagem 31).

**Imagem 31** - Jornal *A Gazeta* de 15/04/1990



**Fonte:** Acervo impresso do jornal *A Gazeta* (1990).

Segundo consta, Arlúcio da Silva Cardoso, "Lúcio", é acreano, nascido no dia 17 de setembro de 1958, na cidade de Rio Branco. No entanto, durante a adolescência, Arlúcio chegou a morar em outros estados que foram cruciais para seu primeiro contato com a capoeira.

Assim, sabemos que o primeiro contato de Arlúcio com a capoeira ocorreu através de vivências nas diversas rodas de capoeira de rua do Rio de Janeiro, cidade na qual pôde aprender um pouco dessa manifestação cultural. Após o período que residiu no Rio de Janeiro, Arlúcio muda-se para o estado do Pará, circunstância que sinaliza um momento muito importante para o jovem capoeirista, cuja oportunidade permite desenvolver a prática, na capoeira, com Mestre Tambor, na cidade de Belém, na qual recebe o apelido de "Labareda", chegando até mesmo a ser batizado com uma graduação.

Em seguida às experiências em outros estados, Arlúcio retorna para o Acre, motivado pelo serviço militar, aqui ficando e desenvolvendo algumas atividades eventuais com a capoeira, momento em que conhece Rodolfo e estabelece uma grande amizade dentro da capoeira, não por acaso, ter sido um dos primeiros graduados de Mestre Rodolfo.

No final de 1987, Arlúcio, mais conhecido como Lúcio, e alguns amigos capoeiristas, entre eles, Adalcides Amorim, "Tainha", e Ricardo Marques, "Quinho"<sup>22</sup>, passam a se reunir para praticar capoeira e desenvolver as técnicas aprendidas no Sesc. Entretanto, os encontros entre os capoeiris-

---

<sup>22</sup> Ricardo Figueira de Oliveira Marques, "Quinho", capoeirista acreano, aprendeu capoeira no Rio de Janeiro, quando passou tempo morando e estudando, durante as férias no Acre, treinava na academia do Sesc com Mestre Rodolfo e com o amigo Arlúcio. Em 1989, Ricardo é tragicamente assassinado em Rio Branco. Fonte: Jornal *A Gazeta* de 09/02/1989.

tas não eram muito frequentes pela falta de um local para o desenvolvimento das atividades, quando Lúcio e Ricardo, após conversa com coordenador do Rio Branco Futebol Clube, conseguem, no ano de 1988, o espaço da sede campestre do clube para o desenvolvimento das atividades com a capoeira, surgindo, assim, o núcleo “Liberdade”.

O grupo Liberdade, o nome Liberdade era porque a gente não tinha uma hierarquia entre nós, então treinávamos juntos como se todos fossem iguais, se alguém achasse que seria interessante fazer tal movimento, todos nós fazíamos, ou seja, Liberdade (Arlúcio da Silva Cardoso, Mestre “Arlúcio” - Entrevista concedida em 12/09/2020).<sup>23</sup>

De modo geral, é possível inferir que o núcleo intitulado “Liberdade”, a partir das palavras de Lúcio, não se configurava como um grupo ou academia, com uniforme e sistema de graduação a ser seguido e orientado por algum mestre. Em síntese, a ideia era consolidar um espaço que reunisse aqueles interessados e ex-alunos da capoeira no Sesc, ou seja, uma iniciativa para seguir com a prática da capoeira na cidade, uma vez que o impedimento de Mestre Rodolfo provocou certo refluxo das atividades.

Nesse sentido, a nova iniciativa assumida por Lúcio e outros capoeiristas com o “Liberdade”, embora não tivesse a pretensão de ser um grupo de capoeira, muitos assim o intitulavam, pelo fato de ser o único espaço na área central de Rio Branco com atividades em torno da capoeira, principalmente, quando Papagaia sai do Sborba<sup>24</sup> e decide

<sup>23</sup> Entrevista realizada por Ádamo Gabriel na academia da Cordão de Ouro Acre como forma de registro pelo pesquisador e capoeirista em 12/09/2020.

<sup>24</sup> Sociedade Beneficente dos Operários de Rio Branco/Acre (Sborba).



iniciar um trabalho na região da Baixada da Sobral, conforme destacamos:

O Mestre Papagaia começou a dar aula, primeiramente, no clube Sborba, tentei fazer aula com ele, mas não consegui, depois ele foi para a Baixada, não consegui acompanhar. Em 88, algumas pessoas começaram a se reunir no Rio Branco Futebol Clube, na sede campestre, criaram um grupo com pessoas que estavam parados do Mestre Rodolfo e outros que estavam começando a aprender, lá quem puxava essas aulas era o Arlúcio, junto com o Tainha - Adalcides, depois chegou o Ricardo [...] depois foram chegando outras pessoas, aí conheci o Pernambuco nessa época, fiquei treinando com Pernambuco e o Pernambuco participava lá, chegou a dar aula no Rio Branco Futebol Clube nesse período (José Carlos de Oliveira Cavalcante, Mestre Caju, ex-aluno de Mestre Rodolfo, - Vídeo produzido pela Federação Acreana de Capoeira em 02/06/2021).

À medida que o trabalho do núcleo de jovens capoeiristas “Liberdade” ganhava certo protagonismo na cidade de Rio Branco, verificamos a inovação da capoeira como *show*, isto é, a capoeira vista como luta, dança e folguedos a serem apresentados em forma de espetáculos culturais nos teatros. Portanto, capoeira em uma perspectiva de manifestação cultural de uma herança africana e afro-brasileira, através de apresentações como maculelê, puxada de rede, samba de roda e capoeira propriamente dita.

Como se observa no jornal impresso *O Rio Branco*, publicado no dia 15 de abril de 1989 (Imagem 32), há o destaque para a presença de capoeiristas, como os Mestres Deley Caçula e Aquático, vindos de Minas Gerais, dirigindo um

espetáculo de dança intitulado “Resistência”, cujo objetivo consistia em apresentar a importância da capoeira, tanto na teoria como na prática, a outras regiões do país, englobando, nas apresentações, expressões oriundas dos folgedos.

**Imagem 32** - Jornal *O Rio Branco* de 15/04/1989



Fonte: Acervo impresso do jornal *O Rio Branco* (1989).

De acordo com outro jornal, *A Gazeta*, do dia 21 de abril de 1989, a perspectiva do espetáculo “Resistência” trazia como referência a cultura negra, dado que a capoeira tinha sido criada como forma de luta e resistência à escravidão, sendo considerada tanto dança, como luta, devido a suas várias transformações e adaptações de outras artes. Além disso, cumpre lembrar que o núcleo de capoeiristas “Liberdade” teve um papel significativo nos ensaios e apresentações coordenadas pelos Mestres Deley Caçula e Aquático, vivência essa que certamente deve ter provocado impactos na capoeira acreana.

Por fim, acreditamos que a existência em torno do núcleo “Liberdade”, liderado por Mestre Arlúcio, tenha prosseguido até meados de 1991, sobretudo, com os primeiros ensaios e discussões acerca da implantação da capoeira como atividade desportiva e educativa, dentro da disciplina de Edu-

cação Física nas escolas públicas, momento em que Arlúcio, professor da Secretaria de Educação, muito contribuiu com os debates, conforme destaca a matéria do jornal *A Gazeta*, de 26 de setembro de 1991 (Imagem 33).

**Imagem 33 - Jornal A Gazeta de 26/09/1991**



# Capoeira nas escolas

## O esporte, a arte e a cultura em função dos estudantes

Procurando investir as atividades físicas e esportivas nas escolas de Rio Branco, a Secretaria de Educação do Estado, através da diretora geral professora Cláudia Batista, da coordenação de 2ª Grau (professora Habela Fernandes), e da coordenadora do 1º Grau (professora Maria Luíza Maria Ribeiro Batista), encontra-se desenvolvendo atividades de Capoeira para os estudantes das escolas do município.

No momento em que o Ministério da Educação, através de sua Secretaria de Esportes, Luta e Plano Nacional de Capoeira - P.N.C., e, dentro os preceitos do plano, encontra-se desenvolvendo um instrumento de implementação da Capoeira nas escolas, esta atividade tem uma importância fundamental para o enriquecimento educativo, educacional e cultural do estudante, que tem a oportunidade de conhecer a história do Brasil através da Capoeira.

A implantação da Capoeira como atividade desportiva e educadora, dentro da disciplina de Educação Física, para os colégios de 1º e 2º graus visto que a Capoeira é uma manifestação típica e diferenciada da sociedade.

Justifica-se a sua inclusão por se tratar de um elemento importante da Cultura Popular Brasileira, conforme tem ocorrido com o Cinema, Canção, Dança, Teatro, Literatura, Marinho e outro. Além disso, podemos observar, por meio da prática de Capoeira, o quanto esta atividade é importante para o homem, principalmente na sua formação global, pois através dos movimentos, paralelamente são desenvolvidas as atividades físicas e mentais.

A Capoeira pode muito bem desenvolver o corpo e a mente das pessoas através de forma harmoniosa. É uma atividade participativa que facilita o entendimento de várias maneiras, além de não ser uma prática repetitiva. Esse modo trabalho, por certo, não é adequado ao curto espaço de tempo, pois Capoeira exige, além de esforço físico, também a criatividade. Portanto, em conjunto com o trabalho desenvolvido com os estudantes.

Adições adequadas, assim como de material específico (bola, plim, barra, cordão etc.), que se fortalecerá a fé na inclusão da Capoeira através da educação física. É vital proporcionar uma maior participação dos alunos, motivando-os através de atividades de movimento, onde esta é uma prática, o ritmo, o canto, mas também as atividades que são coadjuvantes, possibilitando uma expressão corporal espontânea.

As qualidades físicas podem ser bem exploradas através de jogos e brincadeiras de forma alegre e prazerosa. Por outro lado, a prática da Capoeira também atua de forma eficaz no desenvolvimento das qualidades físicas.

Arte na Capoeira no Jiu-joro através da música, do ritmo, da dança e do conhecimento dos movimentos parciais

### A Capoeira e sua importância pedagógica

A Capoeira é uma excelente atividade física e de uma riqueza sem precedentes para ajudar na formação integral do aluno. Ela atua de maneira direta e indireta sobre os aspectos cognitivo e motor.

**CAPOEIRA DANÇA E RITMICA**  
A arte se faz presente através da música, ritmo, canto, instrumentos, apoio corporal, observação de movimentos, atenção ao espaço físico, liberdade e criatividade.

**CAPOEIRA ESPORTE**  
Como modalidade desportiva, institucionalizada em 1972 pelo Conselho Nacional de Desportos, ela deverá ser um enfoque especial para compor, no currículo, o ensino de Educação Física.

**CAPOEIRA COMO LAZER**  
Como prática não formal através das Rodas espontâneas, realizadas nas praças, parques, colégios, universidades, festas populares etc.



Mestre Arlúcio Cardoso. A Capoeira desenvolve o corpo e a mente

**CAPOEIRA LUTA**  
Representa a sua origem e sobrevivência através do tempo na sua forma mais natural como instrumento de defesa pessoal.

**CAPOEIRA FLOSCLORE**  
É uma expressão popular que faz parte da cultura brasileira e deve ser preservada, promovendo a participação dos alunos tanto na parte prática como teórica.

**CAPOEIRA FLOSOPIA DE VIDA**  
Muito mais do que adaptar que se encaixa no corpo e alma, criando uma filosofia própria de vida, tendo a Capoeira como elemento símbolo, e até mesmo usando-se para sua sobrevivência.

**CAPOEIRA FLOSOPIA DE VIDA**  
Muito mais do que adaptar que se encaixa no corpo e alma, criando uma filosofia própria de vida, tendo a Capoeira como elemento símbolo, e até mesmo usando-se para sua sobrevivência.

### Instrumentos utilizados na arte da Capoeira

O instrumento típico mais importante peculiar nas aulas é o maculelê, usado como chocalho pelo tocador de berimbau, o qual segura a péssima com a mão direita.

**DOBRAO**  
É uma moda peculiarmente utilizada de 40 ritos, e de estimulação usado pelo tocador de berimbau na mão esquerda que, sendo encostado no atram-modifício o som.

**PANDEIRO**  
Instrumento de percussão, composto de (a) arco, arco circular de madeira, bastonete de madeira e sobre o qual se acionava uma pele, preferentemente de cabra ou boiúca de ressonância.

**VAQUETA**  
É uma vareta de madeira, com pele de animal, dita de madeira, com formato de concha, usado para produzir um pouco mais grossa e serido normalmente feita de bala.

**ATABAQUE**  
Também chamado de "bata", é uma vareta de madeira com formato de concha, usado para produzir um pouco mais grossa e serido normalmente feita de bala.

As aulas de Capoeira do mestre Arlúcio Cardoso estão sendo ministradas no Parque Aquático do Rio Branco

### Fundação realiza curso no Museu

A Fundação Cultural do Estado, através da Coordenação de Patrimônio Histórico, realiza hoje e amanhã, um curso de patrimônio histórico, com o objetivo de preparar pessoas para cuidar do patrimônio histórico do nosso Estado. O curso será ministrado pela professora Cláudia Maria Batista. As aulas serão ministradas no Museu da Borracha no centro da cidade.

As aulas serão ministradas no Museu da Borracha no centro da cidade. O curso é destinado a pessoas interessadas em trabalhar no setor de patrimônio histórico. Com esse curso, os alunos poderão

parar-se e agir e exercerem seus funções".  
**FILMES DE CAPAO PLACIO DE CASTRO**  
A Fundação Cultural, através da Filmoteca Arlúcio Cardoso, realizará um curso de formação de educadores em Patrimônio Histórico do Estado, criando desta forma um intercâmbio cultural através do lazer, da cultura e da arte.

Fonte: Acervo impresso do jornal *A Gazeta* (1991).

## **1.4 NO ACRE A RODA É BOA – TEMPO DA CONSOLIDAÇÃO (1990 – 2000): DO PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DA CAPOEIRA À FORMAÇÃO DE GRUPOS LOCAIS E MESTRES NO ACRE**

O período analisado circunscreve um momento de grande impacto na capoeira do Acre. Tomando como referência a década de 1990 e seus desdobramentos nos anos 2000, podemos observar importantes marcos em relação ao desenvolvimento da capoeira no estado.

Primeiro, salientamos brevemente os efeitos do processo de esportivização da capoeira no Acre; segundo, destacamos a formação de novos núcleos e grupos de capoeira em Rio Branco; terceiro, descrevemos o contexto de implantação da capoeira nas escolas; e, quarto, sublinhamos o surgimento de grupos locais e a formação dos primeiros mestres de capoeira no Acre.

### **1.4.1 A ESPORTIVIZAÇÃO DA CAPOEIRA**

A princípio, cumpre ressaltar que não pretendemos fazer uma discussão mais detida e aprofundada acerca do processo de “Esportivização da Capoeira”. Apesar da riqueza do debate, tencionamos apenas situar os efeitos desse processo em relação à capoeira do Acre.

Assim, segundo Alves e Montagner (2008), os primeiros indícios da esportivização da capoeira se localizam no deslocamento de sua concepção na virada do século XIX para o XX, especialmente, com a criação da Capoeira Regional Baiana por Manuel dos Reis Machado, Mestre Bimba, embora outras iniciativas já evidenciassem determinada transformação da capoeira em uma ginástica nacional, como observamos:

[...] a primeira iniciativa da Capoeira como ginástica aparece em 1907 com o opúsculo intitulado "O Guia da Capoeira ou Ginástica Brasileira" de O.D.C. e, em seguida, Inezil Penna Marinho a conceituou como Ginástica Brasileira. Além disso, o famoso Mestre Bimba, em sua Academia de Capoeira que, inclusive, foi a primeira do Brasil, afirmava reforçando, que a Capoeira, por si só, era uma excelente forma de ginástica (CAMPOS, 2001, p. 29).

É nesse momento que surgem modificações preponderantes na capoeira, posto que "[...] Bimba normatiza a Capoeira, trazendo uma recodificação que se antagoniza a alguns elementos essenciais, como a ludicidade, a espontaneidade e a indiscriminação de seus participantes" (ALVES; MONTAGNER, 2008, p. 511).

Observamos que a década de 1930 no Brasil representou um período de forte mobilização social e política. De acordo com Areias (1983), várias manifestações culturais e populares estavam proibidas, entre elas, a capoeira.

Todavia, devido à forte pressão social, Getúlio Vargas, então presidente da República, revoga o decreto n.º 847 de 1890 (BRASIL, 1890), normatização que proibia a prática da capoeira, segundo o Código Criminal do Império do Brasil (BRASIL, 1830) e, desse modo, descriminaliza-se a capoeira (BRASIL, 1940), classificando-a como um esporte de identidade nacional, outorgando a Mestre Bimba, conforme Almeida (1994), o título de professor de Educação Física e a licença para o funcionamento de sua academia - Centro de Cultura Física Regional. Assim:

Em 1941 é promulgado o Decreto 3.199 que estabeleceu as bases da organização dos esportes no Brasil. Com apoio neste

ato foi constituída a Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP) que já na fundação instituiu o Departamento Nacional de Luta Brasileira, que foi o embrião da Confederação Brasileira de Capoeira. Este foi o primeiro reconhecimento esportivo oficial da capoeira (SILVA, 2007, p. 30).

Após o período de descriminalização e o reconhecimento oficial da capoeira como esporte, muitos alunos de Mestre Bimba se deslocam para a região Sudeste do país, buscando condições econômicas através da capoeira, momento que permitiu a difusão da Capoeira Regional Baiana (ALVES; MONTAGNER, 2008), como a propagação de uniformização e perspectiva de escola de capoeira.

De acordo com Palhares (1999), as “migrações dos capoeiristas” baianos se desdobram em dois momentos, a saber: primeiro, para o Rio de Janeiro e São Paulo no decorrer das décadas de 1950 a 1960; em seguida, a partir dos respectivos estados (Rio de Janeiro e São Paulo), para todo o país em meados da década 1970.

É diante do novo cenário nacional que a capoeira atinge os espaços escolares, universitários e a Educação Física, sobretudo, com a oficialização da Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), em 1972. No ano seguinte, 1973, ocorre a sua homologação pelo Conselho Nacional do Desporto (CND), fator preponderante para a fundação das Federação Estaduais de Capoeira, cujo vínculo formal estava circunscrito ao Departamento Nacional de Capoeira ligado à Confederação Brasileira de Pugilismo, ambiente que potencializou a esportivização da capoeira nacionalmente.

Neste estágio, passam a convergir e se consolidar vários suportes para o de-

envolvimento da capoeira, tais como: institucionalização da luta (livros e publicações, gestão por federações, etc.); ampliação do quadro de mestres (imigração entre regiões do Brasil e para o exterior, festivais de grupos renomados, etc); melhoria do conhecimento (pesquisa, ensino em universidades, etc); e reconhecimento público do seu valor cultural e esportivo. [...] Este foi o passo de fundamental importância para aproximar e estreitar a relação com a Educação Física, principalmente, levando-se em conta a apropriação do esporte como conteúdo indispensável na formação dos educandos (SILVA, 2007, p. 31).

No Acre, os efeitos de tal esportivização da capoeira aparecem em três momentos distintos: primeiro, com a consolidação da primeira escola/academia de capoeira no Acre, sob a coordenação de Mestre Rodolfo, no início de 1980, momento amplamente discutido anteriormente; segundo, na participação de jovens capoeiristas do núcleo "Liberdade" nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), desde 1989; e, terceiro, na criação da Federação Acreana de Capoeira, em 1992.

De acordo com a matéria "Capoeirista garante que Acre vai ganhar nos JEBs", publicada no jornal *A Gazeta* no dia 21 de julho de 1990 (Imagem 34), no ano de 1989, a delegação do estado do Acre havia configurado entre as melhores equipes de capoeira da região Norte do Brasil nos Jogos Escolares Brasileiros daquele ano. Essa situação indica, mais uma vez, a relevância do trabalho desenvolvido por Mestre Rodolfo, em virtude da possibilidade de os capoeiristas que participaram da edição do JEBs de 1989 terem sido alunos dele.

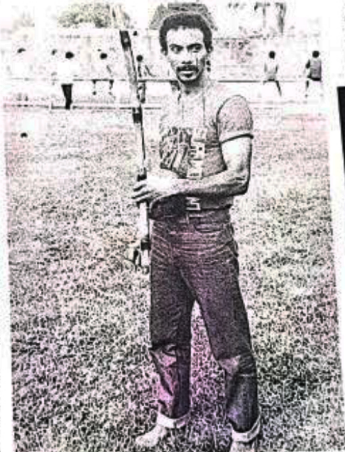
Imagem 34 - Jornal A Gazeta de 21/07/1990

## Capoeirista garante que Acre vai ganhar nos JEBs

"A capoeira do Acre vem conquistando seu espaço nos JEBs. No ano passado fomos a melhor equipe da região Norte e queremos superar outras regiões". O otimismo é o mestre em capoeira Arlúcio da Silva Cardoso, líder da equipe de seis capoeiristas acreanos que participaram dos Jogos Escolares Brasileiros, que acontecerão de 22 a 28 deste mês, em Brasília.

Arlúcio — mais conhecido como Lucinho — está esperançoso na equipe, que é composta por jovens na faixa etária média de 16 anos que já vinha sendo treinados desde 1987 e tem um profundo conhecimento desta área. Inclusive, não teme as equipes dos Estados mais desenvolvidos, alegando que "o próprio fato do povo do Acre ser sofrido pode até ser vantagem, levando em conta que os melhores capoeiristas do País estão nas favelas".

Todavia, Lucinho frisa que o mais importante é a participação destes jovens na competição, lembrando que a iniciativa oferece aos estudantes oportunidades de participação de uma forma de competição



Arlúcio Cardoso: mestre em capoeira

Capoeira o que tu me ensinou  
Dinheiro não compra não.  
Liberdade não tem preço.  
Capoeira é salvação.  
É a vontade de um sonho,  
O romance de um amor.  
É a vida de um ser,  
É minha vida meu Senhor.

Capoeira é uma luta  
Que não tem lugar marcado.  
A gente luta na areia  
Como luta no gramado.

Capoeira é um ovalho  
É o sonho, é o sonhador.  
É minha vida, é tua vida  
É nossa vida meu Senhor.

Capoeira é uma dança  
E também é religião.  
Capoeira é um chamado  
Só quem ouve é o coração.

Capoeira é na verdade  
Não viver na escuridão  
Não sair na noite negra  
Não trair o coração.

Fonte: Acervo impresso do jornal A Gazeta (1990).

Além disso, a expectativa era grande no ano de 1990. Segundo Arlúcio Cardoso, "Lúcio", líder da equipe dos seis capoeiristas competidores, o objetivo era superar outras regiões do país, enfatizando a relevância da participação dos jovens na competição, posto que os estudantes tinham a oportunidade de contemplar os aspectos psicomotor, social e afetivo dos jogos, além dos valores socioculturais da capoeira.

Os JEBs também contribuíram em relação ao modelo a ser estabelecido nas competições de Capoeira. As primeiras versões dos JEBs não diferiam muito do que vinha ocorrendo em termos de campeonatos de Capoeira. Valorizavam somente a eficiência dos golpes e defesas, deixando de lado muitos outros elementos que dão pluralidade



de à Capoeira. Eram campeonatos inspirados nos modelos de outras artes marciais, que acabaram desprestigiando a Capoeira devido à violência que ocorria. Porém, graças ao empenho das pessoas envolvidas com a modalidade Capoeira, nos JEBs, o modelo de campeonato foi sendo alterado, ano após ano, visando avaliar outros aspectos como o conhecimento histórico, criatividade, oralidade, pesquisa, musicalidade, organização (ALVES; MONTAGNER, 2008, p. 511).

Destacamos que a primeira edição dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) ocorreu no ano de 1976, na cidade de Porto Alegre (RS), cujo objetivo precípua era o fomento à prática do esporte escolar com fins educativos, possibilitando aos atletas escolares a oportunidade de vivenciar um intercâmbio esportivo nacional.<sup>25</sup> Contudo, a capoeira enquanto modalidade nos JEBs só foi introduzida em 1985, na cidade de São Paulo (SP) e, a partir de então, passou a versar no calendário anual de atividades esportivas do país, contribuindo para o seu processo de esportivização.

Além das competições organizadas nos JEBs, desponta pelo Brasil uma série de competições, desafios e jogos regionais, ensejo que resulta na fundação da Confederação Brasileira de Capoeira (CBC) em 1992, isto é, no desmembramento do Departamento Nacional de Capoeira junto à CBP, conforme esclarecem Maroun, Souza e Mourão (2015).

Com a fundação da CBC, a esportivização da capoeira ganha mais um impulso, principalmente com a criação e refundação de federações estaduais de capoeira, afiliadas à CBC, momento que impacta na capoeira do Acre, especial-

---

<sup>25</sup> Jogos Escolares Brasileiros (JEBs). Disponível em: <https://jeb.com.br/>. Acesso em: 24 fev. 2022.

mente, com a fundação da Federação Acreana de Capoeira (FAC), em 25 de dezembro de 1992<sup>26</sup>, com atuação de suas atividades até por volta de 1997, sendo reativada em 2010<sup>27</sup> (Imagem 35), com a finalidade de ser uma entidade estadual de utilidade pública e representativa de classe, no que se refere ao âmbito cultural, esportivo, recreativo e lazer da capoeira, caracterizada, pela entidade, como um sistema de defesa e ataque, podendo ser utilizada como arte, dança, ginástica, luta, recreação, esporte, expressão corporal ou jogo.

**Imagem 35** – Logo da Federação Acreana de Capoeira (FAC)



**Fonte:** Federação Acreana de Capoeira (2020).

Em síntese, será no contexto do surgimento de novos núcleos e grupos de capoeira na década de 1990 que os impactos e efeitos da esportivização da capoeira serão perceptíveis na capoeira acreana, especialmente com a implantação da capoeira nas escolas de Rio Branco.

<sup>26</sup> Estatuto da Federação Acreana de Capoeira, conforme Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas do 1º Tabelionato, registrado sob o nº de ordem 1.486, na Comarca de Rio Branco – Acre, 07 de janeiro de 1993.

<sup>27</sup> Estatuto da Federação Acreana de Capoeira, conforme Cartório de Registro Civil do 1º Tabelionato de Notas e Ofício, registrado sob o n.º de ordem 1.486, na Comarca de Rio Branco – Acre, 03 de julho de 2017.

### 1.4.2 NOVOS NÚCLEOS E GRUPOS DE CAPOEIRA

No decorrer dos anos de 1980, o estado do Acre já transitava como um roteiro nacional da capoeiragem. Entretanto, com a entrada na década de 1990, há um novo impulso que impacta de maneira incisiva no cenário da capoeira acreana. Nessa confluência, demarcamos a existência de quatro núcleos efetivos da capoeira no Acre, a saber: grupo Cativeiro, conduzido por Marrom; grupo Capoeira Brasil, liderado por Olho de Peixe; grupo Abadá Capoeira, comandado por Índio; e grupo Conceição da Praia, coordenado por Xandão. Esses grupos são as referências que possibilitaram o processo de expansão, interiorização, desenvolvimento e reconhecimento da capoeira acreana, configurando-se, ainda, como a base de todos os demais grupos que surgiram posteriormente a partir dos capoeiristas locais.

Ressaltamos que o grupo Liberdade, liderado por Mestre Arlúcio, "Lúcio", embora se reconheçam evidências de sua existência também na década de 1990, não é possível identificar o registro da realização de apresentações, eventos ou mesmo de algum praticante daquele grupo, além de que não representava essencialmente um grupo de capoeira conforme já apontado.

Por outro lado, embora o trabalho desenvolvido por Marrom no grupo Cativeiro após a ausência de Mestre Rodolfo não tenha obtido o mesmo destaque dos anos áureos na década de 1980, há o registro de que o grupo não ficou totalmente inativo, com atividades esporádicas realizadas por Marrom, mas também por Mestre Rodolfo no presídio local, bem como quando o mestre voltou em definitivo para o Acre, em meados dos anos 1990, com a aludida pretensão de reali-

zar um novo evento, não se concretizando em virtude da sua morte, o que culminou com o fim do grupo Cativoiro no Acre.

Convém destacar, ainda, a chegada do grupo Senzala de Capoeira em meados dos anos 1990, sob a coordenação inicial de Papagaia, que buscou a filiação ao grupo que influenciou a formação dos alunos de Rodolfo na década de 1980. Porém, a liderança do Senzala seria assumida pouco depois pelos alunos mais graduados que optaram por permanecer no grupo com a saída de Papagaia: Cancão, Pavão, Leopardo, Cebolinha e Cacique.

No entanto, será em torno do “Abadá Capoeira” e “Capoeira Brasil”, dois grupos criados no final de 1980 no Rio de Janeiro, que haverá um processo de difusão mais acelerada da capoeira no Acre. Desse modo, é necessário destacar brevemente o surgimento deles.

Não há dúvidas da relevância do grupo “Senzala” para o contexto acreano, grupo este formado em 1966, a partir dos irmãos Flores, Paulo e Rafael, juntos com outros capoeiristas, para citar alguns, Gato, Preguiça, Garrincha, Sorriso, Elias, Gil Velho, Cláudio Danadinho, Peixinho, Itamar, entre outros de fundamental relevância para o crescimento de um dos primeiros grupos de capoeira do Brasil (Imagem 36).

### Imagem 36 – Fundadores do grupo Senzala de Capoeira



Fonte: Blog “Capoeira de Toda Maneira” (2013).

É desse quadro do grupo Senzala, no Rio de Janeiro, que irão emergir diversos outros grupos de capoeira pelo Brasil e exterior, com destaque para o caso acreano dos grupos Abadá Capoeira e Capoeira Brasil, cuja extensão repercutiu no Acre em princípio dos anos 1990, embora a proximidade de Mestre Rodolfo com Camisa quase resultasse na fusão do grupo Cativeiro com a Senzala na década de 1980, como apresentado anteriormente.

Assim, em meados de 1980, José Tadeu Carneiro Cardoso, Mestre Camisa, transita como uma das grandes referências do grupo Senzala (Imagem 37). Todavia, em razão de sua dedicação e trabalho de pesquisa com a capoeira, cria uma metodologia voltada para a “profissionalização”, especificidade que o levou a sair do grupo Senzala em 1986, criando o grupo “Capoeirarte”. Porém, vendo a necessidade de expandir a sua metodologia, concomitante com uma instituição que desse suporte aos capoeiristas que atravessassem determinadas dificuldades, Mestre Camisa funda, junto com seus alunos, em 1988, a Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira (Abadá), tencionando o apoio e a formação de capoeiristas profissionais.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Informações do portal “Abadá Capoeira – Salvador (BA)”. Disponível em: <https://abada-capoeira-ba.wixsite.com/salvador>. Acesso em: 24 fev. 2022.

**Imagem 37** – Mestre Camisa e alunos do grupo Senszala (1986)

**Fonte:** Portal "Girafa Abadá Capoeira" (2022).

Após a saída de Mestre Camisa do grupo, em 1986, alguns alunos seguiram vinculados ao grupo Senszala, por exemplo, Paulo Sales Neto, Mestre Paulão (Ceará); Luiz Alberto Nunan Simas, Mestre Boneco (Rio de Janeiro); e Paulo César da Silva Sousa, "Mestre Paulinho Sabiá" (Niterói). Porém, posteriormente, eles se desvinculam do grupo Senszala e fundam o Grupo Capoeira Brasil (GCB), em 14 de janeiro de 1989, na cidade de Niterói/RJ, a partir de uma necessidade de prosseguir com projetos começados juntos.<sup>29</sup>

Em Rio Branco, segundo relatos e jornais impressos, o surgimento e atuação dos respectivos grupos, Capoeira Brasil e Abadá Capoeira, sinalizam para aparecimento concomitante, a partir da chegada de dois grandes capoeiristas, Guilherme Henrique Caspary Ribeiro Filho, Mestre Olho de

<sup>29</sup> Em entrevista ao Portal Capoeira de Toda Maneira, realizada por Maíra Gomes em 2012, Mestre Boneco esclarece os motivos que levaram a criar o Grupo Capoeira Brasil. Disponível em: [http://capoeiradetodamaneira.blogspot.com/2012/08/entrevista\\_9773.html](http://capoeiradetodamaneira.blogspot.com/2012/08/entrevista_9773.html). Acesso: 24 fev. 2022.

Peixe, e Paulo Ricardo Lima de Albuquerque, “Mestre Índio”, ambos professores de capoeira, na época.

Nesse sentido, pode-se inferir que a presença de Mestre “Olho de Peixe” e Mestre “Índio” inaugura uma nova perspectiva da capoeira acreana. O primeiro, nascido na cidade do Rio de Janeiro/RJ; o segundo, natural de Recife/PE. De acordo com “Olho de Peixe”, o motivo da vinda para o Acre estaria relacionado a questões de trabalho, como se destaca:

Quando eu cheguei no final de 1989, tinha esses mestres antigos, mas eles estavam meio que apagados. A gente não conseguia vê-los em roda, não conseguia vê-los em eventos [...] a princípio fazia parte do grupo capoeira Brasil no Rio de Janeiro e não vim aqui para treinar capoeira, vim com outro objetivo. Sou nutricionista de formação e a minha ideia era outra, mas quando cheguei é aquela coisa: capoeira no sangue e aquela vontade. Então a partir daí comecei a frequentar as rodas, comecei a treinar com as pessoas e aí as pessoas gostaram. A academia do Júnior de judô, foi a primeira que me abriu as portas lá no universitário. Foi uma coisa do nada, comecei a dar aula, encontrei um grupo de 10 alunos e a coisa foi fluindo e acabou que implantei o Grupo Capoeira Brasil no Acre (Guilherme Henrique Caspary Ribeiro Filho, Mestre “Olho de Peixe” – Entrevista concedida em 13/06/2021).

Mestre Olho de Peixe salienta que, ao chegar ao Acre, no final de 1989, existiam poucos capoeiristas com algum trabalho consolidado em Rio Branco. Segundo o Mestre, muitos estavam desarticulados em termos de unidade de grupo, praticando o que chamou de “capoeira de quintal”.

Poucos eram aqueles que se reuniam para praticar capoeira. Ainda assim, quando apareceu a oportunidade de

desenvolver um trabalho com capoeira junto com outros capoeiristas, muitos ex-alunos de Mestre Rodolfo, surge no horizonte de Mestre Olho de Peixe (Imagem 38) a possibilidade de expandir as atividades, como reitera

[...] a gente começou a treinar lá no Del-fino, em seguida surgiu a oportunidade de dar aula no Sesc, aí a coisa cresceu muito, a partir das aulas de capoeira no Sesc, a coisa cresceu muito, a capoeira desenvolveu bastante (Guilherme Henrique Caspary Ribeiro Filho, Mestre "Olho de Peixe" – Entrevista concedida em 13/06/2021).

**Imagem 38** – Mestre Olho de Peixe no berimbau em apresentação do grupo Capoeira Brasil



**Fonte:** Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural do Acre – DPHC (1991).

A implantação do grupo Capoeira Brasil no Acre surge em um momento crucial e muitos tinham conhecimento dessa manifestação cultural e esportiva na cidade de Rio Branco, especialmente, por todo trabalho desenvolvido no Sesc, na década de 1980. Entretanto, no início de 1990, não



contavam com um grupo consolidado e com calendário próprio de eventos (Imagem 39).

**Imagem 39** – 2º Batizado do grupo Capoeira Brasil no Acre



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Geb (1992).

De acordo com o jornal *O Rio Branco*, publicado em 16 de fevereiro de 1990, o Sesc abria novas inscrições para diversos cursos. Entre as opções ofertadas pela instituição, havia “Capoeira Infantil”, que, na ocasião, seria ministrada pelo Mestre Olho de Peixe, fato que possibilitou potencializar a capoeira, exclusivamente, para crianças. Igualmente, seguiam as aulas de capoeira de Olho de Peixe na Academia de Delfino Júnior, destinada ao público mais adulto, incluindo alguns ex-alunos de Mestre Rodolfo, como Papagaia, Cascão, Moreno, Dendê, Sucuri, Assis “Pelicano”, entre outros capoeiristas.

Assim, a “dupla” frente de trabalho liderada por Mestre Olho de Peixe no Acre permite o desenvolvimento do grupo Capoeira Brasil, cujo histórico de atividades pode ser observado pelos inúmeros projetos sociais e batizados orga-

nizados pelo grupo no decurso da década de 1990 até meados dos anos 2000, além da formatura de vários capoeiristas, dos quais muitos carregam em seu legado, parte dessa experiência chamada “Capoeira Brasil”.

Por outro lado, Mestre Índio é outro importante capoeirista na história da capoeira do Acre, o qual, em paralelo ao grupo Capoeira Brasil, coordenado por Olho de Peixe, irá instituir o grupo “Abadá Capoeira”, junto com outros capoeiristas. Assim, podemos observar a presença de Mestre Índio no Acre:

Cheguei no Acre garoto, menino novo, naquela de “jogar capoeira”, treinar, nem era muito a questão de dar aula, porque tinha recentemente, participado dos JEBs representando Pernambuco, ganhei os jogos escolares, três pernambucanos e três brasileiros, sendo 2 em Brasília e 1 em São Luís do Maranhão. Foi assim que conheci alguns capoeiristas do Acre, fiquei sabendo que tinha capoeira no Acre. Na época, quem estava representando o Acre no JEBS era o Arlúcio, aí encontrei Roda, Adalcides, acho que Adalcides estava também, assim a minha visão. A minha lembrança [...] como tinha um tio que morava no Acre, antes de começar capoeira, tinha ido morar no Acre por um ano, acho que tinha 13 anos, minha mãe permitiu que ficasse com meu tio morando, ele tinha fazenda e tal, como gostava muito dessas coisas, fui morar no Acre e fiquei estudando, no Colégio Acreano (Paulo Ricardo Lima de Albuquerque, Mestre “Índio” – Entrevista concedida em 26/06/2021).

O relato de Mestre Índio evidencia como foi a sua vinda para o Acre, circunstância que pode ser vista a partir de dois momentos distintos. O primeiro ocorre quando aproxi-

madamente aos 13 anos de idade, dada a presença de familiares no estado, é autorizado pela sua genitora a passar um tempo morando com o seu tio, apesar de, nesse período, a capoeira não fazer parte da trajetória de Índio, posto que seu contato com a capoeira e os primeiros passos ocorreram na cidade de Recife. O segundo momento dá-se após o curto período morando com o tio no Acre, quando, regressando para Recife, aprende a capoeira e passa a ser um notável competidor nos jogos estaduais e brasileiros, contexto que coincide com a sua participação nos JEBs na edição de 1990, quando conhece os capoeiristas que estavam competindo pelo Acre.

Após o primeiro contato de Índio com a equipe de capoeiristas acreanos, em Brasília no ano de 1990 no JEBs, momento que toma conhecimento acerca da prática da capoeira no estado, decide retornar ao Acre para rever os familiares e ministrar um curso de capoeira, conforme observamos no jornal *A Gazeta* do dia 10 de agosto de 1990.

É possível inferir que Índio tenha chegado ao Acre após o JEBs de 1990, principalmente, pela data da matéria acima, somado ainda ao relato de Índio acerca do tricampeonato brasileiro nos JEBs<sup>30</sup>.

Ademais, cumpre ressaltar a matéria do jornal *A Gazeta* do dia 21 de julho de 1990 (Imagem 34), a qual destaca a participação da delegação de capoeiristas do Acre nos JEBs. Essas são, portanto, fontes que convergem no sentido de sinalizar 1990 como o ano de retorno de Índio ao Acre.

---

<sup>30</sup> Mestre Índio foi tricampeão brasileiro de capoeira nos JEBs, segundo ele, nas edições realizadas na cidade de São Luís/MA e duas em Brasília/DF. Conforme dados do Conselho Nacional do Esporte, as respectivas edições foram organizadas nos anos de 1988, 1989 e 1990. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/o-ministerio/conselho-nacional-do-esporte/162-ministerio-do-esporte/jogos-escolares-brasileiros/21722-jogos-escolares-brasileiros-jeb-s>. Acesso em: 24 fev. 2022.

Além disso, ainda conforme matéria intitulada “A capoeira pede passagem” (Imagem 40), Índio chega a Rio Branco integrando o grupo proveniente de Pernambuco, denominado “Chapéu de Couro”. Dessa forma, não é possível falar em grupo “Abadá Capoeira”, no Acre, com a chegada de Índio, momento que irá ocorrer tempos depois.

**Imagem 40** - Chegada de Mestre Índio ao Acre



**Fonte:** Acervo impresso do jornal *A Gazeta* (1990).

Nesse sentido, a partir dos relatos e jornais examinados, a hipótese mais remota, a qual podemos deduzir, refere-se à implantação do “Abadá Capoeira” em Rio Branco, que ocorreu por volta de meados de 1992, conforme verificamos no jornal *A Gazeta*, de 13 de dezembro de 1992 (Imagem 41).

O jornal faz referência à herança deixada por Mestre Rodolfo com a capoeira, provavelmente, pela presença de alguns de seus ex-alunos, o que salienta que seu legado estava renascendo com toda força através do grupo “Abadá Capoeira”, porém sob liderança do capoeirista tricampeão dos JEBs, conhecido na capoeiragem acreana como professor Índio.

**Imagem 41** - Abadá Capoeira a grande sensação do momento em 1992



**Fonte:** Acervo impresso do jornal A Gazeta (1992).

Segundo a matéria, o grupo Abadá havia se formalizado no estado fazia pouco mais de seis meses, não obstante o trabalho desenvolvido por Índio já estivesse consolidado pelas aulas ministradas para alguns capoeiristas, entre eles, professor Urubu, cujo relato descreve que: “[...] na época ele não tinha grupo, passamos dois anos treinando sem grupo, quando ele filiou foi direto no Abadá Capoeira do Mestre Camisa do Rio de Janeiro” (Franklin Augusto Araújo, professor “Urubu” - Vídeo produzido pela Federação Acreana de Capoeira em 29/05/2021). A narrativa do professor Urubu revela que Mestre Índio, após sua chegada ao Acre, desvinculou-se do grupo “Chapéu de Couro”, passando a ministrar aulas de capoeira, durante dois anos, sem ter vínculo com algum grupo de capoeira, informação que coincide com a fala de Índio quando salienta que chegou ao Acre, mas já estava um pouco afastado do grupo “Chapéu de Couro”:

Eu estava afastado, eles [Chapéu de Couro] queriam me colocar como professor, na frente de um pessoal antigo, os caras ficaram chateados, para tentar me segurar no grupo, mas já não tinha como me segurar [...]. Eu ainda pensei em filiar ao Cordão de Ouro, pensei sim, mas por causa dos JEBs, conheci Araminho, a irmã dele que jogava muita capoeira, Amaroca, o Pica-Pau e o Querido, eram 4 irmãos, excelentes capoeiristas, assim da minha idade. Nisso liguei para eles e perguntei **qual é que era do Mestre Camisa** [...] portanto, não foi assim **vamos entrar no Abadá Capoeira**, tinha intenção de entrar no Cordão de Ouro, pensei ainda no Espirro Mirim, no Mestre Suassuna, faltou pouco, mas a gente queria uma mudança, queria um negócio diferente, um estilo diferente, além disso, tinha muitas pessoas que considerava muito e estavam no Abadá (Paulo Ricardo Lima de Albuquerque, Mestre "Índio" – Entrevista concedida em 26/06/2021).

Por esse ângulo, é possível compreender que os contatos, influências e conexões na trajetória da capoeira de Mestre Índio foram preponderantes na direção do grupo a ser escolhido por ele e seus alunos, por isso é provável que durante um curto período, Índio tenha conduzido os trabalhos com a capoeira no Acre, sem uma filiação direta com algum grupo específico, fato que se evidencia a partir da sua filiação ao grupo Abadá em 1992.

Portanto, o grupo Abadá Capoeira se tornou outro importante núcleo de capoeira em Rio Branco, cujo protagonismo foi fundamental para a inserção da capoeira nas escolas, como também em outros trabalhos sociais, sem contar as diversas atividades e batizados realizados. Apesar de

atualmente Mestre Índio não fazer mais parte do grupo, o Abadá Capoeira segue com as suas atividades no estado a partir de outras lideranças.

Nesse período, surge também o núcleo liderado por Mestre Xandão, recém-formado professor na época, vindo de outra linhagem da capoeira, diferente daquela vertente ligada aos novos grupos que emergiram no Rio de Janeiro, por exemplo, mas tendo como escola de formação o grupo intitulado “Conceição da Praia”, proveniente de uma vertente da capoeira vinculada ao estado de São Paulo e ramificações, como se observa: “[...] Xandão que retornara em 1991 para Rio Branco, vindo de Cuiabá, onde recebeu sua formação e foi batizado por Mestre Mato Grosso no Grupo Conceição da Praia” (CAVALCANTE, 2007, p. 41).

Igualmente, chama atenção o fato que dentro desse novo momento da capoeira no Acre, considerando que Mestre Olho de Peixe e Mestre Índio tinham vindo de outros estados, Mestre Xandão fugia à regra, ou seja, era um dos poucos acreanos que tinha aprendido capoeira fora do Acre e, com seu regresso a Rio Branco, visava iniciar um sólido trabalho com a capoeira, uma vez que seu retorno demarcava um novo fluxo na trajetória da capoeira acreana.

Em 1992, especificamente no pátio do condomínio Monterrey, espaço onde Xandão ministrava as aulas, foi realizado o primeiro e único batizado do grupo Conceição da Praia no Acre, que contou com a presença de Mestre Mato Grosso, Mestre Fran e professor Profeta, e cujo sucesso ficou por conta dos alunos (Imagem 42).

Após o evento, já no final de 1992, Xandão decide sair do grupo Conceição da Praia, para se filiar diretamente ao mais novo grupo criado por Mestre Fran, o grupo Maculelê

Capoeira, no qual Xandão teve participação ativa nas assembleias e reuniões de fundação do grupo.

**Imagem 42** - 1º Batizado do grupo Conceição da Praia no Acre



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Xandão (1992).

No prolongamento de toda a década de 1990, Mestre Xandão consolida o seu trabalho, tornando-se um dos expoentes da capoeira, sobretudo, com o advento de sua academia, localizada no bairro Bosque, na qual distintos eventos e participação na Universidade Federal do Acre possibilitaram a formação de inúmeros capoeiristas. Em 2001, Mestre Xandão e alunos optam por sair do grupo Maculelê, ingressando no grupo “Cordão de Ouro” no ano de 2002.

Por fim, porém, não menos importante nessa configuração da década de 1990, devemos mencionar a implantação do grupo Senzala, em meados de 1994, como outro relevante grupo de capoeira, através da liderança de Mestre Papagaia, a partir das atividades desenvolvidas na região da “Baixada da Sobral”. Nessa perspectiva, dialogamos com o relato do Mestre Cancão:



[...] iniciei a capoeira através da escola, a partir de um programa da Secretária de Educação em 90/91, acho que 90. A escola oferecia algumas modalidades, lembro que a maioria dos alunos, quase 90% da escola optaram por capoeira, fui um desses, o professor era o Mestre Papagaia, na época era professor [...]. Mestre Papagaia era do grupo Capoeira Brasil, lembro que às vezes nos treinos o Saci aparecia, porque ele era daqui do nosso bairro, acho que o Borracha, vi uma vez o Falcão, inclusive o Falcão tinha chegado de uma viagem da Bahia, se não me engano, ele era corda laranja, então foi nessa época, lá no clube aqui na Baixada da Sobral, chamado **Mandalas Dance Club**, local onde acontecia as aulas (Raimundo Ferreira dos Santos, Mestre “Cancão” - Entrevista concedida em 03/06/2021, grifo nosso).

Em harmonia com o relato do Mestre Cancão, o início dos trabalhos com a capoeira na região popularmente conhecida como “Baixada da Sobral”, teve à frente Mestre Papagaia, quando este ainda era filiado ao grupo Capoeira Brasil. Contudo, como salienta Mestre Cancão, o grupo de capoeira da baixada era mais Mestre Papagaia que propriamente Capoeira Brasil. Em seguida, Papagaia se desvincula do Capoeira Brasil e ingressa com seus alunos no grupo Abadá Capoeira, permitindo que muitos viessem a pegar a primeira graduação no batizado do Abadá Capoeira.

[...] passei um ano no Capoeira Brasil, mas não peguei graduação. [...] em 93 peguei graduação amarela no grupo Abadá, porque já tinha um tempo de capoeira, só que como era novo e no Abadá tinha essa questão de idade para pegar graduação, até tinha o nível de capoeira a pegar graduação mais alta, mas não tinha idade, fiquei nessa graduação (Raimundo Ferreira

dos Santos, Mestre “Cancão” - Entrevista concedida em 03/06/2021).

No entanto, após um breve período no Abadá Capoeira, conforme assegura Cancão: “[...] não foi muito tempo, acho que nem um ano, no máximo, em 94 a gente conheceu o grupo Sensala” (*Idem*). Papagaia formaliza a saída do Abadá Capoeira e a entrada no grupo Sensala por volta de 1994. Entretanto, o primeiro batizado do núcleo da Baixada da Sobral só ocorreu em 1995.

Em 1996, após o 2º batizado do Sensala (Imagem 43), Mestre Papagaia retira-se do grupo ficando alguns capoeiristas mais graduados, corda azul, como responsáveis pela condução dos trabalhos do grupo no Acre, sob a supervisão de Mestre Amendoim (DF), responsável pelo núcleo do grupo no Acre. No ano de 2009, Mestre Amendoim, desvincula-se do Centro Cultural Sensala do Rio de Janeiro e passa a adotar o nome “Capoeira Sensala” de Brasília, assim como os capoeiristas do Acre.

**Imagem 43** - 2º Batizado do grupo Sensala no Acre em 1996



**Fonte:** Acervo pessoal de Mestre Cancão (1996).

Em suma, o advento de novos grupos no decurso de 1990 se configura como singular na história da capoeira do Acre, uma vez que surge no contexto da “esportivização” da capoeira, fato que possibilitou a sua expansão, principalmente a partir dos projetos sociais e da implantação da capoeira na escola, como veremos a seguir.

### 1.4.3 CAPOEIRA NAS ESCOLAS EM RIO BRANCO

Antes de tudo, sobressai que as *nuances* sobre a capoeira nas escolas, merecem um capítulo à parte a ser desenvolvido em outro momento, dada a sua importância e impacto na capoeira acreana, especialmente pela função social da educação, visto que o aspecto educacional “[...] não se reduz ao ensino, é certo, entretanto, que ensino é educação e, como tal, participa da natureza própria do fenômeno educativo” (SAVIANI, 2012, p. 12). Portanto, a relação entre a capoeira e educação oferece elementos importantíssimos para se refletir acerca da tarefa da educação escolar, a partir do trabalho pedagógico no interior das escolas de Rio Branco, principalmente, o protagonismo dos alunos nesse processo educativo.

Assim, não tencionamos exaurir as discussões acerca do processo de implantação da capoeira nas escolas de Rio Branco, contudo podemos, a partir dos apontamentos elencados nesta subseção, identificar marcos significativo em torno da capoeira do Acre, uma vez que na introdução da capoeira nas escolas públicas de forma “sistemática”, com horários estabelecidos e um quantitativo considerável de alunos, visualizamos um crescimento exponencial de praticantes de capoeira na capital do Acre, cujos reflexos são vistos na quantidade de detentores da capoeira, atualmente.

Nesse sentido, entre as primeiras produções científicas que versam sobre a inserção da capoeira nas escolas de Rio Branco, identificamos o trabalho de Cavalcante (2007), cujo objetivo central delineado buscou caracterizar o processo de institucionalização da capoeira, a partir das instituições e agentes, especialmente na capital do estado do Acre.

Destacamos que entre os estudos produzidos sobre a capoeira no Acre, a pesquisa de Cavalcante (2007) se configura como um dos mais populares, dado o artigo publicado em conjunto com Albuquerque e colaboradores (2008), no qual apresentam resultados parciais da referida pesquisa.

Ainda de acordo com Cavalcante (2007), com a implantação da capoeira em Rio Branco, observamos dois momentos desse processo: primeiro, no prolongamento de 1992, com a inserção da capoeira como atividade optativa ao aluno pela Secretaria de Educação; em seguida, no decurso de 1997 com desdobramentos nos anos de 1998, 2004 e 2005, por meio de projetos de extensão universitária. Tais marcos permitiram expandir ainda mais a capoeira no município, difundiram sua prática entre os jovens e possibilitou o aparecimento de novos adeptos, conforme assevera a autora:

A primeira iniciativa foi implantada e implementada pela Coordenação de Educação Física, do Ensino Fundamental (SEE/AC). Tal iniciativa se constituía em um novo projeto onde as aulas de educação física contavam com três sessões semanais, e a possibilidade do educando optar por uma aula complementar de xadrez, capoeira ou ginástica rítmica desportiva. A segunda iniciativa consistiu na realização de dois Projetos de Extensão de capoeira que foram sediados no Departamento de Educação Física e Desporto (DEFD) da

UFAC. O primeiro era denominado Núcleo de Estudos e Prática de Capoeira da UFAC, foi realizado durante 1997 e 1998. O segundo Estudando e praticando Capoeira, foi efetivado de 2004 a 2005 (CAVALCANTE, 2007, p. 36).

Destacamos que o projeto de implementação da capoeira no Ensino Fundamental de Rio Branco, segundo Cavalcante (2007), ficou sob a responsabilidade dos respectivos professores Og Garcia Negrão, Rejane Marcelina Ribeiro e Maria do Socorro Craveiro de Albuquerque, a partir do contato com os capoeiristas da cidade. O segundo momento destacado pela autora, refere-se às atividades de extensão da Universidade Federal do Acre, desenvolvida pelo acadêmico de Educação Física, Francisco Alexandre Silva de Almeida, Mestre Xandão e, anos depois, por outro discente do curso, José Carlos Oliveira Cavalcante, Mestre Caju.

No tocante à proposta ser elaborada pela equipe pedagógica da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Acre, Silva (2007) esclarece:

Em 1991, o professor Og Garci Negrão assumiu a coordenação de Educação Física de 5ª a 8ª séries da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Acre (SEC/AC). Para efetiva o trabalho de assessoria aos professores de educação física da rede estadual, solicitou a disposição de duas professoras, de modo a compor um grupo de apoio na SEC/AC para as demandas originadas nas escolas. Após efetivação das docentes na Coordenação de Educação Física do Ensino de 1º Grau desta secretaria, a equipe passou a mapear o funcionamento das aulas, bem como os problemas relativos ao atendimento dos alunos (horários das aulas, professores, infra-estrutura das escolas, necessidades

de material de consumo) e o funcionamento da disciplina educação física (SILVA, 2007, p. 45).

Podemos observar com Silva (2007) o papel preponderante do estado, a partir da Secretaria de Educação, com todo empenho e esforço educacional do corpo técnico de professores, muitos dos quais vinculados à área de Educação Física, na construção do projeto da capoeira nas escolas no município de Rio Branco, cenário que evidencia a importância e preocupação em impulsionar de forma didática e pedagógica a capoeira, como realça outro autor quanto à prática da capoeira ser “[...] uma atividade muito praticada na cidade de Rio Branco, o que pode contribuir muito para e melhora na qualidade de vida de seus habitantes” (QUEIROZ, 2008, p. 17).

Por outro lado, vale ressaltar nesse contexto, as inúmeras iniciativas de alguns capoeiristas, tanto no início da década de 1990, como no decurso desse período, salientando a importância dos aspectos pedagógicos da capoeira, sobretudo, como instrumento de esporte e lazer para os muitos jovens e crianças que viviam nas ruas de Rio Branco, à medida que acabavam contando com o apoio, embora pontual, da Fundação Municipal Cultural e da Secretaria Municipal do Bem-Estar Social. O projeto chegava a atender uma média de duzentos alunos na faixa etária entre sete e quatorze anos de idade, como observamos nos jornais (Imagens 44 e 45):

Imagem 44 - Capoeira e menores carentes em Rio Branco/AC



Fonte: Acervo impresso do jornal A Gazeta (1993).

Imagem 45 - Meninos de rua aprendem capoeira em Rio Branco/AC



Fonte: Acervo impresso do jornal O Rio Branco (1993).

No entanto, o projeto de implantação da capoeira nas escolas de Rio Branco (Imagem 46) considerou todos esses aspectos e circunstâncias, mobilizando a Secretaria de Educação a realizar concurso público<sup>31</sup> para o quadro de professores do estado. Por sua vez, a referida Secretaria destinou certo percentual de vagas para profissionais da capoeira, visando atender à demanda do projeto da capoeira nas escolas. Entretanto, ressaltamos que para admissão no concurso, dependendo da área que o candidato fosse inscrito e aprovado, era exigido o nível do antigo 1º Grau, segundo atesta Silva (2007).

**Imagem 46** - Capoeira como esporte, arte e cultura nas escolas



Fonte: Cervo impresso do jornal A Gazeta (1991).

De maneira geral, verificamos que as condições foram criadas pelo estado, no sentido de viabilizar o desenvolvimento e a prática da capoeira nas escolas, impulsionando prefeituras do estado sobre a importância do projeto.

Após a realização do concurso público para formação do quadro de professores, “[...] o projeto se realizou no sistema de núcleos. Para isso, a cidade de Rio Branco foi dividida em sete

<sup>31</sup> De acordo com Silva (2007, p.54), o concurso público foi realizado mediante o edital n.º 001/92, de 14 de fevereiro de 1992.



regionais. Cada regional atendia as diversas escolas situadas numa mesma área geográfica” (SILVA, 2007, p. 52) (Quadro 3).

**Quadro 3** - Escolas de Rio Branco atendidas pelo projeto de Capoeira (SEE/AC)

Regionais	Escola	Bairro	Total de Escolas
Regional 1	Natalino da Silveira Brito	Estação Experimental	8
	Lindauro Leitão	Estação Experimental	
	Neutel Maia	Bosque	
	Francisco Salgado Filho	Floresta	
	Mozart Donizet	Vila Ivonete	
	Samuel Barreira	Bosque	
	Sheila Maria Mendes Nasseralla	Estação Experimental	
Ramona M. Pastor de Castro	Boa Vista		
Regional 2	Áurea Pires Montes de Souza	Aeroporto Velho	6
	Serafim da Silva Salgado	Aeroporto Velho	
	Heloísa Moura Marques	Floresta	
	Clínio Brandão	Floresta	
	Luiza Batista de Souza	Floresta	
Frei Tiago Maria Mattiole	Bahia		
Regional 3	Dr. Mário de Oliveira	Cerâmica	6
	Humberto Soares da Costa	José Augusto	
	Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco	Aviário	
	Georgete Eluan Kalume	Cadeia Velha	
	Jorge Félix Lavocat	São Francisco	
Prof.ª Berta Vieira de Andrade	São Francisco		
Regional 4	Teodolina Medina Falcão Macedo	Placas	4
	Helozira dos Santos Tomé	Vila Nova	
	Luiz de Carvalho Fontenele	Bosque	
	Pe. Carlos Casavecchia	Placas	
Regional 5	Colégio Acreano	Centro	4
	Instituto de Educação Lourenço Filho	Vila Ivonete	
	Colégio Estadual Rio Branco	Centro	
	José Rodrigues Leite	Centro	
Regional 6	Roberto Sanches Mubárac	Seis de Agosto	6
	Reinaldo Pereira da Silva	Seis de Agosto	
	Maria Angélica de Castro	2º Distrito	
	Madre Hildebranda da Pra	Cidade Nova	
	Dr. Carlos Vasconcelos	Quinze	
Elias Mansour Simão Filho	Taquari		
Regional 7	Alcimar Nunes Leitão	Distrito Industrial	5
	Darcy Vargas	Distrito Industrial	
	José Sales de Araújo	Conj. Universitário	
	Raimundo Gomes de Oliveira	Distrito Industrial	
	Senador Adalberto Sena	Conj. Tucumã	
<b>Total</b>			<b>39</b>

Fonte: Adaptado de Silva (2007, p. 53).

O quadro mostra a dimensão do que foi o projeto da capoeira nas escolas de Rio Branco na década de 1990, sobretudo, a extensão do alcance da prática da capoeira de forma institucionalizada, momento irreversível na história da capoeira acreana, postos os desdobramentos e continuidade da capoeira através de novos capoeiristas, principalmente o surgimento de grupos locais e a formação dos primeiros mestres de capoeira no Acre.

#### 1.4.4 GRUPOS LOCAIS E MESTRES DE CAPOEIRA NO ACRE

Em uma primeira análise, a formação de novos grupos de capoeira, principalmente aqueles com raízes asentadas no Acre, inauguram um período ainda em desenvolvimento, sobretudo, com a formação ou reconhecimento de muitos capoeiristas acreanos como mestres de capoeira. Nesse sentido, as inferências sobre o momento requerem determinada parcimônia, posto o risco da velocidade das transformações sociais que atingem em cheio os capoeiristas e a capoeira, mutuamente.

Além disso, o estado do Acre, no início dos anos 2000, acolhe um novo momento em direção à consolidação das políticas públicas para cultura e o esporte, transportando, assim, a responsabilidade e protagonismo da construção das políticas para junto de agentes culturais e esportivos, como a atuação de muitos capoeiristas, por exemplo.

Por esse ângulo, a criação da Liga Acreana de Capoeira (Imagem 47), no dia 28 de março de 2001<sup>32</sup>, evidencia

---

<sup>32</sup> Estatuto da Liga Acreana de Capoeira, conforme Cartório de Serventia de Registro Civil das Pessoas Jurídicas, registrado sob o nº de ordem 2.918, na Comarca de Rio Branco – Acre, 15 de março de 2002.

um passo a mais nessa direção, uma vez que surge como uma entidade representativa de classe, voltada à prática cultural e desportiva da capoeira, a partir de um espaço livre e democrático, cultural e desportivo.

Nesse sentido, observamos que, em torno da Liga Acreana de Capoeira, surge o embrião da formação de alguns grupos locais de capoeira, como o Mameluco Capoeira, e, por outro lado, as ramificações de grupos de outras regiões, ou seja, as filiações de capoeiristas do Acre com grupos de âmbito nacional, a exemplo da fundação dos grupos Cordão de Ouro e Candeias de Capoeira em 2002.

**Imagem 47** - Logo da Liga Acreana de Capoeira (LAC)



**Fonte:** Liga Acreana de Capoeira (2022).

A organização de novos grupos de capoeira, sobretudo aqueles de origem no Acre, saltam como elementos investigativos importantíssimos, posto que as razões para tal momento não estão claras. Embora algumas hipóteses apareçam como possíveis indicativos para interpretações, trata-se mais de colocar em relevo as dúvidas e inquietações sobre esse novo momento da capoeiragem do Acre.

Assim, alguns pontos parecem sinalizar chaves interpretativas relevantes acerca desse período. O primeiro ponto diz respeito à distância geográfica do Acre dos grandes centros da capoeira no país, fato que condiciona muitos capoeiristas acreanos à filiação com mestres distantes do estado, longe da realidade local. O segundo ponto talvez se correlacione com a autonomia e tempo dedicado à capoeira por muitos capoeiristas do Acre, posto o ímpeto pelo reconhecimento com graduações mais elevadas. Por fim, como terceiro ponto, pode-se considerar o aspecto financeiro dos grupos locais, visando autossustentabilidade de suas lideranças, ou mesmo dos próprios integrantes do grupo, a partir dos mecanismos de captação de recurso público, consequência da implementação das políticas públicas de estado.

Em linhas gerais, os pontos enumerados não revelam de forma imperativa a realidade da capoeira do Acre a partir dos anos 2000, mas indicam caminhos analíticos a serem explorados.

Por essa perspectiva, o jornal *O Rio Branco*, publicado em 22 de janeiro de 2005, oferece elementos para perscrutarmos acerca do surgimento de grupos locais de capoeira. De acordo com a matéria, a fundação do grupo Capoeiracre procedia da dissidência do conhecido grupo Capoeira Brasil, grupo de extensão nacional e internacional, com importante atuação no Acre durante a década de 1990, tendo Mestre Olho de Peixe como um dos expoentes da capoeira (Imagem 48).

**Imagem 48** - Grupo de capoeira difunde o nome do Acre

**CAPOEIRACRE**

# Capoeira do Acre para o mundo

Capoeira, um misto de jogo e dança, originária brasileira, mas com raízes africanas, está para o nome do Acre e o resto do mundo. O "Grupo Capoeiracra" ([www.capeiracra.com](http://www.capeiracra.com)) nasceu no dia 29 de maio de 2005, em Sidney, onde o representante na área, em breve, deve ir ao México, China, Bolívia.

Capoeira essa difundida aconteceu no dia 29, a las 10h30, na Associação do Bunko do Brasil, no Encontro Inter e Fundação do Grupos. O evento com participação de 14 que fazem parte do em Sidney, e do time na Alemanha, emiras de participação e do resto do encontro, se as 200 batidas e trocas na gaita (da capoeira).

A Capoeira está nascendo no dia 29 Capoeira Brasil, um lugar ao Capoeiracra.

Um dos maiores responsáveis pela difusão do Capoeira no mundo é o acadêmico José de Amorim, 30, o "Professor Borracha". Há mais de sete anos ele difunde a capoeira na Austrália, tendo um plano neste trabalho. Tornou-se conhecido e respeitado e hoje seu grupo tem um grande número de adeptos.

Professor Borracha foi um dos integrantes do Capoeira Brasil no Acre. Em 1993 e 1994, participou de uma turnê por todo o País, o que, segundo ele, lhe abriu as portas para o resto do mundo. Em setembro de 1997, instalou-se em Sidney, onde passou a difundir o misto de dança, luta e jogo. Recentemente decidiu levar também o nome do Acre para o mundo, fundando o Capoeiracra.

"Borracha", que também trocará de cordão durante o evento do dia 29, diz que sua intenção é difundir cada vez mais pelo mundo o nome de seu Estado de origem. "Vamos trabalhar cada vez mais para divulgar o nome do Acre, e assim, difundir a cultura brasileira."

**Importância do evento**

O representante maior do Capoeiracra no Estado, Guilherme Caspary, o "Contramestre Olho de Peixe", diz ser de grande importância a criação do grupo e a realização do primeiro encontro internacional no Estado. "Nunca soube que um grupo de 14 australianos tenha vindo de outro lado do mundo para participar de um evento desta natureza no Acre. E é por esta importância que vamos procurar o governador Jorge Viana, mostrar este trabalho e pedir apoio."

"Olho de Peixe" destaca que os australianos são trabalhadores comuns em seu país e que estão buscando o evento. Ele faz questão de citar os apoios recebidos no Acre, como os dos deputados estaduais Laís Tóth e Thaumaturgo Lima e das empresas Vigiarre, Kampa Turismo e Rio Branco Aeroáx.

**Australianos e brasileiros formam o grupo Capoeiracra**

**Brazileros e australianos participam do encontro em Rio Branco no dia 29**

**Contramestre Olho de Peixe (2º da esquerda para a direita) com Denê (B), Geben e Cangere**

**Fonte:** Acervo impresso do jornal *O Rio Branco* (2005).

De maneira geral, a matéria do jornal *O Rio Branco*, sugere três questões relevantes no horizonte dessa descrição: a) Quais seriam os limites e impactos das dissidências de grandes grupos de capoeira? b) Até que ponto a formação de grupos locais salvaguardaria as tradições e fundamentos da capoeira? c) Como se configuraria a identidade da capoeira nesse fluxo de transformações? Essas três questões mobilizam outra de igual peso nesse cenário: Como se alicerça a formação ou reconhecimento dos mestres de capoeira no circuito dos grupos locais?

Ainda que a contemporaneidade nos envolva com suas ininterruptas lentes do presente, podemos depreender que o registro sobre esse novo período da capoeira no estado do Acre não é o bastante sem uma dedicada e profunda reflexão que busque amplificar a compreensão acerca da trajetória da capoeira acreana para as atuais e futuras gerações de capoeiristas.

## REFERÊNCIAS

ACRE. **Lei estadual nº 3.148, de 27 de julho de 2016**. Institui o termo “acreano” como gentílico oficial do Estado e o acresce ao conjunto de símbolos a que se refere o art. 8º da Constituição Estadual. Rio Branco, 2016. Disponível em: <http://www.al.ac.leg.br/leis/wp-content/uploads/2016/08/Lei3148.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2020.

ACRE. **Resolução nº 06, de 09 de julho de 2009**. Dispõe sobre a abertura do processo de tombamento para fins de inscrição como Patrimônio Histórico e Cultural da Ponte Metálica Juscelino Kubitschek.

ALBUQUERQUE, Maria do Socorro Craveiro de; RIBEIRO, Rejane Marcelina; CAVALCANTE, Eliana de Oliveira; FERREIRA, Valéria Mendes dos Santos. Instituições e agentes de Capoeira de Rio Branco/AC. **Revista Ramal de Ideias**, Rio Branco, v. 1, p. 1-15, 2008. Disponível em: <https://sil0.tips/download/instituioes-e-agentes-de-capoeira-de-rio-branco-ac>. Acesso em: 24 fev. 2022.

ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves de. **A saga do Mestre Bimba**. Salvador: P&A, 1994.

ALVES, Leonardo Prata; MONTAGNER, Paulo César. A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias. **Conexões**. Campinas – SP, v. 6, p. 510-521, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em: 20 jan. 2022.

AREIAS, Almir das. **O que é Capoeira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

BARROS, José D’Assunção. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição. **Cadernos do Tempo Presente**. São Cristóvão-SE, v. 11, n. 02, jul./dez. 2020, p. 7. Disponível em: <https://www.seer.ufs.br/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo - Obras escolhidas**. Vol. 3. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura - Obras escolhidas**. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BEZERRA, Maria José. **Invenções do Acre: De território a estado – um olhar social**. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar história?** São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. **Código Penal** (1830). Código Criminal do Império do Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm). Acesso em: 24 fev. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 2.848**, de 7 de dezembro de 1940. Promulga o Código Penal. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D847.htmimprensa.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimprensa.htm). Acesso em: 24 fev. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 847**, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D847.htmimprensa.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimprensa.htm). Acesso em: 24 fev. 2022.

CAMPOS, Hellio. **Capoeira na Escola**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CAMPOS, Hellio. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CARR, Edward Hallett. **Que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CAVALCANTE, Eliana de Oliveira. **Instituições e agentes de capoeira de Rio Branco-AC**. 2007. 53f. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Departamento de Educação Física e Desportos – Universidade Federal do Acre. Rio Branco/AC, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CONTEL, Fabio Betioli. As divisões regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990). **Terra Brasilis (Nova Série)**, n 3, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/990>.

CORSI, Ricardo Ribeiro Cortes. **Mestre Suassuna: zum, zum, zum, cordão de ouro**. São Paulo, 2017.

COSTA, Craveiro. **A conquista do deserto ocidental**. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1974.

FABIANO, Ruy. **Mestre Gabriel: o mensageiro de Deus**. Brasília: UDV, 2012.

FERNANDES, Jorge. **Negros na Amazônia acreana**. Rio Branco-Acre: Edefac, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MAROUN, Kalyla; SOUZA, Weslly Valério de; MOURÃO, Ludmila Nunes. O processo de esportivização da capoeira no cenário contemporâneo. **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro - RJ, v. 11, n. 2, jul./de. 2015, p. 7-18. Disponível em: [https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9255/pdf\\_62](https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9255/pdf_62). Acesso em: 20 jan. 2022.

MARTINELLO, Pedro. **A batalha da borracha na segunda guerra mundial**. Rio Branco: Edufac, 2018.

PALHARES, Leandro Ribeiro. **Buscando a trajetória histórica da capoeira**: dos navios negreiros à capital mineira. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1999.

QUEIROZ, Francisco Gomes de. **Níveis de flexibilidade em praticantes de capoeira na cidade de Rio Branco**. 2008. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Departamento de Educação Física e Desporto – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2008.

ROCHA, Flávia Rodrigues Lima da. **Inaudíveis e invisíveis**: Representações de negros na historiografia acreana. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2011.

RODRIGUES, Bruno Camelo. **Capoeira**: seus aspectos relevantes no contexto sócio-cultural no Brasil. 2011. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Departamento de Educação Física e Desporto – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SILVA, Elane Cristine Almeida da. **Capoeira - A arte através da história**. In: DPHC/FEM. **Negros no Acre**. 2005.

SILVA, Elizama Vidal da. **O processo de implantação da capoeira na rede estadual de ensino do município de Rio Branco**. 2007. Monografia (Bacharelado em Educação Física). Departamento de Educação Física e Desporto – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2007.

SILVA, Francisco Bento da. **Acre, a Sibéria tropical**: desterrados para as regiões do Acre em 1904 e 1910. Manaus: UEA Edições, 2013.

SILVA, Italva Miranda da. **Terreiros de candomblé na Amazônia acreana**: Lutas e solidariedades na construção de territórios e identidades. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2009.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre**: novos temas, nova abordagem. Rio Branco: Editor Carlos Alberto Alves de Souza, 2009.



THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TURAZZI, Maria Inez; GABRIEL, Carmen Teresa. **Tempo e história**. São Paulo: Moderna, 2000.

## CAPÍTULO 2

---

### A CAPOEIRA ACREANA: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Alcilene Oliveira Alves  
Maria Cristina Lobregat

#### 2.1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo está em descrever e identificar tanto os espaços como as produções e reproduções da prática cultural em grupos de capoeira no estado do Acre. Para esse empenho, foi necessário uma “ginga” por parte dos pesquisadores envolvidos no Projeto “Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre”. Isso quer dizer que, por um lado, existia a necessidade de acompanhar o cotidiano dos grupos de capoeira em todo o estado, de maneira recorrente; e, por outro lado, enfrentamos uma crise sanitária mundial de Covid-19 causada pelo *Sars-CoV-2*, desde 2020, que se estendeu até 2021 e ainda ameaça a população com novas variantes do vírus. Para podermos desenvolver esta etapa do projeto e atingir os objetivos, fizemos de forma segura algumas incursões no “espaço”/campo da pesquisa para a observação presencial e, de certa forma, entender esse movimento como uma “experiência etnográfica” capaz de, minimamente, concluir as discussões.

O encaminhamento deste capítulo é essencialmente descritivo sobre os encontros presenciais com alguns mestres de capoeira, com a observação da roda e as peculiarida-

des de cada grupo, como também destacaremos os espaços dedicados à prática da capoeira e às características socioculturais dos integrantes dos grupos estudados, relacionando a capoeira pensada e praticada pelos capoeiristas acreanos à capoeira histórica de raiz afro-brasileira. Além disso, a partir de uma breve “experiência etnográfica” e das entrevistas concedidas pelos capoeiristas, destacamos as relações do ofício de ser mestre às condições de manutenção da prática da capoeira como profissão. Nesse contexto, as entrevistas trazem o destaque do pertencimento histórico e sociocultural da capoeira ao “capital simbólico” discutido na literatura de Pierre Bourdieu (2007) e que, de forma significativa, possibilita-nos tecer algumas relações analíticas entre a capoeira na sua prática e o capital simbólico, que “[...] não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição” (BOURDIEU, 2007, p.145). Diante disso, quando o capoeirista se insere em um determinado grupo de capoeira, mudanças em sua forma de ser ocorrerão e ele se sentirá detentor de um capital simbólico que pode ser refletido ao potencializar o poder transformador desse agente. Isso significa dizer que os conhecimentos dos mestres de capoeira são passados para os capoeiristas que poderão ser mestres com o passar do tempo. Todo o processo de detenção, manutenção e transferência de saberes fica claro nas entrevistas dos mestres e nas conversas avulsas com os capoeiristas durante as visitas etnográficas.

Seguindo o objetivo de analisar o material com ferramentas científicas, também salientamos a descrição e a análise das observações, aproximações e entrevistas anco-

radas no conceito de liminaridade<sup>33</sup> de Victor Turner (2013), de forma que as narrativas são destacadas tanto como experiências dos interlocutores na capoeira acreana ao longo de décadas, como também de atualidades e contextos que delimitam os espaços de reconhecimento no estado. A “experiência etnográfica” nos aproxima dos escritos de Clifford Geertz (2015) por aprimorar nossa compreensão sobre os aspectos etnográficos em contexto de crise sanitária mundial, bem como as possíveis formas de analisarmos e descrevermos a coleta de dados.

Mergulhamos nos escritos e, necessariamente, no caminho de Clifford Geertz (2015) em busca de respostas para as questões metodológicas que a etnografia impõe, portanto, deparamo-nos com a exigência inerente à prática etnográfica que envolve “[...] estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 2015, p. 4) e, embora não tivéssemos um cronograma de visitas atulhado de encontros, fizemos outras ações que possibilitaram dar ao projeto e à pesquisa características etnográficas. A teoria de Geertz também nos auxilia nas análises por combinar com nossos propósitos e percepções, pois, assim como o antropólogo, nós também vimos nos sujeitos a absorção parcial/reprodutiva de preceitos históricos, sociais e culturais a partir da experiência e relação com o grupo. Entretanto, isso não fere a individualidade, pois o “estar no mundo” não é uma mera reprodução mecânica desse mundo e, assim, cada sujeito,

---

<sup>33</sup> O conceito de liminaridade é atribuído a Victor Turner, e sua origem se deu após a leitura do antropólogo da obra de Van Gennep. Turner concebe a liminaridade como um momento de margem, passagem em um processo transitório dentro de situações de estrutura e antiestrutura social.

estabelece estratégias a partir da sua leitura e forma de existir. No caso da capoeira acreana, podemos dizer que há semelhanças e diferenças entre as formas de ver, pensar e praticar a dança/luta/prática esportiva. Será neste capítulo que ressaltaremos tais individualidades, sempre enfocando a importância das diferenças para destacarmos a formação identitária dos grupos.

## 2.2 UMA DESCRIÇÃO DENSA DOS ESPAÇOS E TRAJETOS

A aproximação, os diálogos e as observações dos espaços dedicados à capoeira no Acre foram breves, entretanto, significativas. A primeira estratégia para podermos analisar os saberes dos mestres/professores/praticantes em seus espaços de academias foram entrevistas gravadas durante a pandemia da Covid-19, de maneira remota e algumas presencialmente, notadamente seguindo todos os protocolos de segurança. Na incerteza de podermos ou não nos aproximarmos fisicamente, deu-se início à execução de um cronograma de entrevistas com os mestres de variados grupos envolvendo os pesquisadores participantes do projeto. Para essa análise e constituição do capítulo, ouvimos e destacamos pontos significativos nas narrativas de nossos interlocutores, observando principalmente a forma de ver e sentir a capoeira no contexto do estado (as influências, as técnicas, a filosofia e a prática). Após ouvirmos várias vezes as entrevistas, que podemos considerar a primeira aproximação, iniciamos as visitas de campo com maior segurança em face ao avanço da vacinação da população, bem como à diminuição dos índices de contaminação nos últimos meses de 2021.

A primeira aproximação presencial foi na academia do Mestre Saci, grupo Candeias<sup>34</sup>/AC. Organizamos a visita em horário de atividade com os capoeiristas adultos, às 18h30. Partimos do Instituto Federal do Acre às 17h30 para não nos atrasarmos, pois o endereço revelava uma distância bastante significativa, devido ao Bairro Santa Inês ser localizado no 2º Distrito da capital, do outro lado do rio Acre. Procurando pelo caminho menos extenso, percorremos por atalhos e, em vez de seguirmos a BR, atravessamos a comunidade. Sabíamos que a localização da Academia se tratava de um local arriscado para visitantes desavisados, entretanto, por ingenuidade ou curiosidade, queríamos passar pelos vários caminhos até chegar ao nosso destino. Chegamos com antecedência de horário, pois queríamos observar os detalhes da construção que é dedicada à prática da capoeira.

Estacionamos o carro em frente à residência do Mestre Saci, onde também funciona sua academia, sede do grupo no estado. Logo na entrada, havia uma cerca feita com balaústres e um portão, também de madeira, que delimita o fora e o dentro. Após essa primeira passagem, há um espaço imitando uma área externa, obedecendo ao distanciamento entre a cerca e a porta de entrada. Ao chegarmos, estava tudo fechado, entretanto o Mestre Saci veio nos receber e nos convidou para entrar. A curiosidade era mais intensa que o olhar atento das pesquisadoras. Apresentamo-nos e iniciamos uma conversa avulsa enquanto o mestre finalizava a limpeza do espaço para dar início às atividades de treino assim que os capoeiristas chegassem.

---

<sup>34</sup> O grupo Candeias é liderado no Acre há 20 anos por Mestre Saci. É oriundo do estado de Goiás fundado por Mestre Suíno. O nome Candeias, que significa luz, foi escolhido em 1991 quando decidiram usar um mesmo nome, uma mesma filosofia, um currículo apenas e seguir os mesmos objetivos (Informações disponíveis em: <https://grupocandeiascba.wordpress.com>).

O espaço dedicado aos treinos trata-se de um baracão alto, construído em alvenaria e coberto por telhas de fibrocimento. As paredes são coloridas com as cores cinza e laranja. Não há refrigeração de ar e o mestre nos disse, em tom de brincadeira, que uma das características da capoeira é o suor. Embora se referisse ali à realidade climática amazônica, suas palavras nos remeteram ao suor dos negros escravizados e a todo o processo de resistência (suor) que o povo negro vivencia ainda hoje para sua sobrevivência e manifestação de sua cultura.

Voltando à descrição, ao entrar, logo na frente, vimos um tatame com barras de ferro para práticas de exercícios de alongamento e de força, além de um saco de pancada à disposição dos capoeiristas para treino. A uns dois metros, havia um círculo com a logomarca do grupo ao qual o mestre Saci está vinculado. O círculo é onde os capoeiristas fazem a roda para dançar/jogar/lutar/brincar/exercitar-se na prática da capoeira após os exercícios de alongamento e aquecimento. Observamos a presença de bebedouro coletivo, com água gelada, sem copos, pois cada aluno leva seu utensílio de bebida. Há um banheiro e uma espécie de depósito que também serve para os capoeiristas trocarem a roupa pelo uniforme, também há bancos nas extremidades das paredes e três aparelhos, já envelhecidos, para exercícios de musculação e uma bicicleta ergométrica.

Enquanto o Mestre Saci finalizava a preparação e limpeza do espaço, conversávamos com ele sobre a logomarca do grupo. Foi quando ele nos informou que Mestre Suíno lhe dissera que a logo reflete a ideia de luz, inerente ao nome do grupo. Com isso, há o sentido básico da função da capoeira como trabalho social que proporciona “luz” aos jovens através de sua filosofia e disciplina.

Mestre Saci nos informou também sobre o horário de funcionamento: segunda e quarta-feira à noite, com atendimento ao grupo formado pelos adultos; e às terças e quintas-feiras de manhã, com atendimento às crianças e pré-adolescentes. Não há limite de idade para ingressar nas aulas, basta querer e frequentar, foi o que nos disse Mestre Saci.

Os capoeiristas foram chegando, lentamente, para iniciarem o aquecimento. Com isso, aproveitamos para conversar com cada um que chegava. Alguns conversavam de maneira descontraída, outros de maneira resabiada e apenas respondiam de forma monossilábica. Sabíamos que o momento de aproximação do observador/pesquisador com o “outro” é bastante delicado, é uma relação que se constrói com o tempo e a cotidianidade, algo que poderia nos custar caro pelo atraso do cronograma devido à pandemia. Nossa vantagem, enquanto grupo de pesquisa, se dava pelo fato de termos pesquisadores que são capoeiristas e, desse modo, qualquer dúvida ou falha na observação poderia ser revisitada através da investigação com os nossos pares de pesquisa.

Um detalhe nos chamou bastante a atenção: os apelidos de cada capoeirista participante naquela noite. O Mestre Saci nos informou que, antigamente, os apelidos ressaltavam alguma caricatura pejorativa da pessoa. Entretanto, essa forma de apelidar foi ressignificada com o passar dos anos e o amadurecimento das discussões sobre *bullying*, portanto o grupo Candeias também se atualizou. Segundo o Mestre, hoje, o próprio aluno escolhe seu apelido, ou até mesmo os pais, bem como muitos apelidos ressaltam qualidades do capoeirista, não necessariamente, um aspecto “negativo” relacionado à aparência ou comportamento, como no passado. Apelidos como Dentinho, por exemplo, que ressaltava a má oclusão



dentária, ou Gavião, pelo comportamento de namorador, foram maneiras anteriores de apelidar os membros do grupo.

Durante a conversa com o grupo, também fomos informadas que a graduação se dá pela experiência e conhecimento, não havendo uma forma fixa dessa formação. Para Mestre Saci, a “capoeira é uma causa”, o que significa dizer que é uma forma de “ser” e “estar” no mundo onde o reconhecimento ainda representa resistência e luta, isso devido ao aspecto histórico e simbólico da capoeira no Brasil. Assim, muitos capoeiristas, ao ingressarem em igrejas evangélicas, são impelidos a abandonarem a capoeira devido a sua raiz afro-brasileira. Na fala do Mestre Saci, percebemos que há um movimento de ressignificação da capoeira e dos capoeiristas, pois, naquele grupo, o cristianismo faz parte da vida pessoal da maioria deles, assim como o é para a maioria dos brasileiros, cuja tradição judaico-cristã fora imposta pelos colonizadores. Tais constatações demonstram, na fala do Mestre Saci, o aspecto democrático da capoeira, ou melhor dizendo, “a capoeira não discrimina ninguém”.

O Mestre Saci também nos informou que os capoeiristas vão trocando as cores das cordas conforme o amadurecimento e a dedicação à capoeira e sempre acontece em evento, chamado de batizado, para essa graduação, que conta certamente com a presença de outros mestres. Entretanto, durante a pandemia tudo ficou parado. Também comentou que o batizado na capoeira foi criado por Mestre Bimba, o criador da Capoeira Regional, com uma definição curricular e pedagógica. No grupo Candeias, o Mestre Suíno publicou um livro intitulado “No caminho do mestre”, cujo conteúdo dispõe de um currículo a ser seguido para cada graduação e informações gerais sobre a capoeira e princípios didático-pedagógicos.

De acordo com o Mestre Saci, a graduação do capoeirista é relacionada ao conhecimento sobre os aspectos filosóficos e à experiência dentro do grupo. Deixou claro que cada escola tem sua forma de pensar essa graduação com relação à cor da corda e ao currículo, também enfocou o ponto positivo de o aluno querer conquistar a próxima corda até chegar a ser graduado e professor.

Em uma das visitas feitas, os alunos e o Mestre Saci explicaram sobre os instrumentos musicais: todos devem aprender a tocar alguns instrumentos e cantar na roda. Disseram-nos que o berimbau é um instrumento produzido pelo capoeirista; as músicas são temáticas, ser letrista é um aspecto positivo para o capoeirista acrescentar em seu currículo individual. Para eles, o mestre deve ser aquele que ensina, que possui seguidores, que tem discípulos e adquire a sabedoria de todas as dimensões da capoeira (como arte, como jogo, como luta, como música), sendo, portanto, uma necessidade para a conquista da graduação.

Eles cantaram e tocaram o berimbau, o atabaque, o agogô, o caxixi e o pandeiro, alternando explicação e música de autoria de um dos capoeiristas do grupo. Essa aceitação da presença das pesquisadoras no ambiente da capoeira nos deixou mais confortáveis durante a interação. Esse foi o último dia que encontramos o grupo Candeias/AC e acordamos que, se necessário e possível, faríamos mais visitas.

Seguimos o nosso cronograma e marcamos uma visita ao local onde o grupo Cordão de Ouro<sup>35</sup>/AC desenvol-

---

<sup>35</sup> O grupo Cordão de Ouro Acre é uma filial do grupo fundado por Mestre Suassuna na década de 1960, mais exatamente em 1º de setembro de 1967, juntamente com Mestre Brasília, numa época de grandes festivais da música popular brasileira. Inspirados na letra da música Lapinha de Baden Powel, os integrantes decidiram pelo nome Cordão de Ouro para o grupo e para a academia, como também para homenagear Besouro Cordão de Ouro.

ve suas atividades e encontros. Como o mês de dezembro já estava em sua segunda quinzena, as atividades estavam finalizando para o ano de 2021, após a pandemia. Esse encontro aconteceu dia 16/12/2021, às 18h30, na sede do grupo, localizada na cidade de Rio Branco /AC, no Bosque, bairro considerado nobre. O acesso ao local foi muito tranquilo por se localizar próximo ao centro. Ao chegarmos, apresentamo-nos para o Mestre Arrepiado como pesquisadoras do Instituto Federal do Acre e solicitamos a nossa entrada para participar do evento. Sentimos que a recepção foi bastante positiva, conseguimos observar os espaços e a presença feminina na comemoração.

A boa receptividade nos permitiu melhor ambientação ao lugar, onde observamos, em cada detalhe, uma aprendizagem. É um barracão, com as paredes altas e diferentes gravuras artísticas pintadas. A cobertura do espaço é com telhas galvanizadas sustentadas pela estrutura composta por quatro pilastras. O espaço é bem comprido em formato de retângulo. Logo na entrada passamos por uma porta de madeira pintada na cor branca. À direita, havia algumas cadeiras brancas e de plástico, logo mais à frente um banco de madeira estilo de praça. À esquerda, havia um bebedouro, sem copos descartáveis, e uma outra entrada para os banheiros. Ao fundo do barracão avistamos um *banner* com a logomarca do grupo que dividia a foto do Mestre Xandão e dos Mestres Pastinha e Bimba, cobrindo quase que a totalidade da parede de madeira. Pouco à frente, estava disposto um banco comprido, o qual serviu como assento para os capoeiristas tocarem e cantarem as músicas durante o ritual da roda de capoeira.

Foi perceptível a interação entre os capoeiristas que chegavam para a roda comemorativa, uma harmoniosa

reunião com características festivas. O ar de comemoração estava bastante visível entre os praticantes do jogo. No início, os capoeiristas fizeram uma roda e, ao som de três berimbaus, um pandeiro e um atabaque, iniciaram seus movimentos, e o espetáculo foi tomando forma de luta, dança e jogo. Meninos e meninas, moças e rapazes participaram ativamente da roda. Havia a presença marcante feminina, em idades variadas, jovens, crianças e adolescentes. Todos uniformizados, exibindo suas agilidades em movimentos sinuosos dentro da roda.

Destacamos, portanto, que se tratava de um encontro especial, marcando não apenas o encerramento das atividades anuais das turmas dirigidas por Mestre Baqueta e Contramestre Edu, mas um encontro em comemoração ao aniversário do Mestre Matraca e o lançamento do seu segundo CD, "No balanço das ondas", com cantigas de capoeira, muitas delas cantadas ali na roda ao som dos instrumentos durante o último encontro anual do grupo Cordão de Ouro.

Estavam presentes muitos capoeiristas, aprendizes de todas as idades, a partir de cinco anos. Alguns vieram de outra comunidade que o grupo Cordão de Ouro atende; as mães acompanhavam as crianças menores. Havia alunos pagantes e não-pagantes. Para o grupo, existe o intuito de levar a capoeira a espaços que necessitam dela como caminho para crianças e adolescentes encontrarem sentido no "estar" no mundo que vai além do envolvimento com drogas ou tráfico. Essa é uma preocupação recorrente do Mestre Xandão em suas entrevistas que serão analisadas mais adiante.

Convém salientar que todos os mestres citados e outros que estavam presentes na roda foram formados por Mestre Xandão. Outro importante aspecto é o caráter inte-

grador verificado na roda, pois estavam participando dois capoeiristas de outros grupos, não sendo identificado nos jogos qualquer expressão de agressividade ou violência, mesmo sabendo que na década de 1990, a rivalidade se fazia presente entre os grupos. Há nas entrevistas muitas narrativas que ressaltam as diferenças e rivalidades existentes no passado. No final da noite, houve a festividade com bolo e salgados para celebrar o aniversário do Mestre Matraca.

Por estarmos em busca de aproximação e interação com os mestres e alunos da capoeira, participamos de uma atividade no município de Senador Guiomard, atendendo ao convite do Contramestre Riquinho, também pesquisador do projeto, que viu uma oportunidade para observação participativa dos pesquisadores no ambiente da capoeira também na cidade vizinha de Rio Branco, mais conhecida por seus moradores pelo nome de Quinari, distante da capital aproximadamente 27 km. Partimos às 17h, no percurso feito pela Rodovia AC-040, até chegarmos à praça central, Fontenele de Castro, centro do Quinari, juntamente com o professor Sabiá, capoeirista e integrante da equipe de pesquisa.

O encontro foi chamado pelos organizadores de “Encontro dos Pioneiros” e reuniu capoeiristas de várias gerações. Foi um reencontro de camaradas e uma expressão artística e cultural que finalizaria as atividades da capoeira naquela cidade no ano de 2021. Ao chegarmos, o Contramestre Riquinho nos apresentou aos capoeiristas locais, em particular ao Contramestre Zagarra e professor Rambo, duas lideranças da capoeira local, e mencionou aos presentes sobre a importância do projeto para a história da capoeira no estado, especialmente, em face do momento histórico que representou o encontro.

Ao iniciarem a roda, alguns capoeiristas mais antigos lembraram o início individual da trajetória na capoeira. Mencionaram os locais onde aconteciam as aulas, os motivos pelos quais ingressaram no grupo e as persistências para que pudessem manter o vínculo com a capoeira. Foi possível perceber que o vínculo do sujeito ao grupo deve-se à crença de que a capoeira se transforma em um “jeito de ser”, ultrapassando o sentido de praticar atividade física pela saúde do corpo. Segundo os capoeiristas, a capoeira não é só corpo, mas alma também.

Diferente do que um observador “de fora” possa imaginar sobre uma roda de capoeira na rua, percebemos que entre aqueles capoeiristas existia uma cumplicidade e vínculo ideológico com a capoeira como arte e modo de viver. Uma harmonia entre eles nos mostrava que há o desejo de conquista de espaço social cada vez mais latente. Na roda, havia contramestres, professores e aprendizes, idades variadas, entretanto, sem a presença feminina, o que de certa forma nos causou reflexão sobre a roda na rua e a roda na academia, isso talvez pudesse ser um implicativo que inibisse a presença da mulher. Para a nossa análise, não trouxemos para o debate a questão de gênero, portanto esse aspecto pode, futuramente, ser pesquisado na capoeira do Acre. Foi também uma noite festiva em clima harmonioso e de amizade que encerrou o ano de 2021 para os grupos do Quinari e seus convidados.

Mesmo com o Natal se aproximando, nosso cronograma ainda não havia sido cumprido. Seguindo-o criteriosamente, dirigimo-nos pela BR 364, em direção ao aeroporto, até o acesso ao Loteamento Vila Maria, no Distrito Industrial, longe do centro de Rio Branco, para chegarmos à sede do

grupo AcreBrasil<sup>36</sup>, localidade esta que, segundo relatos do Mestre Caboquinho, apresenta vários problemas sociais. Para o mestre, o grupo AcreBrasil possui um papel importante dentro da comunidade com um trabalho significativo, especialmente com o público infantil.

O local onde as aulas acontecem é no final de uma estrada estreita e sem pavimentação. O terreno onde foi construída a sede do grupo é resultado de uma ocupação, e, apesar das ameaças de reintegração de posse, Mestre Caboquinho garante que, pelo trabalho desenvolvido na comunidade, haverá a compreensão no processo, sobre a importância do espaço naquele bairro. Sua associação atende, na localidade, em torno de 40 crianças e cerca de 20 adultos, entre alunos pagantes e não-pagantes.

Segundo o mestre, a pretensão é ampliar o atendimento à comunidade, incluindo aulas de reforço para crianças e atendimento de educação infantil. Embora seja um projeto de ampliação bastante ousado, Caboquinho acredita que conseguirão atingir a meta, que consiste em quatro salas individualizadas, alojamento masculino e feminino, recepção, estacionamento e salão de atividades. A construção da sede foi iniciada em fevereiro de 2021 e, hoje, o salão de atividades está em plenas condições de uso. Segundo o mestre, o espaço é resultado de muito trabalho, e grande parte dos recursos são provenientes dos pró-labores recebidos nos editais das leis de incentivo à cultura e ao esporte municipal e estadual.

---

<sup>36</sup> A Associação Cultural e Desportiva AcreBrasil Capoeira foi fundada em 2005 como resultado de um desejo de independência Mestre Caboquinho que decidiu aproximar a capoeira ao nível profissional. O foco do grupo está em promover os valores humanos a partir da capoeira, uma ferramenta também pedagógica capaz de contribuir para a formação de uma sociedade melhor (Disponível em: <https://actiweb.one/acrebrasil>).

Durante nossa conversa, uma aula de capoeira estava sendo conduzida pelo professor Guerreiro, também conhecido por Gogó de Sola, que é estagiário do grupo e reside em Rondônia. O intuito de Guerreiro é ingressar plenamente no grupo, mas, para tanto, é necessário passar por um período de estágio durante um ano, passar por uma avaliação para depois ser aceito, caso cumpra os requisitos necessários. A aula do professor Guerreiro era embalada ao som de músicas de capoeira reproduzidas por um aparelho de som, mas em alguns momentos ele também utilizou o pandeiro de modo a estimular os aprendizes. Percebemos, em um momento da aula, que os alunos dispostos em roda treinavam movimentos rasteiros e aéreos e no final o professor fez um jogo com cada um dos participantes.

Enquanto a atividade de capoeira acontecia ao fundo do salão, conversávamos diretamente com Mestre Caboquinho e Mestre Papagaia, o segundo, com anos de experiência, pois é um dos alunos remanescentes de Mestre Rodolfo, baluarte da capoeira acreana. De acordo com Mestre Caboquinho, Papagaia foi seu primeiro professor e, embora tenha se integrado recentemente ao grupo, é considerado um mestre de honra do AcreBrasil Capoeira. Papagaia disse que o chamado de Caboquinho foi uma demonstração de respeito, humildade e consideração por ele, não apenas recebendo-o como mestre de honra, mas cedendo-lhe um espaço para moradia e prática da capoeira.

Mestre Papagaia destaca com perceptível orgulho que se rendeu aos estudos na universidade ao cursar Educação Física, evidenciando uma expectativa de melhoria, potencialmente em nível de reconhecimento social, e pela própria comunidade capoeirista que, assim como a população



em geral, tende à cultura de valorização bacharelesca. Ele evidencia ainda que, embora a formação na faculdade só esteja acontecendo agora, teve a experiência de fazer um concurso para capoeirista na cidade de Rio Branco na década de 1990. Nesse momento da conversa, a experiência de concurso do Mestre Papagaia nos possibilitou entender a memória em seus aspectos individual e coletivo, pois em entrevistas com outros mestres esse fato também foi citado. A existência ou não do concurso não é senso comum entre os capoeiristas, alguns confirmam e outros duvidam. No intuito de resolvermos esse impasse, optamos por pensar a memória dos capoeiristas com base em Alessandro Portelli (1996, p.4) e ressaltamos que “[...] não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro”. O que nos importava não se ligava à existência ou não do concurso, mas à presença de uma exigência estrutural para a prática da capoeira, bem como isso poderia ou não contribuir para a prática da capoeira no estado.

A conversa destacou a vulnerabilidade da comunidade e a função da associação nesse contexto. Enquanto conversávamos, um dos alunos chegou atrasado e o mestre cobrou-lhe a assiduidade e pontualidade, ao passo que o garoto informou que a igreja, à qual ele pertence, estava colocando empecilhos para a prática de capoeira. Esse fato acabou entrando em discussão, e o Mestre Caboquinho frisou que um dos objetivos é construir a imagem positiva da capoeira junto à comunidade evangélica. Para isso, o procedimento dele é o de procurar o pastor e conversar de forma amena, explicando-lhe a filosofia do grupo. O objetivo do mestre é o de tornar a capoeira uma prática que traga benefício à saúde, minimi-

zando o senso comum de pastores sobre a presença de ritual religioso de raiz afro-brasileira em seu grupo.

Os grupos de capoeira visitados simbolizam apenas uma amostra no universo da capoeira no estado do Acre, cabendo reconhecer a impossibilidade de maior abrangência das observações em virtude das dificuldades impostas pela pandemia e pelo tempo já exíguo disponível para o encerramento da pesquisa. Convém salientar, porém, que as aproximações foram significativas para compreendermos a cotidianidade e alguns aspectos importantes que serão analisados e destacados nas próximas seções deste capítulo.

### **2.3 APONTAMENTOS SOBRE AS CONCEPÇÕES DE RELIGIOSIDADE E A CAPOEIRA COMO EXPRESSÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

Iniciamos a discussão, resgatando conceitos ligados diretamente a debates da Antropologia, o que os tornam pulsantes no momento da experiência etnográfica. Para esse diálogo, recorreremos às teorias de Victor Turner (2013) sobre a “liminaridade”, tendo como ponto de análise a ideia de momento de atravessamento, de margem dos ritos de passagem, na qual os sujeitos sociais estão em um processo transitório para uma adequação à vida social. Nesse contexto da teoria de Turner, podemos colocar os grupos de capoeira do estado do Acre em constante afirmação daquilo que os definem, seja no aspecto religioso, de identidade nacional e de inserção no contexto educacional/curricular. As vozes dos mestres de capoeira demonstram que os rituais vivenciados pelos grupos os levam para uma afirmação identitária peculiar a todos, mesmo que, em certos momentos, as diferenças sejam destacadas.

A análise baseia-se nas entrevistas gravadas no primeiro momento da pesquisa em 2021. No segundo momento, temos as conversas durante as visitas presenciais nas quais tivemos a oportunidade de vivência com os capoeiristas/alunos e os mestres em atuação docente. Foi através das vozes dos mestres e capoeiristas que percebemos a liminaridade existente nos processos de construção da identidade da capoeira acreana. Essa trajetória identitária iniciou com o Mestre Rodolfo e se estendeu a partir de um processo de significados sociais dentro dos grupos existentes. Observamos que há aspectos recorrentes na fala de cada entrevistado e, de maneira diferente, eles dizem muito daquilo que desejam com o ofício de mestre na roda de capoeira.

A compreensão da liminaridade nos grupos da capoeira acreana nos remeteu ao terceiro capítulo do livro "O processo Ritual" (2013), de Victor Turner, por propor em sua teoria que o estado liminar é um estágio que, muitas vezes, pode ser ambíguo e nele os componentes de um grupo social não estão em "um lá" ou "um aqui" definidos, pois necessitam de ritos de passagem para passarem a soleira e sofrerem uma mudança social. O ritual discutido por Turner está ligado à teoria de Van Gennep (2013) e aos ritos de passagem capazes de compor o estado limiar em três fases: separação ou afastamento; margem ou limiar; e agregação ou reagregação. Todo esse processo é identificável nas vozes e memórias dos mestres de capoeira entrevistados durante a pesquisa ao mencionarem rituais de batizado e de roda, por exemplo.

A partir da leitura de Van Gennep, foi possível entender que, ao inserir-se em um grupo de capoeira, esse sujeito entra em um processo limiar composto por rituais como a roda de capoeira e o batismo, o que consideramos um dos

momentos vividos “dentro” do processo de identificação. Dessa forma, destacamos a maneira de manifestar a liminaridade mais ampla, pois atinge a todos os grupos do estado. Isso significa dizer que o processo de reconhecimento da capoeira como patrimônio imaterial também leva os capoeiristas do Acre a entrarem em uma condição de liminaridade enquanto grupo identitário.

Podemos citar outros rituais de passagem como a inserção na universidade para formação específica em Educação Física, o que também demonstra a procura por um “ajustamento” dentro de algumas exigências que a estrutura social cobra para que o ensino da capoeira seja considerado uma prática educativa vinculada às instituições de ensino e com presença no currículo. Sendo assim, a história de vida e experiência na capoeira é composta por várias passagens de uma posição social para outra por meio de aceitação, negação, construção e reconstrução de formas organizativas na capoeira. Desse modo, manter-se na liminaridade é também uma forma de resistência para a construção do reconhecimento.

A realidade dos capoeiristas acreanos está sempre em movimento quando pensamos nos processos históricos como experiências em torno do reconhecimento da capoeira pela sociedade local e isso traz nas falas dos mestres a ausência de políticas públicas para manterem a ideia da cultura nacional viva. A existência e resistência da capoeira no Acre relaciona-se com a liminaridade constante que representa um estado de transitoriedade, mas que podemos pensar também como um “entrelugar”, pois para dar um novo significado à capoeira fica muito evidente que há apropriações de exigências sociais para a aceitação, como uma força simbólica que a atrai para a concepção do “aceitável” socialmente

para quebrar grilhões que alguns discursos históricos fazem ao relacionar a capoeira com coisa de vadio, bandido e macumbeiro. Isso implica mencionar a relação da capoeira com o cristianismo evangélico, uma vez que, segundo os capoeiristas, é necessário desconstruir junto aos religiosos (pastores) o preconceito com a música e com os rituais da capoeira por possuírem vínculo com a cultura afro-brasileira e, consequentemente, com religiões como Candomblé ou Umbanda.

Alguns mestres consideram a capoeira uma atividade esportiva. Sendo assim, os instrumentos de percussão como o atabaque, por exemplo, que tem uma forte ligação com a “gira” do candomblé, bem como com os rituais da umbanda, perde seu significado de uso religioso e passa a ser um instrumento musical herdado historicamente. A capoeira passa a ser um esporte, equiparando-se a uma arte marcial e ou a uma prática lúdica. Existe uma dificuldade em dizer que alguém luta a capoeira, normalmente dizem que jogam a capoeira. A ausência da palavra “luta”, enquanto elemento de resistência, traz consigo o apagamento do conceito de “vadiagem”, no sentido pejorativo da palavra, o qual era utilizado para descrever os capoeiristas em situações de confronto. Todavia, alertamos que para apagar o conceito pelo conceito, podemos correr o risco de apagar os rastros históricos da construção cultural da capoeira.

Sobre a desconstrução do vínculo da capoeira com as religiões de raiz africana<sup>37</sup>, que para o cristianismo evangélico possuem uma devoção ao “diabo” ou evocação dos “espíritos”, os mestres procuram evidenciar o aspecto esportivo e de jogo

---

<sup>37</sup> “A impossibilidade de pesquisa documental sobre a origem da capoeira no Brasil tem como base a [...] falta de fontes históricas, uma vez que a maior parte da documentação sobre a escravidão foi queimada pelo então ministro Rui Barbosa, como uma forma de apagar a memória de um período considerado por ele vergonhoso” (SA, 2018).

da capoeira, distanciando-a cada vez mais dos aspectos de sua cosmologia quando pensada como herança cultural dos escravos. Esse ponto é o transitar entre a estrutura e a antiestrutura, cuja obra de Turner (2013) traz como ponto forte de análise. Em busca da aceitação pela sociedade vinculada ao cristianismo evangélico, é necessário mudar o aspecto simbólico da capoeira em alguns grupos e colocá-la como neutra, sendo uma prática educativa. Isso faz com que a música, a ginga e a roda tomem novos significados. É um paradoxo para os mestres, pois eles transitam entre dois mundos, o religioso (cristão) e o pagão, para manterem a atividade (seja esportiva, cultural, religiosa ou corporal) acontecendo nos espaços conhecidos como academias. São realidades sociais diferentes, saem do “gueto” para apresentação na “praça”, abandonam a “vadiagem” conhecida na história e encontram o “caminho do bem”.

Há uma divisão de opinião ao se pensar a religiosidade e a capoeira. Para Ivan de Castela, capoeirista das primeiras turmas de Mestre Rodolfo nos anos 1980, há uma estreita ligação entre a capoeira e as raízes religiosas da cultura africana. Ele também não descarta o movimento de invisibilizar esse vínculo em alguns espaços nos quais a capoeira é praticada, e isso vai depender do objetivo constituído dentro do grupo, pois não há como aprisionar os comportamentos e crenças religiosas de cada mestre.

Cara, existe religiosidade na capoeira sim, sem dúvidas. A religiosidade na capoeira, pelo meu entendimento, ela está mais ligada a uma religiosidade afro-brasileira, né? Das religiões de matrizes africanas. Tanto é que várias entidades são chamadas para roda. Por exemplo, tem uma entidade da roda que sempre participa nas rodas e canções na capoeira, que é o exu, mas essa manifestação, não é uma

manifestação de culto, não está existindo ali um culto religioso. A religiosidade faz parte da própria atividade da capoeira, é dessa forma que eu vejo. Teve essa coisa de como religião evangélica tem angariado muitos adeptos, né? Existe essa tentativa de esvaziar esse conteúdo religioso mais africano e colocar essas outras formas de religiosidade. Mas isso não é uma coisa da capoeira, é uma coisa das pessoas, de quem está fazendo aquele culto. Na Bahia tem lá agora o bolinho de Jesus, a baiana do acarajé não tem mais, quer dizer, tem, é o bolinho de Jesus que é o acarajé (Capoeirista Ivan de Castela – Entrevista concedida em 02/06/2021).

Ivan de Castela conclui que as questões que envolvem a religiosidade e a capoeira não podem ser consideradas uma tendência, mas atitudes desvinculadas com o princípio e cosmovisão africana do jogo. Para ele, há algumas formas de lidar com a religião dentro dos grupos que estão muito mais vinculadas ao posicionamento do mestre responsável pelo grupo do que pela capoeira como expressão cultural. Entretanto, salienta que tais práticas e tentativas não fazem parte da raiz cultural da capoeira, que, para ele, tem seu princípio na história dos escravos vindos da África e de todos os conhecimentos que foram agregados na prática da luta.

Mas as opiniões em relação à religiosidade nos grupos de capoeira acreana apresentam-se de forma diversificada. No grupo AcreBrasil, o Mestre Caboquinho procura fazer o chamamento de pastores para a participação nos treinos, pois, segundo ele, esses líderes religiosos acabam percebendo que é muito mais uma atividade física, distanciando-a de manifestações religiosas de raiz afro-brasileira. Relembramos a conversa entre o Mestre Caboquinho e o capoeirista que foi

impedido de treinar pelo pastor e fomos informadas de que isso ocorre com frequência. O mestre justificou que a capoeira é um esporte, uma atividade física sem vínculo com religião de raiz africana. Em entrevista, ele deixa esse aspecto bastante evidente, até mesmo pela perspectiva que o grupo sustenta em aproximar a capoeira à ideia de esporte.

O que eu penso é que nenhuma atividade física é religião, a religião é uma coisa que a pessoa tem, a pessoa escolhe pra si, então eu não tenho a capoeira como religião, "Ah a capoeira é de macumba, matriz africana e tudo isso". Pra mim esse povo não conhece. Na minha opinião eu vejo a capoeira como uma modalidade esportiva [...] então não tem nada a ver, eu tô fora, eu penso assim, né? Mas, eu `desconcordo` totalmente quando o cara fala que a capoeira e que todo capoeirista tem religiosidade africana. Isso aí eu discordo, e de o cara levar aspectos religiosos pra determinada atividade, aí eu também acho um problema, porque as atividades, elas têm que ser neutras. **Infelizmente, a capoeira tem muitas músicas de candomblé**, de umbanda, de macumba, tem música gospel, tem música disso e daquilo, por causa que ela aceita, é ritmo, né? Fazer o quê? Mas eu não concordo e eu não piso também, eu vou pro outro lado (Mestre Caboquinho – Entrevista concedida em 22/07/2022 – grifo nosso).

O depoimento do Mestre Caboquinho demonstra o aspecto paradoxal da questão da religiosidade dentro da Capoeira, pois ao mesmo tempo em que ele confirma que a capoeira aceita a diversidade religiosa apontando um caráter ecumênico, ele também justifica que ela é um esporte, fato que para ele simboliza o distanciamento da religiosidade. Ao associar a prática da capoeira com o esporte, há



um distanciamento da religiosidade de matriz africana, o que podemos interpretar como uma estratégia de aceitação, aspecto comum em situações de liminaridade. Além disso, ele coloca como a responsabilidade do mestre deixar ou não a religião “entrar na roda” e assume que a capoeira, como esporte, como componente curricular na escola e como “folclore”, pode ser uma forma de minimizar a presença de raízes africanas que, de certa forma, possam estimular uma similaridade com o candomblé ou umbanda.

O Mestre Olho de Peixe, vindo do Rio de Janeiro em 1989, encontra em Rio Branco a oportunidade de continuar sua dedicação à capoeira e de formar um grupo, mesmo sendo nutricionista por formação e ter vindo para trabalhar na área da saúde. O encantamento promovido pela capoeira o fez inclinar-se às rodas e ao desejo de “estar” nos processos de construção de uma parte da história da capoeira acreana. Para o mestre, não há como não vincular a capoeira à religião africana pela própria genealogia da capoeira, pois é uma expressão cultural deixada pelos escravos africanos no Brasil. Entretanto, os espaços dedicados ao ensino da capoeira não são templos e não há dogmas religiosos. Isso não quer dizer que não se ocupem de símbolos também encontrados em religiões de raízes africanas, como o candomblé, por exemplo. Há a presença do atabaque, instrumento usado em rituais religiosos. A música pode trazer símbolos da religião africana ou afro-brasileira, mas a intenção da roda como religião é negada pelos mestres. Podemos observar isso na fala de Mestre Olho de Peixe:

[...] a religião africana sempre teve influência na capoeira, assim com a religião brasileira que é umbanda que foi criada através do sincretismo. E ela sempre teve essa ligação pelo fato dos negros africanos

terem vindo para o Brasil e ter desenvolvido a capoeira aqui e aquela coisa toda. E como a religião candomblé veio de fora, veio da África para cá, através do sincretismo que nasceu a umbanda, aí sempre teve essa relação, mas não tem nada a ver uma coisa com a outra. Quando a gente começava a tocar o tambor e o atabaque lá, principalmente o maculelê, que tem uma ligação mais voltada, e aí vinha aquele preconceito no início... mas preconceito se muda divulgando a arte, desenvolvendo, explicando, orientando. Hoje eu não sei como está, mas era muito analfabetismo com relação à história da capoeira e ao que era a capoeira (Mestre Olho de Peixe – Entrevista concedida em 13/06/2022).

O mestre menciona um ponto bastante frágil sobre o preconceito em relação à capoeira e salienta que a ausência de conhecimento histórico sobre a capoeira acentua a discriminação. A partir da fala dele, podemos entender que é imprescindível o conhecimento e a clareza sobre o “fazer cultura” como manifestação humana. Quando se apaga a cultura de um grupo social, pode-se apagar a humanidade dos membros que compõem essa expressão coletiva. A capoeira em sua trajetória histórica sofreu a tentativa de apagamento, como em 1889, quando entrou para o Código Penal como crime passível de cárcere e, somente no Século XX, em 1937, foi legalizada pelo presidente Getúlio Vargas.

A lei oprime as manifestações culturais dos negros do século XIX, entretanto hoje podemos entender que há a possibilidade da conquista da visibilidade da capoeira como uma parte da cultura nacional, embora algumas raízes devam permanecer, pelo menos, como referenciais históricos para que não se perca a ideia de resistência e liberdade que era o anseio da população que praticava a capoeira no Brasil. Nesse contexto de

debate, a capoeira acreana, conhecida na atualidade, passou e passará por várias adaptações ao longo do tempo, ora é vista como rito, ora como esporte, ora como jogo e até mesmo dança. Nessa plurissignificação bastante assumida, é que podemos dizer que a liminaridade encontra-se latejante pela necessidade da própria sobrevivência em uma estrutura social ligada ao preconceito histórico em relação à cultura afro-brasileira.

Para o Mestre Sapo, não existe relação direta da capoeira com a religião. Ao capoeirista, cabe definir e decidir à qual religião deve pertencer, e que o seu grupo aceite o capoeirista sem a preocupação com a religiosidade do aluno que poderá frequentar templos diversificados (evangélico, católico, daimista, umbandista). Nas palavras do Mestre Sapo, podemos entender que a capoeira está em constante transformação e que as crenças de cada capoeirista devem ser respeitadas.

[...] na verdade, a capoeira mesmo não tem religião, né? Quem tem religião é o capoeirista, mas a gente procura respeitar todo e qualquer tipo de religião dentro da capoeira, porque tem gente na capoeira que é da umbanda, tem gente que é do candomblé, tem gente que é o daime, tem gente que é da igreja católica, tem pastores. No meu grupo mesmo tinha dois pastores, um saiu, pastor evangélico que é o Contramestre Bené. Então, eu acho ridículo a pessoa tá rotulando a capoeira como a parte religiosa do capoeirista, pra mim eu não gosto de rotular, a religiosidade dentro da capoeira vem desde que a capoeira veio pro Brasil na forma de religião, **depois que ela foi remodificada para luta, todo e qualquer** tipo de religião dentro da capoeira a gente tem que aprender a respeitar (Mestre Sapo – Entrevista concedida em 10/07/2021 – grifo nosso).

A “remodificação” mencionada pelo Mestre Sapo pode abrir um entendimento desse processo como algo que vai além de uma substituição ou adaptação ideológica no intuito de ter uma identidade ecumênica. Isso promove uma possibilidade de, a partir da prática, transformar-se em uma variante cristã, podendo ou não apagar a identidade nacional de raiz africana, tendo a possibilidade de haver um comprometimento entre a capoeira e o cristianismo evangélico, o que inclusive, influenciaria nas tradições musicais em relação às letras das músicas e aos instrumentos musicais, como o atabaque, por exemplo, que é usado em religiões de raiz africana.

Esse aspecto religioso cristão poderá, de alguma forma, romper com o caráter de resistência do negro brasileiro, o grande passo dado para a visibilidade da capoeira como uma expressão histórica e cultural dentro do conceito de Patrimônio Cultural Imaterial, principal argumento para que mestres e professores apresentem a Capoeira como um instrumento de inclusão social e símbolo histórico-cultural nacional. Com isso, podem sobrar apenas os aspectos esportivos, lúdicos e de luta, deixando a essência genealógica da capoeira, o que, inclusive, tornar-se-á uma desculpa para praticar uma atividade proibida pelo cristianismo evangélico, mas que ao mesmo tempo atrai e seduz os praticantes nas rodas. Ao pensarmos o aspecto limiar desse movimento de adequação religiosa, fica-nos evidente que os mestres fazem o movimento de negação e aceitação diante do olhar do outro, daquele que está “fora” em posição de julgamento. Para a sobrevivência da capoeira, é necessário circular entre as estruturas, negar, incluir, aceitar e recusar algumas imposições religiosas e sociais para que, em contrapartida, a capoeira seja aceita.

Tal movimento reproduz exatamente o jogo da capoeira em que o duelo pode ser velado, ora manifestando-se subitamente diante de um sorriso ou como movimentos deliberados de ataque e defesa, ora expressando a plasticidade de uma dança ou em movimentos acrobáticos, por vezes negando a luta, visando simplesmente expressar o aspecto do jogo e da brincadeira entre camaradas. Isso reforça a assertividade concebida no poema por Dias Gomes<sup>38</sup> ao definir que a “Capoeira é luta de bailarinos. É dança de gladiadores. É duelo de camaradas. É jogo, é disputa, é bailado”.

## 2.4 A PRESENÇA DA CAPOEIRA ACREANA EM UM ESPAÇO SOCIAL DE LIMINARIDADE

O espaço limiar ocupado pela capoeira acreana é muito semelhante aos processos históricos vividos pela capoeira no Brasil, portanto faremos uma rápida abordagem contextual da história nacional para compreendermos as influências em formas de pensar e ver a capoeira no estado do Acre.

Ao buscar a sobrevivência e a legitimação social, a capoeira foi se adaptando às estratégias que o poder impunha<sup>39</sup>, com isso muitas mudanças foram incorporadas geran-

<sup>38</sup> Dias Gomes, dramaturgo, escritor e romancista reflete sobre a capoeira de maneira polissêmica ressaltando a linguagem cultural e corporal ao mesmo tempo em que destaca sua dimensão estética, poética e educativa.

<sup>39</sup> Paulo Andrade Magalhães Filho, em sua tese **Tudo que a boca come: a capoeira e suas gingas na modernidade**, traz uma reflexão histórica sobre a trajetória da capoeira no Brasil desde a época da escravidão até o século XX. Ressalta que a “racionalização” da capoeira foi um movimento no qual ela inicia uma visibilidade, entretanto destaca que é “[...] um momento em que as classes dominantes ‘cedem os anéis para não perder os dedos’ e conseguem efetuar transformações sem participação das massas.” Essa racionalização muito presente a partir de 1930 e liga a capoeira ao esporte, o que podemos pensar como uma estratégia de inclusão social.

do a famosa dicotomia entre Capoeira de Angola e Capoeira Regional, cada uma com suas peculiaridades e objetivos definidos: a Capoeira de Angola, mantendo o vínculo com a cultura de raiz africana e a Capoeira Regional, construindo o espaço da capoeira nos meios sociais onde antes não circulava.

A prática da capoeira em escolas, academias, locais fechados, com capoeiristas uniformizados, trouxe novas características adotadas por líderes a partir de 1930, para se “adequarem” às exigências do Estado e terem uma visibilidade na sociedade capaz de discriminar a luta. Esse é um espaço limiar que a capoeira no Brasil ocupa para manter sua existência. Distante de um tribunal de júri, não queremos condenar as estratégias do Mestre Bimba ao introduzir a capoeira na sociedade dominante da época, mas queremos destacar que, com a inclusão de modelos pedagógicos na Capoeira Regional, correu-se o risco de intensificar a luta como uma modalidade esportiva e, de certa forma, distanciá-la de sua cosmologia de luta e resistência dos negros no Brasil.

Nesse sentido, esse momento marca o primeiro passo para absorver a ideia de capoeira como esporte e os mestres aproveitaram esse discurso como estratégias de preservação de suas expressões culturais. Magalhães Filho (2019) reflete que o ideário de “racionalização<sup>40</sup> desportiva da capoeira” atuava sobre o corpo do capoeirista para que fosse doutrinado e disciplinado, sendo que a improvisação perdeu espaço e com ela a espontaneidade. Enfim, o autor menciona que durante a Ditadura Militar houve também uma força para tornar a capoeira um esporte e destaca que há junto a isso uma exaltação de “[..] valores nacionalistas e

---

<sup>40</sup> Tomamos emprestado de Magalhães Filho o termo “racionalização” ao longo da seção.

disciplinares, há um intenso esvaziamento da capoeira enquanto prática cultural de resistência e luta do povo negro. A capoeira se desportiva e se despolitiza” (MAGALHÃES FILHO, 2019, p.75).

Partimos da ideia de que o corpo do capoeirista também é limiar em situação de jogo e transita entre passado/presente. É no movimento que atualiza as identificações corporais herdadas historicamente compondo a luta que valoriza as origens, a resistência e a fuga da opressão da sociedade branca que dominava e determinava aquilo que era ou não sagrado. A partir da racionalização, muitas expressões poderão ser perdidas dentro da rigidez curricular, pois a espontaneidade fica em segundo plano, podendo surgir outra variante de capoeira.

Essa breve digressão sobre a trajetória nacional da capoeira a partir de 1930 nos alerta para a sua inserção como elemento curricular escolar que, de certa forma, apresenta uma estrutura condicionante a ser aplicada pelos professores de capoeira. Em segundo momento, podemos também entender os objetivos de aceitação social que faz com que a capoeira gingue em movimentos pendulares entre a valorização da raiz cultural africana (em seus instrumentos, ginga, roda, movimentos e músicas) e a organização pedagógica de um esporte praticado e aceito pelos currículos escolares, pois o pêndulo está na aceitação dentro de um espaço social e a exclusão como uma prática popular inferiorizada. É uma constante liminaridade, é um estado de provisoriedade permanente, é uma luta para a aceitação de uma sociedade já estruturada com valores, preconceitos e negação da presença negra no Brasil.

São várias as estratégias encontradas pelos capoeiristas para a inserção da capoeira na sociedade estru-

turada do estado do Acre. Nos relatos dados durante as entrevistas, destacamos alguns trechos para referendar a trajetória de luta que os professores e mestres travaram para a visibilidade.

Isso, exatamente. É bom que a minha formação capoeirista também, **eu fui muito influenciado também pela formação acadêmica**, quando eu passei para o Capoeira Brasil também o meu Mestre Olho de Peixe também já era formado em Nutrição e então ele sempre nos incentivou a também estar estudando, não só capoeira, mas também estar na escola [...] Então, no caso do professor Reginaldo ele era professor universitário, então ele já fazia um trabalho de extensão ali, um trabalho social, é tanto que a gente não pagava pra fazer essas aulas de capoeira, era um trabalho social que ele realizava. Quando fui já pra Capoeira Brasil, com o Mestre Olho de Peixe, ele já vivia da capoeira, então já cobrava uma mensalidade (Mestre Falcão – Entrevista concedida em 28/06/2021 – grifo nosso).

O Mestre Falcão destaca o papel de formação universitária como uma forma de consolidar a execução de aulas e o papel que a escola possui na vida dos professores de capoeira. É o campo cultural<sup>41</sup> com suas normas e regras influenciando nas práticas dos professores e mestres de capoeira. Para ocuparem um espaço social e se apropriarem de bens simbólicos, conforme nos explica Pierre Bourdieu, eles

---

41 Analisamos as relações de poder, a partir de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2011; 2007; CATANI, 2017), ao pensarmos sobre os campos social, econômico e cultural e suas subdivisões. Para Bourdieu, os campos são atravessados pelas relações sociais que buscam acumular capitais gerados por cada um dos campos e subcampos, com isso a propriedade do capital define a posição dos dominados e dominantes no sentido de exercer o poder de um sobre o outro.



encontram, como estratégia de prestígio, a obtenção do título de professor a partir da formação universitária. Tais ações vão promover a aceitação da capoeira com características positivas, pois é necessário se apropriar das formas de organização que o campo universitário dispõe. Isso, de certa forma, profissionaliza aquele que ensina e garante-lhe a confiabilidade com a aproximação das normas e regras da estrutura dominante.

Outras estratégias de aceitação e visibilidade da capoeira no estado do Acre foram formuladas pelos capoeiristas, conforme a narrativa de Mestre Falcão:

Então, eu acredito que era um trabalho em parceria, já que a escola também tinha cedido um espaço pra ele fazer esse trabalho e tudo. E eu recorro que nós fizemos algumas apresentações em momentos festivos da escola, em aniversário da escola, Dia da Pátria, enfim. O professor Reginaldo já convidou pra fazer uma apresentação de capoeira, e a gente participava. Também lembro **um momento muito marcante da gente, foi quando a gente foi participar do desfile do 7 de setembro**, aonde a gente foi com o Mestre Reginaldo. Toda nossa escola de capoeira, a gente participou do desfile e durante o cortejo a gente parava e fazia roda de capoeira, então foi bem interessante essa participação (Mestre Falcão – Entrevista concedida em 28/06/2021 – grifo nosso).

Mestre Falcão indica que houve a luta pelo reconhecimento da capoeira como elemento educativo, portanto era preciso circular dentro da estrutura dominante para possuir visibilidade com a agregação de características positivas. Com a participação no desfile cívico-militar de 7 de setembro, a forma de ver a capoeira se distanciaria da malandra-

gem e da vadiagem, passando a ser uma atividade esportiva com aceitação da sociedade estruturada/ "socialmente ajustada" (MAGALHÃES FILHO, 2019) dentro de seus elementos de conduta e comportamento. São momentos de estratégias de sobrevivência na sociedade pela busca de legitimação da capoeira como prática educacional, obedecendo dentro do campo da cultura a hierarquização estabelecida pelo poder simbólico exercido pela sociedade dominante. Ao participar do desfile, a imagem da capoeira neutralizaria a simbologia de atraso, vadiagem, malandragem e mandinga para dissimular uma expressão cultural popular como símbolo de nacionalidade e identidade nacional.

Sendo a capoeira uma expressão da cultura popular dentro de um jogo de relações entre a cultura dominante e a dominada, o próximo passo para traçar estratégias de sobrevivência, no estado do Acre, seria introduzir a prática da capoeira nas escolas. O empenho está na tarefa de legitimar a capoeira socialmente a partir de sua inclusão nas instituições de ensino. Com isso, ela se aproxima da relação com o esporte na tentativa de entrar para o currículo.

E aí a capoeira ela começou então a estar nas escolas. A gente tem um exemplo muito assim importante que eu acho que deve ser divulgado. O professor Og foi um dos gestores [...], eles conseguiram colocar professores de capoeira na Secretaria Estadual de Educação que até hoje eles estão, como "Adelcides", o professor Roda, professor Papagaia, Mestre Papagaia, essas pessoas ainda estão como servidor da educação. Mas eles entram através da capoeira e a capoeira então era realizada as aulas nas escolas e até hoje nós temos capoeira nas escolas, mas a maioria são profissionais trabalhando como autônomo, como o Amigo da Escola. Muitos nas escolas particu-

lares cobrando mensalidades e assim eles estão difundindo e vivendo o seu ofício. **É importante isso, deixar registrado esse legado, porque atualmente nós da capoeira, é uma das bandeiras que a gente vem trabalhando já há muitos anos, desde a criação do plano de salvaguarda a reinserção da capoeira na escola**, porque a capoeira já esteve na escola e aí quando mudou a gestão parou, mas a gente acredita muito que a capoeira ela não é só uma grande ferramenta de transformação, mas também de educação (Mestre Falcão – Entrevista concedida em 28/06/2021 – grifo nosso).

Mestre Falcão narra a trajetória que a capoeira acreana percorreu anteriormente, conseguindo participar de concurso público para atuar como professor de capoeira, mais um componente esportivo dentro nas instituições escolares. Ressalta, ainda, esse evento como uma bandeira defendida pela comunidade capoeirista do Acre. Nesse sentido, temos um movimento dinâmico de sentidos sociais, colocando em contato a cultura negra, com a capoeira em expansão, e a cultura “branca” do estado do Acre. São esses fatores que definem a resignificação da capoeira, que inicia seus primeiros passos a caminho de uma prática pedagógica com normas e estruturas próprias.

Com isso, a formação em Educação Física e/ou Pedagogia é agregada como objetivo de alguns capoeiristas (mestres, professores). Salientamos os aspectos positivos da presença da capoeira no ambiente escolar, pois a discussão transversal sobre a cultura negra fez parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais como valorização histórica da cultura afro-brasileira. O ensino da capoeira pode ser um processo pedagógico que produza uma educação para além dos aspec-

tos físico-motores e afetivo-sociais, ao ser baseada na valorização cultural e no conhecimento histórico dos significados de resistência e luta.

Os saberes envolvidos na capoeira estão vinculados aos processos educativos, pois como prática de ensino ela já existe dentro e fora do Brasil. Desse modo, os professores e mestres estão ensinando a capoeira como esporte, como jogo, como luta e como arte, a fim de promover os saberes culturais brasileiros vinculados à memória e à cultura nacional. Nesse sentido, quando a transversalidade encontra com a racionalidade do currículo escolar, o ensino da capoeira nas escolas poderá promover um grande ganho de conhecimento.

Além de estimular a preservação da identidade cultural afro-brasileira, para alguns mestres entrevistados, a capoeira também promove a cidadania a partir de normas internas nos grupos de capoeiristas. Foi recorrente nas narrativas dos nossos interlocutores o papel formativo da capoeira em relação à disciplina e comportamentos dentro e fora da roda de capoeira. Alguns mestres destacam que, além de ensinar os movimentos corporais, a percepção musical e a ginga, sempre há uma preocupação com o desempenho do aluno/capoeirista na escola.

Há também capoeiristas, como o Mestre Olho de Peixe, que enxergam a capoeira como um caminho socioeducativo, trazendo para a vida dos alunos de baixa renda uma possibilidade de aprender valores morais que os distanciam da criminalidade presente nos espaços onde moram. Para o Mestre Olho de Peixe, essa influência positiva da capoeira distanciou da criminalidade muitos dos seus alunos.

Não vou dizer nomes, mas 50% do grupo de 10 ou 12 pessoas que começou comigo,

**se não fosse a capoeira, acho que já estariam mortos ou estariam na criminalidade.** Isso é um orgulho que tenho muito grande, eu falo isso até para os alunos, inclusive até em palestras eu já falei sobre isso, é um orgulho muito grande que eu tenho, é um legado que ninguém vai tirar. Já tirei muita gente da marginalidade, principalmente esses alunos que me acompanharam durante toda minha trajetória, e eu acho que se não fosse a capoeira não teria outro caminho para eles não (Mestre Olho de Peixe – Entrevista concedida em 13/06/2021 – grifo nosso).

Na narrativa do Mestre Olho de Peixe, identificamos uma força positiva na prática da capoeira, portanto ela apresenta aspectos educativos com valores morais e comportamentais nas relações sociais dos praticantes desse jogo/luta. Além disso, os alunos que frequentam os grupos absorvem os comportamentos que são formulados pelos seus mestres. Há uma hierarquia disciplinadora vista de maneira positiva pelos mestres entrevistados, que ressaltam a formação de cidadãos dentro de contextos de vulnerabilidade social. Completando esse pensamento, o Mestre Xandão também ressalta:

Então, pra mim, a minha maior conquista da capoeira, hoje, é o reconhecimento, né, do meu título de mestre. Porque mestre pra mim sempre foi assim, não sou eu que me torno mestre, quem me torna mestre é os meus alunos, é o meu trabalho. O que eu fiz, como eu usei a capoeira para formar cidadãos. Alguns se deram muito bem... (Entrevista concedida em 17/07/2021).

Para o Mestre Xandão, a capoeira possibilita essa construção de sujeito social dentro das exigências de escolarização, formação, moralidade e comportamento distante da

criminalidade e tráfico. A forma como a capoeira quer adentrar os espaços sociais afirma-se no discurso da prática de inclusão social no ensino da capoeira em prol de uma educação cidadã e isso nada mais é do que as estratégias para permanecerem ocupando seus espaços de atuação, sendo que a diferença no sentido de inserção, na capoeira, de outros processos inclusivos, liga-se aos elementos utilizados na prática, como o conhecimento a partir da oralidade, a memória corporal e a coletividade. Os professores e mestres usam estes elementos presentes em suas experiências na capoeira para a realização do processo de inclusão com distintos sujeitos sociais.

As vozes dos mestres dão significados importantes para pensarmos a capoeira acreana nesse momento de reconhecimento como elemento cultural imprescindível para o reconhecimento de luta, resistência e história nacional.

## 2.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O momento de finalizar as discussões do capítulo é chegado e junto a ele a certeza de que muitas perguntas ainda existem, algumas respostas são apontadas, e nos sobra a certeza de que a pesquisa nunca é algo acabado e concluído e isso é uma das essências que mantém a ciência em movimento. Não encerramos as discussões e acreditamos nas possibilidades de novos enfoques a partir daquilo que discutimos. Dessa maneira, a abordagem etnográfica sobre alguns grupos de capoeira no estado do Acre pode ser retomada em um momento de maior segurança nas aproximações, pois a pandemia prejudicou significativamente os encontros presenciais.

Diante das aproximações que tivemos com mestres, professores e alunos nos espaços dedicados às aulas de capoeira, e com as análises das entrevistas gravadas, foi possível entender que há uma diversidade na forma de ver e de se organizar de cada mestre. Entretanto, existem semelhanças marcantes que compõem o cenário identitário da capoeira acreana. Diante do que foi refletido nas seções do capítulo, podemos entender a liminaridade discutida por Victor Turner como ponto de partida para a formulação de estratégias de “sobrevivência” da arte/jogo/luta.

Ao apresentarem suas ideias quanto à raiz afro-brasileira, principalmente, no que se refere à religião, os mestres frisam que a roda não é um ato religioso, ao mesmo tempo não negam que usam instrumentos musicais vinculados à roda de umbanda ou candomblé. Para manterem a ideia de que capoeira não é religião, também utilizam a estratégia de ligá-la ao esporte e à educação para ser aceita como uma atividade física que faz bem ao corpo. Com tais estratégias, eles circulam na estrutura social de prestígio que define normas e valores para serem integrados, sendo que isso se estende ao processo de “escolarização” da capoeira, inserindo-a nos currículos como prática esportiva e pela sua polissemia, como bem ressalta Dias Gomes. Agregar a capoeira no ambiente e currículo escolar é uma forma de fazê-la sobreviver e profissionalizar os professores de capoeira. Entretanto, poderíamos refletir sobre o risco de uma nova forma de conduzir a prática, tendo em vista que, ao fazer parte do currículo, também estará ligada a órgãos de controle, podendo ou não modificar os elementos culturais transmitidos pelos grupos já existentes.

Nesse sentido, podemos entender que a capoeira acreana, pela sua importância, está presente em vários con-

textos, sendo que seu futuro dependerá das escolhas e estratégias possíveis para manter tanto a roda quanto o ofício de mestre. Entretanto, a capoeira acreana poderá, além de atender pessoas de todos os gêneros, classes sociais e idades, também dar significado à finalidade de manter os aspectos culturais afro-brasileiros.

Por fim, a partir das nossas abordagens e reflexões, podemos destacar que houve várias tentativas de apropriação do Estado, indicando a capoeira nacional apenas como elemento esportivo. Todavia, juntando as narrativas de cada mestre entrevistado, analisando a totalidade, podemos verificar que esse jogo de poder demonstra que a capoeira acreana ainda está na "soleira" (TURNER, 2013) e para sua sobrevivência ela circula entre as exigências sociais estruturadas para poder manter a existência da prática, que, além de ser positiva para o corpo (como esporte), também possui seu papel de manter viva a memória cultural dos afro-brasileiros. Uma ginga dos corpos, em seus movimentos dentro da roda social, que exala a legitimação da identidade nacional.



## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Campinas, SP: Papiрус, 2011.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2006.
- CATANI, Afrânio Mendes *et al.* **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: RTC, 2015.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Joscelyne, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Tradução de Mariano Ferreira, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Tudo que a boca come: a capoeira e suas gingas na modernidade**. Tese Doutorado (Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) Universidade Federal da Bahia-UFBA, 2019.
- PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.
- TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

## CAPÍTULO 3

---

### MAPEAMENTO DOS GRUPOS, MESTRES E DEMAIS DETENTORES DA CAPOEIRA NO ESTADO DO ACRE

Cledir de Araújo Amaral  
Ádamo Gabriel Lopes de Souza

#### 3.1 INTRODUÇÃO

A capoeira é um dos símbolos identitários brasileiros forjada a partir do substrato cultural da diáspora africana, que a caracteriza como uma manifestação cultural afro-brasileira. Um misto de luta, dança e jogo que, devido a seu caráter de resistência contra a opressão, foi perseguida e considerada uma prática marginalizada até a década de 30 do século XX. A capoeira está presente em todo o Brasil e em todos os continentes, abrangendo mais de 150 países (IPHAN, 2014).

Em 2008, foi inscrito pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), no seu Livro de Registro dos Saberes, registro número 5, o Bem cultural: Ofício dos Mestres de Capoeira<sup>42</sup>, e no Livro de Registro das Formas de Expressão, registro número 7, o Bem Cultural: Roda de Ca-

---

<sup>42</sup> “[...] exercido por aqueles detentores dos conhecimentos tradicionais desta manifestação e responsáveis pela transmissão oral das suas práticas, rituais e herança cultural. Largamente difundida no Brasil e no mundo, a capoeira depende da manutenção da cadeia de transmissão desses mestres para sua continuidade como manifestação cultural. O saber da capoeira é transmitido de modo oral e gestual, de forma participativa e interativa, nas rodas, nas ruas e nas academias, assim como nas relações de sociabilidade e familiaridade construídas entre mestres e aprendizes.” (CERTIDÃO DE REGISTRO DO OFÍCIO DOS MESTRES DE CAPOEIRA, 2008).

poeira<sup>43</sup>, ambos como patrimônio imaterial da cultura brasileira (IPHAN, 2014). O registro como bem cultural pelo Iphan marca o início de importantes iniciativas de salvaguarda da capoeira em todo o país.

Em 2010, foi realizado o 1º Encontro do Programa Nacional de Salvaguarda e Incentivo à Capoeira – Pró-Capoeira, que reuniu expoentes mestres de capoeira dos 26 estados e do Distrito Federal, movimento este que, em 2014, favoreceu à União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), durante a 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental, realizada em Paris, inscrever a Roda de Capoeira, sob o registro nº 892, na lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (UNESCO, 2014).

Especificamente no Acre, é a partir de 2016 que iniciativas concretas ocorrem, apoiadas pelo Iphan, juntamente com outras instituições, resultando numa reunião do coletivo da capoeira acreana, a fim de conhecer as linhas gerais da política de salvaguarda. No ano de 2017, contando com a participação de capoeiristas dos municípios do estado, foi realizada uma oficina organizada em grupos de trabalho por eixos temáticos para proposição do primeiro esboço do plano de salvaguarda e a criação do seu Comitê Gestor. Em 2018, o Plano de Salvaguarda da Capoeira no Acre foi reavaliado

---

<sup>43</sup> “[...] elemento estruturante desta manifestação, espaço e tempo onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana – notadamente banto – recriados no Brasil. Profundamente ritualizada a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros.” (CERTIDÃO DE REGISTRO DA RODA DE CAPOEIRA, 2008).

pelo coletivo de detentores<sup>44</sup> e, em 2019, foi consolidado, momento em que foram deliberadas as ações prioritárias de salvaguarda da capoeira no estado do Acre para o ano de 2020 (YAMAUIE; SILVA, 2019).

Em outros estados, iniciativas de mapeamento da capoeira foram apontadas como forma de salvaguarda desse bem cultural. Em 2014, foi realizado o mapeamento da capoeira em Minas Gerais (IPHAN, 2016). Em 2019, foi publicado pelo coletivo do Fórum da Capoeira da Grande Florianópolis o Mapeamento Social da Capoeira em Florianópolis (LIBÂNIO *et al.*, 2019). Nesse mesmo ano, o Comitê Gestor da Salvaguarda da Capoeira de Roraima publicou o mapeamento dos grupos daquele estado (ARAÚJO; MOTA; COUCEIRO, 2019). Foram noticiadas, ainda, via portal do Iphan, ações de mapeamento da capoeira em diferentes estados, especialmente, no ano de 2021 (<https://www.gov.br/iphan>).

Nessa esteira, o coletivo da capoeira acreana - com base no Plano de Salvaguarda, no Eixo: mobilização social e alcance da política e na Diretriz: pesquisas, mapeamentos e inventários participativos (YAMAUIE; SILVA, 2019) - indicou como ações de salvaguarda prioritárias os registros histórico e situacional da capoeira no Acre as quais, dessa forma, contribuíram para a manutenção dos processos de transmissão do saber ancestral pelos detentores, bem como a realização das rodas de capoeira enquanto elementos cruciais para produção e reprodução da arte-luta capoeira.

---

<sup>44</sup> Detentor da capoeira é compreendido aqui como aquela pessoa que possui o título reconhecido dentro da hierarquia da capoeira ou que, independentemente do seu nível hierárquico (mestre, contramestre/mestrando, professor, instrutor, graduado ou outro), detém os saberes da capoeira e os transmite (ensina).

É o contato direto com os detentores que permite aos capoeiristas dizerem: “Quem somos?”, “Onde estamos?” e “Quantos somos?” A partir das respostas, há melhores possibilidades de direcionamento de políticas públicas em benefício da capoeira. Foi em busca dessas respostas que o presente estudo se guiou e teve como objetivo mapear a capoeira no Acre, evidenciando suas lideranças e demais detentores, grupos, núcleos e praticantes.

Para tanto, entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021, buscamos informações sobre as lideranças da capoeira no estado com os membros do Comitê Gestor da Salvaguarda da Capoeira no Acre, que é composto por líderes de diversos grupos, com os quais obtivemos lista preliminar dos grupos de capoeira existentes e suas respectivas lideranças e contatos.

Em seguida, a partir da divulgação da pesquisa através de um grupo de rede social focado na Salvaguarda da Capoeira do Acre, foram obtidas maiores informações sobre a existência de outros grupos e lideranças da capoeira até então desconhecidos inicialmente ou cujo contato não se dispunha.

De posse da lista mais completa e que, ainda assim, passou por atualizações ao longo do processo, especialmente por fluxos de detentores de um grupo para outro, ou (re)criação de grupos, buscaram-se, junto aos capoeiristas locais, os contatos das lideranças ora identificadas para comunicação e solicitação de informações para efeito de registro do mapeamento.

A coleta de dados para o mapeamento da capoeira no Acre foi realizada entre fevereiro e setembro de 2021. Os dados foram obtidos por meio de busca sistemática com con-

tato telefônico (chamadas e/ou aplicativo de mensagens) diretamente com os detentores da capoeira atuantes no estado.

Assim, após a identificação das lideranças dos grupos existentes no Acre, realizamos contato individual com elas, momento em que foram levantadas informações pessoais, como: nome completo, apelido e graduação na capoeira, dados sobre o nome do grupo de capoeira, local, ano de fundação e fundador(es), municípios de atuação do grupo no Acre e a relação de detentores da capoeira por elas supervisionados, se fosse o caso. Também foram levantadas informações de endereços dos núcleos de capoeira<sup>45</sup> e a quantidade de praticantes em cada núcleo. Essa etapa de coleta de dados com os líderes de grupos de capoeira foi chamada de primeira rodada.

Mantendo a sistemática de levantamento de informações detalhada acima, a segunda rodada consistiu na busca de informações com os detentores liderados por aqueles investigados na primeira rodada, ou seja, com os “alunos” que ministram aulas sob a supervisão do líder do grupo. Dessa forma, sucederam-se a terceira e até quarta rodada em alguns grupos, quando um detentor liderado (de segunda rodada) era supervisor do trabalho realizado por outro detentor (de terceira rodada) e, assim, sucessivamente.

Convém destacar que o início da coleta de dados coincidiu com um dos momentos mais graves da pandemia de Covid-19, ocasionada pelo SARS-CoV-2 no Brasil. Com isso, quase que a totalidade dos núcleos de práticas da capoeira estavam com as suas atividades suspensas no esta-

---

<sup>45</sup> Núcleo de capoeira é entendido aqui como o local onde são ministradas as aulas de capoeira; a “academia de capoeira”, espaço físico onde há o exercício do Ofício dos Mestres de Capoeira pelos detentores e local de realização das rodas de capoeira de maneira mais reservada.

do. Portanto, solicitamos aos detentores que as informações fossem prestadas com base no período anterior às medidas sanitárias de isolamento social e quarentena impostas em 17 de março de 2020 pelo Decreto estadual nº 5.465 (ACRE, 2020). Entretanto, durante os procedimentos de revisão e controle da qualidade das informações levantadas, observamos que tal orientação não foi integralmente atendida por todos os detentores quanto aos dados sobre os núcleos e, especialmente, em relação ao número de praticantes, o que nos permite inferir que houve subestimação das informações prestadas.

Assim como ocorre em muitas pesquisas, não foi possível o levantamento de dados de alguns detentores, ou obtiveram-se informações parciais, seja por não terem sido encontrados pela equipe de pesquisa, seja pela prestação de informações incompletas, por meio das quais não obtivemos retorno das inúmeras solicitações de complementação.

Os dados foram preenchidos em uma planilha *Excel* (*Microsoft Office*), em seguida, exportados para o site *Google Maps* (<https://www.google.com/maps/>), por meio do qual se realizou a produção da representação cartográfica *online* e interativa da capoeira no estado do Acre, sendo as divisões territoriais dos municípios incorporadas ao mapa a partir de arquivo disponível em “Coleção de Mapas Municipais 2020”, no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-municipais/>).

Foram utilizados como referência os endereços de cada núcleo para identificação no mapa do Acre, bem como inseridas as informações do grupo de capoeira, nome e apelido do detentor responsável pelas aulas e o nome do líder do

grupo no estado, produzindo um mapa com a identificação da capoeira no estado por município.

Visando apresentar a dispersão dos grupos, detentores, núcleos e lideranças da capoeira nos municípios do estado do Acre, foram produzidos mapas com o emprego do *software Quantum Gis – QGIS®*, tendo como base cartográfica o Zoneamento Ecológico e Econômico do Acre 2012.

Também foram produzidas tabelas e gráficos para representação dos dados sobre os grupos, lideranças, detentores, núcleos e praticantes da capoeira nos municípios do estado. Convém destacar que, quando se trata de frequência de detentores, em todas as somatórias levamos em consideração o líder do grupo, o qual é também detentor do bem cultural.

### **3.2 O MAPA DA GINGA ACREANA: DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS, MESTRES E DETENTORES DA CAPOEIRA**

O processo investigativo do mapeamento nos permitiu identificar que a capoeira atualmente está presente em 17 dos 22 municípios do Acre, o que compreende uma cobertura de 77,3% do estado, e possui 35 detentores como lideranças locais, representando 27 diferentes grupos de capoeira, sendo 13 desses grupos de criação local.

Embora reconheçamos que no contexto da pandemia haja potencial subestimação do número de capoeiristas, a somatória do quantitativo de praticantes em cada núcleo informado pelos 105 detentores revelou que há, pelo menos, 3.717 capoeiristas no estado distribuídos nos 131 núcleos (Figura 1).

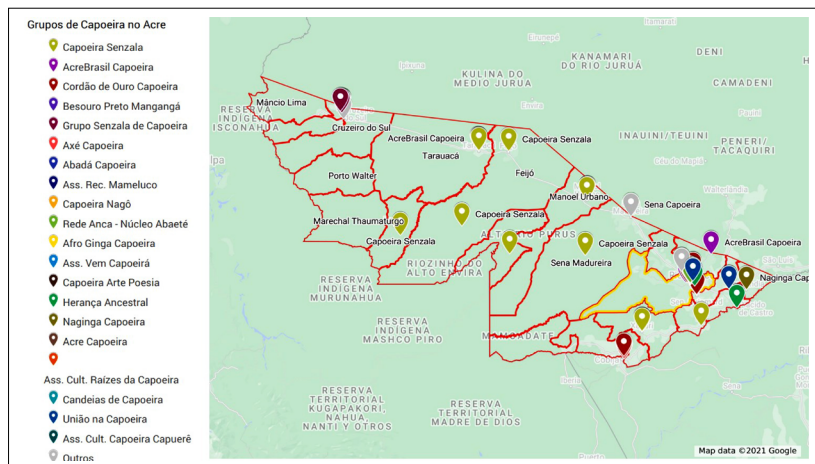
No mapa interativo, é possível identificar o nome do grupo de cada núcleo existente no estado, seu endereço, o nome do detentor responsável pelas aulas, graduação e ape-



lido, bem como seu respectivo líder no Acre (versão *online* e interativa do Mapa da Capoeira no Estado do Acre 2021 está disponível no link <https://abre.ai/acremapacapoeira> ou no Código QR.



**Figura 1.** Distribuição dos Grupos de Capoeira no Acre, 2021



**Fonte.** Elaboração Própria.

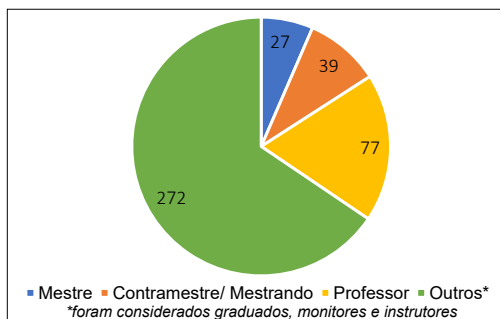
Dentre as 35 lideranças dos grupos de capoeira no Acre, a maioria possui a titulação de mestre e contramestre (68,6%), sendo o exercício da docência mais frequente por aqueles com níveis hierárquicos de professor, contramestre/mestrando e mestre, representando 65,7%. Convém destacar que 5 entre os 105 detentores não informaram sua posição hierárquica em seu grupo (Tabela 1).

**Tabela 1.** Detentores que exercem o ofício dos mestres de capoeira por posição de liderança e hierarquia no Acre, 2021

Graduação/Nível hierárquico	Líder de Grupo	Liderados	Total
Mestre	14 (40,0%)	6 (8,6%)	20 (19,0%)
Contramestre/Mestrando	10 (28,6%)	10 (14,3%)	20 (19,0%)
Professor	6 (17,1%)	23 (32,9%)	29 (27,7%)
Outros (instrutor, monitor, graduado e aluno avançado)	5 (14,3%)	26 (37,1%)	31 (29,5%)
Não informado	-	5 (7,1%)	5 (4,8%)
<b>Total</b>	<b>35 (100,0%)</b>	<b>70 (100,0%)</b>	<b>105 (100,0%)</b>

Fonte: Elaboração própria.

No contato realizado com os 105 detentores que exercem o ofício dos mestres de capoeira, foi levantado o número de alunos sob sua supervisão com nível de graduação, posição hierárquica (graduado, monitor, instrutor, professor, contramestre/mestrando ou mestre) apto a se enquadrar como detentor da capoeira, ou seja, exercer a docência. Dessa análise, identificamos, em todo o estado, pelo menos, 310 capoeiristas com formação para atuar na docência da capoeira, mas não exercem essa função, representando uma força de trabalho latente que permitiria a expansão e desenvolvimento da capoeira por meio da transmissão dos saberes ancestrais nos municípios do Acre (Gráfico 1).

**Gráfico 1** – Detentores aptos para a docência em capoeira por hierarquia no Acre, 2021

Fonte: Elaboração própria.

*"Sou discípulo que aprendo,  
E mestre que dou lição  
Na roda de capoeira  
Nunca dei meu golpe em vão"*  
(*Música: Capoeira de São Salvador – Mestre Suassuna*)

Refletindo a formação do mestre de capoeira, enquanto mestre da cultura popular, a partir de um paralelo com a formação de um mestre de outra manifestação cultural afro-brasileira, a dança do coco (dança típica da cultura nordestina), é possível apontar que um mestre se forma a partir da inter-relação de diferentes fatores, como as qualidades próprias do praticante, as qualidades de seu mestre, a persistência no aprendizado e a constância da participação nas atividades (GUILLEN, 2006). Extrapolando essas peculiaridades formativas apontadas para a cultura popular em geral, incluindo a capoeira, um mestre se forma na sua relação com a comunidade, com seus pares também fazedores/praticantes da manifestação cultural, a partir de processos de aprendizagem e de ensino, sendo indispensável a presença de um mestre para a formação de outro.

Acrescentamos que a formação de um detentor da capoeira, além dos aspectos já apontados, é dependente de experiências de transmissão dos saberes aprendidos, que ocorrem inicialmente por meio de reprodução, por imitação. Via de regra, esse saber se inicia dentro do próprio grupo, no qual o mestre, contramestre ou professor responsável determina que o aluno mais graduado ensine aqueles menos graduados e que, eventualmente, o substitua. Essas experiências se tornam singulares na formação do futuro professor de capoeira. Assim, os processos de transmissão dos saberes

ancestrais são apreendidos durante seu percurso de formação enquanto aluno.

Por outro lado, percebe-se, nos dias atuais, a exigência de competências (pedagógicas, técnicas, administrativas etc.) muito maiores que o que era requerido no passado, e isso pode ter influenciado os líderes de grupos de capoeira a buscar preparar melhor seus futuros docentes para o contexto da sociedade atual. Se no passado poucos anos eram suficientes para que o capoeirista tivesse autorização para iniciar uma turma, atualmente há grupos em que essa autorização só acontece após vários anos de vivência. Há relatos de vários capoeiristas, das gerações das décadas de 1980 e 1990, no Acre, que iniciaram com outros capoeiristas sem possuir posição hierárquica (graduação) que a competência lhes conferia. Alguns destes exerciam a docência sem o conhecimento e autorização do seu mestre/professor. Em geral, hoje o professor (titulado ou não) sofre maior cobrança tanto do seu mestre, responsável pelo grupo, como dos pares (comunidade capoeirista), dos seus alunos e da sociedade.

O exercício do ofício dos mestres de capoeira é um bem cultural de valor imensurável e a sua salvaguarda é condicionante da existência da capoeira, pois, sem a transmissão dos saberes, não se formam novos detentores, e a capoeira pode correr o risco de morrer com o mestre. Os dados apresentados apontam para a necessidade de estudo mais detalhado sobre o porquê de muitos detentores habilitados não se dedicarem à docência da capoeira e qual a influência dessa “falta” de experiência na sua formação enquanto mestre da cultura popular. Pode um discípulo que aprende vir a se tornar um mestre sem nunca dar lição?

É certo que quase a totalidade dos capoeiristas almeja experienciar a conquista/aquisição do título de professor, de contramestre e de mestre de capoeira em virtude de todo o poder simbólico inerente aos títulos e à hierarquia, elemento central das relações estabelecidas na comunidade. Entretanto, considerando que na capoeira podem se reproduzir os problemas observados na sociedade, sendo a roda um símbolo representativo do nosso planeta Terra, há sempre um risco de a busca pela formação/titulação/reconhecimento vir a ser um instrumento de reprodução das relações opressor e oprimido (FALCÃO, 2001). Não são raras as reivindicações, especialmente nas redes sociais, geralmente acaloradas quanto às titulações atribuídas a um ou a outro capoeirista e até mesmo a negação (velada ou declarada) daqueles que se autointitulam professores, contramestres e mesmo mestres, sem contar os que “compram a outorga” de algum mestre que, muitas vezes, nunca acompanhou o formando em sua jornada na capoeira.

Porém, mais uma vez cabe afirmar que o recebimento do prestígio de uma titulação se dá muito mais pela trajetória do capoeirista que possui uma intrínseca relação com a experiência docente, dentre outros elementos. É comum, no meio da comunidade capoeirista, a compreensão de que a formatura de um mestre acontece a partir do momento em que ele forma pelo menos um professor ou contramestre. De maneira oposta, há também aqueles que valorizam mais o tempo que o capoeirista tem na arte-luta. Nesse processo, há sempre questões a refletir sobre “o peso da corda” (graduação) que pode vir a ser um elemento positivo ou prejudicial na formação do capoeirista (ORNELLAS, 2004).

A capoeira é uma arte multifacetada que se manifesta sob diferentes aspectos, o que permite dizer que não há

uma capoeira, mas várias. Tradicionalmente, há três estilos consagrados: Capoeira Angola, Capoeira Regional e Capoeira Contemporânea (IPHAN, 2014). Tomando por base as declarações dos detentores líderes de grupos no Acre, quanto ao estilo de capoeira adotado por seu grupo, identificamos que a maioria (68,5%) adota o estilo capoeira contemporânea, enquanto a capoeira angola é o estilo praticado por dois grupos (5,7%). Um líder referiu que seu grupo adotava o estilo capoeira regional e outro líder referiu praticar os três estilos (angola, regional e contemporânea). Cabe destacar que os líderes de três grupos afirmaram não se enquadrar em nenhum dos estilos consagrados, identificando-se apenas como praticantes de capoeira (Tabela 2).

**Tabela 2.** Estilos de Capoeira praticados por lideranças de grupos e demais detentores no Acre, 2021

Estilos	Líderes	Detentores
Angola	2 (5,7%)	2 (1,9%)
Regional	1 (2,9%)	1 (0,9%)
Contemporânea	24 (68,5%)	74 (70,5%)
Angola e Regional	1 (2,9%)	2 (1,9%)
Angola, Regional e Contemporânea	2 (5,7%)	2 (1,9%)
Capoeira (não se enquadra nos estilos)	5 (14,3%)	24 (22,9%)
<b>Total</b>	<b>35 (100,0%)</b>	<b>105 (100,0%)</b>

Fonte: Elaboração própria.

Entretanto, convém salientar que houve divergência entre as lideranças de um mesmo grupo, em que um afirmou praticar o estilo capoeira contemporânea e o outro referiu que seu grupo não se enquadrava em nenhum dos estilos. Essa divergência se assevera quando observadas as declarações dos demais detentores, evidenciando que o estilo da capoeira adotado pelo grupo não é bem incorporado pelos detentores e possibilitando dissonâncias identitárias no pro-

cesso de transmissão dos saberes. Multiplicidades de estilos de capoeiras também foram identificadas no mapeamento realizado em Minas Gerais, inclusive com divergências internas identificadas num mesmo grupo (IPHAN, 2016).

Percebemos forte herança do estilo capoeira contemporânea, o qual fora implantado no Acre por Mestre Rodolfo nos anos 1980, segundo relatos de seus ex-alunos/discípulos. Mestre Rodolfo trouxe ao Acre importantes nomes da capoeira (Mestres Waldemar da Paixão, Toni Vargas, Miguel Machado, Carlão, Mudinho, Camisa, Paulinho Sabiá, Capixaba, Paulão Ceará, Nagô, entre outros) e enviou alguns alunos para fazer cursos e vivências nos grandes centros da capoeira como Rio de Janeiro e São Paulo, o berço da capoeira que pouco tempo depois chamou-se contemporânea.

Também há de se considerar que na década de 1980, a capoeira acreana era fortemente influenciada pelo grupo Senzala de Capoeira do Rio de Janeiro, uma vez que grande número dos mestres que veio participar de eventos organizados por Mestre Rodolfo fazia parte do Senzala, grupo este que não se enquadra em nenhum dos estilos consagrados (IPHAN, 2014), o que pode explicar, em parte, a frequência de detentores da atualidade que afirmam ser somente capoeira e não adotam rótulos para especificar um estilo.

Buscando ilustrar a capoeira representada pelos grupos responsáveis pela sua produção, reprodução e difusão, no estado do Acre, destacamos um mosaico das identificações visuais (logomarcas) obtidas junto aos responsáveis locais pelos grupos identificados em 2021 (Imagem 1).

**Imagem 1.** Mosaico dos Grupos de Capoeira no Acre em 2021

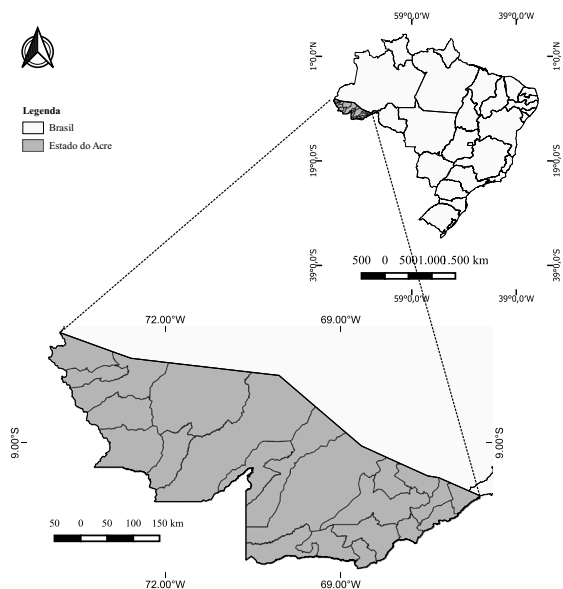


Fonte: Elaboração própria.

Tomando como referência o mapa do Brasil para situar, apresentamos o mapeamento da capoeira (Mapa 1) no estado do Acre a partir dos vários grupos de capoeira (Mapa 2), lideranças (Mapa 3), detentores (Mapa 4) e núcleos de capoeira (Mapa 5), o que nos possibilita identificar importante concentração da capoeira na capital Rio Branco, a despeito de a capoeira se fazer presente em 17 dos 22 municípios do Acre.



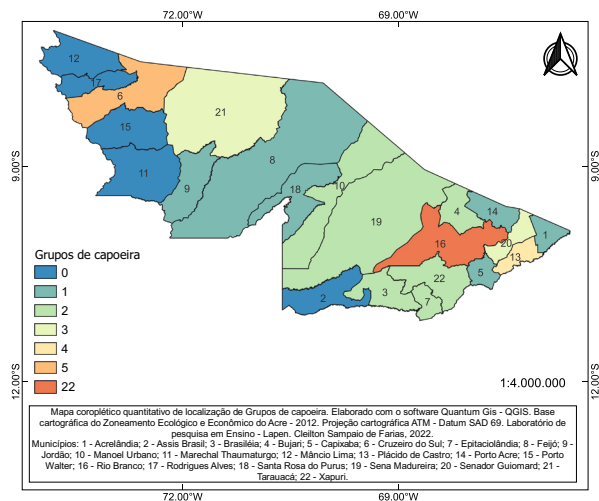
**Mapa 1 – Distribuição dos Grupos de Capoeira no Acre, 2021**



Mapa monocromático de localização. Elaborado com o software Quantum Gis - QGIS Base cartográfica do Zoneamento Ecológico e Econômico do Acre - 2012. Projeção cartográfica ATM - Datum SAD 69. Laboratório de pesquisas em Ensino - Lape. Autor: Cleilton Sampaio de Farias, 2022.

**Fonte:** Elaboração Própria.

**Mapa 2 – Distribuição dos Grupos de Capoeira no Acre, 2021**



Mapa coroplético quantitativo de localização de Grupos de capoeira. Elaborado com o software Quantum Gis - QGIS. Base cartográfica do Zoneamento Ecológico e Econômico do Acre - 2012. Projeção cartográfica ATM - Datum SAD 69. Laboratório de pesquisas em Ensino - Lape. Cleilton Sampaio de Farias, 2022.  
Municípios: 1 - Acrelândia; 2 - Assis Brasil; 3 - Brasília; 4 - Bujari; 5 - Capixaba; 6 - Cruzeiro do Sul; 7 - Eptaciolândia; 8 - Feijó; 9 - Jordão; 10 - Manoel Urbano; 11 - Marechal Thaumaturgo; 12 - Milcônio Lima; 13 - Plácido de Castro; 14 - Porto Acre; 15 - Porto Walter; 16 - Rio Branco; 17 - Rodrigues Alves; 18 - Santa Rosa do Purus; 19 - Sena Madureira; 20 - Senador Guionard; 21 - Tarauacá; 22 - Xapuri.

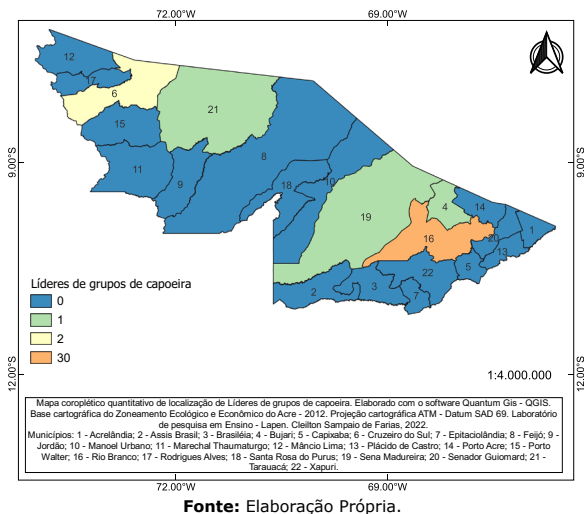
**Fonte:** Elaboração Própria.

Rio Branco concentra 22 grupos (81,5%), 30 líderes de grupos (85,7%), 86 núcleos (65,6%) e 66 detentores (62,9%). Desses, 18 são mestres (27,3%), 15 contrames-tres/mestrandos (22,7%), 15 professores (22,7%) e 18 detentores de outros níveis hierárquicos (27,3%) atuantes na capital acreana (Tabela 3).

O município de Cruzeiro do Sul apresenta a segunda maior concentração de núcleos de capoeira, contando com 9 núcleos que são dirigidos por 5 detentores, os quais estão vinculados a 5 grupos, sendo dois destes detentores lideranças. Senador Guiomard e Tarauacá concentram 5 núcleos, dirigidos por 5 detentores de 3 grupos em cada cidade.

Dentre os 13 grupos de criação local, somente dois foram criados por detentores no interior do estado e ainda se mantêm nos municípios de Sena Madureira e Tarauacá, e os demais foram criados em Rio Branco.

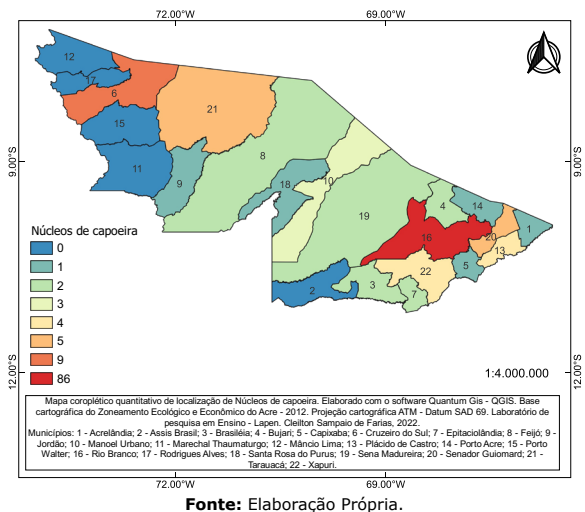
O mapeamento revelou que os grupos com maior número de núcleos se apresentam da seguinte forma: 19 núcleos do grupo Capoeira Senzala – (10) Mestre Cancão e (9) Mestre Pavão; 16 núcleos do grupo AcreBrasil – Mestre Caboquinho; 15 núcleos do grupo Cordão de Ouro – (8) Mestre Xandão, (3) Mestre Arrepiado e (4) Mestre Cobra; 11 núcleos do grupo Besouro Preto Mangangá – Mestre Caju; e 11 núcleos do grupo Senzala de Capoeira – Contramestre Chiclete. Os grupos de maior dispersão no estado do Acre são o grupo Capoeira Senzala, presente em 10 municípios, seguido pelos grupos Mameluco e AcreBrasil, ambos presentes em 4 municípios.

**Mapa 3** – Distribuição dos Líderes de Grupos de Capoeira no Acre, 2021

Quanto ao número de detentores por grupo, incluindo suas lideranças, destacam-se os grupos: Capoeira Sensala, com 16 detentores; Besouro Preto Mangangá e Cordão de Ouro, ambos com 10 detentores; e AcreBrasil, com 9 detentores.

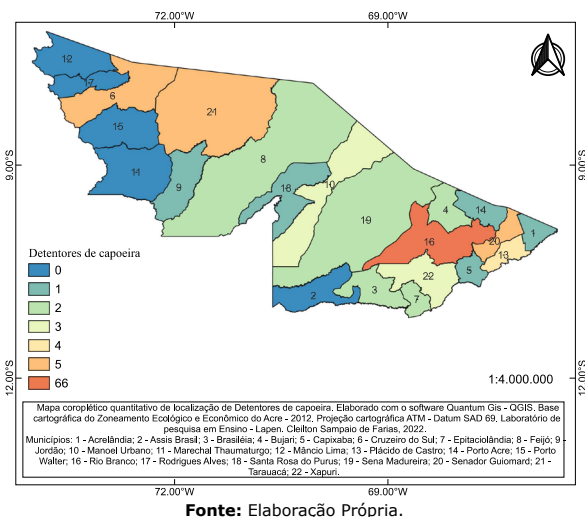
Vale frisar que há dois grupos Sensala no Acre e três lideranças: o grupo Sensala de Capoeira, representado pelo Contramestre Chiclete, que é supervisionado por Mestre Maluco (RR) e vinculado ao Centro Cultural Sensala ou grupo Sensala de Capoeira, fundado por Mestre Peixinho (RJ); e o grupo Capoeira Sensala, criado em 2007 por Mestre Amendoim (DF), Mestre formado por Peixinho (RJ), como um trabalho independente do grupo do Rio de Janeiro. Os dois representantes no estado do grupo Capoeira Sensala são Mestre Cancão e Mestre Pavão, ambos formados por Mestre Amendoim, que lidera o maior número de detentores e núcleos de capoeira e grande responsável pela difusão da capoeira no interior do estado.

**Mapa 4 – Distribuição dos Núcleos de Capoeira no Acre, 2021**



É importante destacar que não foi identificada a presença de núcleo de capoeira nos municípios de Mâncio Lima, Rodrigues Alves, Porto Walter, Marechal Thaumaturgo, na regional do Juruá, e em Assis Brasil, na regional do Alto Acre.

**Mapa 5 – Distribuição dos Detentores de Capoeira no Acre, 2021**



Como já relatado, a pandemia representou um importante dificultador do processo de levantamento dos dados, sendo enfrentada significativa dificuldade na comunicação com alguns dos detentores (líderes e liderados), especialmente com os detentores da segunda rodada em diante, seja na demora no retorno das informações solicitadas ou quando as encaminhavam de maneira incompleta. Isso implicou em resultados potencialmente divergentes da realidade, que vem se transformando nos últimos meses com a reabertura dos núcleos anteriormente fechados e/ou a abertura de novos locais de transmissão dos saberes ancestrais da capoeira em virtude do maior controle da pandemia de Covid-19.

Buscando dirimir tais lacunas, esforços dos pesquisadores foram envidados a partir de contato individual com cada detentor, que foi disponibilizado pelo seu mestre (detentor supervisor ou líder do grupo), principalmente, em relação às informações de endereços dos locais de prática da capoeira e o quantitativo de praticantes em cada núcleo. Desse modo as informações incompletas são decorrentes da ausência de resposta por parte dos detentores.

Situações de mudanças de graduações, como formatura de mestres, contramestres e de professores, além de mudanças de grupos foram importantes elementos que implicaram na necessidade de se atualizarem as informações até o mês de setembro de 2021.

**Tabela 3.** Grupos, Detentores e Núcleos da Capoeira por Município do Acre, 2021

Municípios, Grupos e Lideranças	Nº de Detentores	Nº de Núcleos
<b>Acrelândia</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
Naginga Capoeira – Prof. Trovão	1	1
<b>Brasileia</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
Axé Capoeira – Contramestre Malvado	1	1
Cordão de Ouro Capoeira – Mestre Cobra	1	1

Continua

		Continuação
<b>Bujari</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
Afro Ginga Capoeira – Mestre Falcão	1	1
Suor de Negro – Mestre Macaco	1	1
<b>Capixaba</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
Capoeira Senzala – Mestre Cancão	1	1
<b>Cruzeiro do Sul</b>	<b>5</b>	<b>9</b>
Afro Ginga Capoeira – Mestre Falcão	1	1
Associação Cultural de Capoeira Capuerê – Prof. Gaivota	1	1
Associação Recreativa Mameluco – Mestre Moreno	1	2
Berimbau de Envira – Prof. Sony	1	1
Grupo Senzala de Capoeira – Contramestre Chiclete	1	4
<b>Epitaciolândia</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
Associação Recreativa Mameluco – Mestre Moreno	1	1
Axé Capoeira – Contramestre Malvado	1	1
<b>Feijó</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
Capoeira Senzala	2	2
Mestre Cancão	1	1
Mestre Pavão	1	1
<b>Jordão</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
Capoeira Senzala – Mestre Pavão	1	1
<b>Manoel Urbano</b>	<b>3</b>	<b>3</b>
Besouro Preto Mangangá – Mestre Caju	2	2
Capoeira Senzala - Mestre Pavão	1	1
<b>Plácido de Castro</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
Capoeira Senzala – Mestre Cancão	1	1
Herança Ancestral - Contramestre Ferruge	1	1
Naginga Capoeira - Professor Trovão	1	1
União na Capoeira – Mestrando Rocha	1	1
<b>Porto Acre</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
AcreBrasil Capoeira – Mestre Caboquinho	1	1
<b>Rio Branco</b>	<b>66</b>	<b>86</b>
Abadá Capoeira	4	6
Graduado Guaratinga	1	2
Graduado Miúdo	1	1
Instrutor Sombra	1	2
Professor Urubu	1	1
Acre Capoeira	2	2
Contramestre Bizarro	1	1
Contramestre Bool	1	1
AcreBrasil Capoeira – Mestre Caboquinho	6	13
Afro Ginga Capoeira – Mestre Falcão	1	1
Associação Cultural Raízes da Capoeira	2	2
Mestre Sapo	1	1
Mestre Estranho	1	1
Associação Recreativa Mameluco – Mestre Moreno	2	2
Axé Capoeira – Contramestre Malvado	5	5
Besouro Preto Mangangá – Mestre Caju	8	9

Continua

		Continuação
Candeias de Capoeira – Mestre Saci	2	2
Capoeira Abolição – Mestrando Roda	1	1
Capoeira Angola Volta ao Mundo – Prof. Saulo	1	1
Capoeira Arte Poesia – Prof. Leão Sarita	2	3
Capoeira Nagô – Mestre Geb	2	2
Capoeira Senzala	5	7
Mestre Pavão	1	1
Mestre Cancão	1	6
Cordão de Ouro Capoeira	8	13
Mestre Xandão	4	8
Mestre Arrepiado	2	2
Mestre Cobra	2	3
Estudo de Capoeira Angola Maria Felipa – Aluno Júlio Cardial	1	1
Grupo Senzala de Capoeira – Contramestre Chiclete	5	7
Herança Ancestral – Contramestre Ferruge	2	2
Herança Cultural Capoeira – Instrutor Modelo	1	1
Naginga Capoeira – Prof. Trovão	1	1
Rede Anca Capoeira – Núcleo Abaeté – Mestrando Cebolinha	4	4
União na Capoeira – Mestrando Rocha	1	1
<b>Santa Rosa do Purus</b>	<b>1</b>	<b>1</b>
Capoeira Senzala – Mestre Pavão	1	1
<b>Sena Madureira</b>	<b>2</b>	<b>2</b>
Capoeira Senzala – Mestre Pavão	1	1
Sena Capoeira – Contramestre Nando	1	1
<b>Senador Guiomard</b>	<b>5</b>	<b>5</b>
AcreBrasil Capoeira – Mestre Caboquinho	1	1
Capoeira Nagô – Mestre Geb	3	3
Cordão de Ouro Capoeira – Mestre Arrepiado	1	1
<b>Tarauacá</b>	<b>5</b>	<b>5</b>
AcreBrasil Capoeira – Mestre Caboquinho	1	1
Associação Vem Capoeirá – Contramestre Nilson	3	3
Capoeira Senzala – Mestre Cancão	1	1
<b>Xapuri</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Associação Recreativa Mameluco – Mestre Moreno	1	1
Capoeira Senzala – Mestre Pavão	2	3
<b>Total Geral</b>	<b>105</b>	<b>131</b>

Fonte: Elaboração própria.

## REFERÊNCIAS

ACRE. **Decreto estadual nº 5.465, de 16 de março de 2020**. Dispõe sobre medidas temporárias a serem adotadas, no âmbito do Estado do Acre, para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente da doença COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Rio Branco-AC: Legis. 2020. Disponível em: [http://www.legis.ac.gov.br/detalhar\\_covid19/4247](http://www.legis.ac.gov.br/detalhar_covid19/4247). Acesso em: 28 jan. 2022.

ARAÚJO, J. D.; MOTA, D. L. V.; COUCEIRO, M.A. (Org.). **Capoeira em Roraima: mapeamento dos grupos**. [dados eletrônicos - arquivo em pdf] Boa Vista-RR: Iphan, 2019. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao>. Acesso em: 07 fev. 2022.

FALCÃO, J. L. C. O mestre de capoeira e a pedagogia do oprimido: um sugestivo encontro. **O Berimbau**, Salvador, p. 3 - 3, 03 nov. 2001.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Dossiê Iphan nº 12 – Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília: Iphan, 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Mapeamento da capoeira em Minas Gerais**. Belo Horizonte MG: Iphan, [2016?]. Disponível em: [https://www.gov.br/iphan/pt-br/teste/superintendencias/minas-gerais/Mapeamento\\_da\\_capoeira\\_de\\_minas\\_gerais.pdf](https://www.gov.br/iphan/pt-br/teste/superintendencias/minas-gerais/Mapeamento_da_capoeira_de_minas_gerais.pdf). Acesso em: 28 jan. 2022.

LIBÂNIO, A. J. *et al.* **Mapeamento social da capoeira em Florianópolis**. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2019. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Mapeamento\\_da\\_capoeira\\_de\\_minas\\_gerais.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Mapeamento_da_capoeira_de_minas_gerais.pdf). Acesso em: 28 jan. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). **Ninth Session of the Intergovernmental Committee (9.COM). Decision of the Intergovernmental Committee: 9.COM 10.8 Capoeira circle (No. 00892) for inscription on the Representative List of the Intangible Cultural Heritage of Humanity**. Paris, França, 24 nov. 2014. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/decisions/9.COM/10.8>. Acesso em: 28 jan. 2022.

ORNELLAS, B. S. **O peso do cordão na cintura do capoeirista**: uma análise acerca da graduação da capoeira. 2004.

YAMAUIE, T.L; SILVA, A. H. S. (Org.). **Plano de Salvaguarda da Capoeira no Acre**. Rio Branco, AC: Iphan, 2019.



## Capítulo 4

---

### **A HISTÓRIA DA CAPOEIRA ACREANA ATRAVÉS DA SÍNTESE BIOGRÁFICA DOS DETENTORES DO FINAL DO SÉCULO XX**

Cledir de Araújo Amaral  
Ádamo Gabriel Lopes de Souza  
Valdineia Rodrigues Tomaz  
Edilene da Silva Ferreira

No primeiro capítulo desta obra, apresentamos a história da capoeira acreana através de levantamentos de acervos documentais, produções científicas e entrevistas, por meio dos quais foi possível identificar a manifestação efetiva da capoeira a partir do final da década de 1970. O presente capítulo é destinado a uma singela homenagem aos detentores que puderam participar de alguma das etapas do processo investigativo durante a realização desta pesquisa. Portanto, trata-se de um reconhecimento ao protagonismo e contribuição individual para que as gerações atuais e futuras possam conhecer um pouco mais sobre a história da capoeira acreana através da síntese biográfica daqueles precursores e importantes capoeiristas do Acre, a partir do final de 1970, passando os anos 1980 e 1990, até o ano 2000.

Não significa que as gerações protagonistas a partir dos anos 2000 em diante não tenham importância. Contudo, salientamos que esta será a tônica de um novo jogo, “capoeiristicamente” falando.

Infelizmente, não foi possível contatar todos os protagonistas da capoeira acreana do período elencado, mas daqueles os quais alcançamos consideramos o conteúdo de suas falas durante as entrevistas concedidas à equipe de pesquisa,

bem como as informações obtidas na gravação dos vídeos produzidos pela Federação Acreana de Capoeira (FAC) para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) instituições que, em comum acordo com os detentores, gentilmente nos deram acesso. Além disso, como complemento, utilizamos informações de domínio público e conhecidas por parte da comunidade da capoeira do Acre.

Convém destacar que adotamos a ordem alfabética a partir da titulação/graduação referida e apelidos dos capoeiristas aqui listados. Aqueles que não referiram ter recebido formalmente uma graduação de professor, contramestre/mestrando ou de mestre foram listados somente pelo apelido.

Nesta breve biografia, pudemos conhecer um pouco das trajetórias e o entendimento de cada um sobre a capoeira.

## **ALEMÃO**

Carlos Alberto Aguiar Gouveia, conhecido como “Alemão”, afirmou que iniciou a capoeira na década de 1980, no Teatro Horta, localizado no bairro Estação Experimental, na cidade de Rio Branco/Acre, com o Mestre Rodolfo, com o qual recebeu suas primeiras graduações, na época do grupo Cativoiro.

No final do ano de 1983, foi morar na cidade de Fortaleza/CE e se filiou ao grupo Sensala, no qual chegou à corda roxa, sob a liderança de Mestre Paulão Ceará, um dos fundadores do grupo Capoeira Brasil, em 1989.

Para Alemão, a capoeira é uma coisa que continua e permanece guardada em seu coração e na mente. Apesar de ter parado de praticar no ano de 1992, ainda traz grandes lembranças e um carinho especial pela capoeira. Ele afirmou

que tem na educação e disciplina a grande representatividade da capoeira na sua formação.

## **CONTRAMESTRE TAINHA**

Adalcides Adalci Nunes de Amorim, natural de Rio Branco/AC, foi apelidado de “Tainha”, certa qualidade de peixe variada do mar, dada à diversidade do capoeirista, que assim é conhecido na capoeiragem acreana.

Tainha foi apresentado à capoeira por um amigo conhecido como Manoel, que o convidou para treinar capoeira sob a orientação do Mestre Rodolfo no grupo Cativeiro, em meados dos anos 1980, na capital acreana. Tainha destaca alguns aspectos da prática da capoeira, entre eles a destreza, o equilíbrio e a coordenação motora, aspectos estes que descobriu com Mestre Rodolfo, na academia de capoeira do Sesc Centro, onde continuou a ter aulas assiduamente, apaixonando-se cada vez mais pela arte da luta e, acima de tudo, pelos benefícios que vêm com ela.

A trajetória de Tainha no Acre se inicia através do grupo Cativeiro com o Mestre Rodolfo. Posteriormente, ingressou no grupo Abadá Capoeira sob a supervisão de Mestre Camisa, chegando, inclusive, a coordenar o grupo no estado, fato que possibilitou receber a graduação de instrutor (corda roxa). Por conseguinte, Tainha vinculou-se ao grupo Axé Capoeira de Mestre Barrão. Depois de uma jornada na capoeira, recebeu a graduação de professor (corda amarela). Por fim, a graduação atual é de Contramestre (corda roxa) pelo respectivo grupo Axé Capoeira.

Tainha trabalhou em vários projetos sociais com a capoeira, na cidade de Rio Branco, principalmente, o projeto

“Esporte e Lazer”, no qual pôde difundir a prática da capoeira em diversos bairros afastados do centro da cidade. No entanto, as melhores lembranças de Tainha remontam às diversas rodas de capoeira, especialmente, uma roda realizada na praia da Base que, além de reunir um número significativo de capoeiristas, contou com a presença de capoeiristas mais antigos e o prestígio do público geral.

Para Tainha, as transformações na capoeira são visíveis, “hoje a capoeira tem mais adeptos, e o aluno que não tem condições financeiras de praticar capoeira na academia, tem a oportunidade de participar de projetos sociais, qualificando, inclusive, o professor”. Apesar das mudanças que atravessam a capoeira, Tainha reitera a sua relevância, destacando ser “[...] importante que as pessoas pratiquem capoeira, uma vez que a capoeira é filosofia de vida que soma na vida das pessoas”.

## **CURUMIM**

Ivan Ferreira de Castela era apelidado de “Curumim” e foi um dos primeiros alunos de Mestre Rodolfo no grupo Cativeiro. Iniciou a capoeira no início da década de 1980, no Sesc Centro, chegando à segunda corda (laranja). Ivan, como é mais conhecido no meio cultural, já era ligado ao teatro antes de iniciar a capoeira, mas incorporou importantes elementos aprendidos na arte-luta em suas atividades, que passou a ser exclusiva. Além disso sua vivência na capoeira influenciou seu irmão, Reginaldo, que também teve importante contribuição. Posteriormente, Ivan tentou voltar a praticar capoeira com o Mestre Xandão, mas não conseguiu dar continuidade.

Para Ivan, “a capoeira é oxigênio, é respirar, aquele que consegue sobreviver do trabalho de capoeira, é oxigênio e vida produtiva”. Em outro momento, ele afirmou que “a capoeira chega até hoje como um dos elementos mais fortes da necessidade de liberdade”. Na sua vida, a capoeira representou “um período inicial de aprendizagem, de possibilidade de conhecer elementos que estão na sua vida até hoje. Foi através da capoeira que consegui o começo desse processo de autoconhecimento, de saber quem sou e onde estou. Então a capoeira iniciou esse processo de aprendizagem e liberdade”.

## **FERNANDÃO**

Fernando França Câmara, conhecido na capoeira por “Buriti” ou “Fernandão”, iniciou a prática em 1982, no Sesc Centro, com o Mestre Rodolfo, onde teve seu primeiro e único batizado na capoeira. No final de 1982, já residindo na cidade de Fortaleza/CE, continuou a prática da capoeira com o Mestre Paulão Ceará, hoje um dos fundadores do grupo Capoeira Brasil, e com o Mestre Canário, até o ano de 1984, quando parou com a prática. Suas maiores referências na capoeira foram os Mestres Camisa e Canário.

Para Fernando França, a capoeira representou um momento muito feliz da sua vida e possibilitou conhecer, através da sua história, essa manifestação cultural importantíssima.

## **MARROM**

Francisco Fontes de Castro nasceu em 02 de dezembro de 1966 e é conhecido na capoeira por “Marrom”. Foi um

dos alunos pioneiros de Mestre Rodolfo, o grande baluarte da arte que marcou a trajetória da capoeira no Acre e deu início à fase da escola de capoeira com o grupo Cativeiro, que rendeu ao mestre o protagonismo da identidade de grupo de capoeira no estado a partir do seu ensino sistemático no Sesc Centro, em Rio Branco, um espaço de grande prestígio social.

Marrom iniciou a capoeira por volta de 1982 e foi, sem dúvida, um dos discípulos mais fiéis de Mestre Rodolfo e um grande expoente da capoeira na década de 1980. Participou dos primeiros eventos de capoeira no estado, viajou para participar de cursos e eventos, representando o Acre e se destacava na liderança do grupo na ausência do mestre.

No período de 1988 e 1989, com o impedimento de Mestre Rodolfo para retornar ao Acre, Marrom se tornou uma das principais lideranças que conduziram o grupo até o seu ingresso na faculdade de Educação Física na Universidade Federal do Acre, em 1990. Marrom afirma que em virtude das atribuições profissionais, acadêmicas e familiares não houve mais condições para continuar os treinos, levando à dispersão dos integrantes do grupo Cativeiro. Contudo, com o regresso de Mestre Rodolfo, o grupo voltou às atividades na academia de musculação de propriedade de Marrom, já formado em Educação Física, as quais foram interrompidas com a morte de Mestre Rodolfo no ano de 1996, momento a partir do qual decidiu parar a prática da capoeira.

Marrom se destacou, ainda, por ser o primeiro capoeirista local a se formar em Educação Física e a produzir uma monografia sobre a temática da capoeira na Universidade Federal do Acre. Porém, uma de suas principais características é ser um defensor sagaz da história e da memória de Mestre Rodolfo, seu mestre.

Para Marrom, a capoeira é sua essência de vida e representa sua história de vida profissional e intelectual.

## **MESTRANDO CEBOLINHA**

Sebastião Paulo de Paiva Oliveira, nascido em 1976, é chamado na capoeira de mestrando “Cebolinha”, conheceu a capoeira ainda bastante jovem por volta de 1987, por meio de uma família de seis pessoas, vinda do Recife/PE para o Acre. Entre os membros da família, o senhor de nome Valdir passou a ensinar capoeira para Cebolinha. As aulas aconteciam sempre após o horário de trabalho de senhor Valdir, pontualmente às 17h, na rua Rádio Farol, na “Baixada da Sobral”. Em 1989, mudou-se para Porto Velho/RO, cidade onde teve o primeiro contato com um grupo de capoeira, o grupo Barra Vento de Mestre Xoroquinho (RO), mas, em virtude de limitações financeiras, não conseguia pagar as mensalidades e só participava das atividades de apresentações do grupo, mas sempre que possível buscava obter informações sobre os movimentos que via nos jogos.

No início de 1990, Cebolinha retornou para o Acre, porém só voltou a treinar capoeira em 1992, sob a supervisão do então professor Papagaia, no Mandalas Clube, grupo Capoeira Brasil, mas logo seu professor migrou para o grupo Abadá Capoeira e, depois de algum tempo, para o grupo Senzala, diretamente com Mestre Peixinho (RJ) e depois ligando-se ao Mestre Amendoim (DF).

Cebolinha começou a ministrar aulas de capoeira no ano 1994, através de um projeto social, com apoio da Fundação Garibaldi Brasil, foi o primeiro professor a levar a capoeira para o bairro Taquari, chegando até mesmo a atravessar o

rio Acre de catraia, para chegar ao espaço onde ministrava as aulas. Também acumulou experiência em projetos sociais nos bairros Adalberto Aragão e Baixada da Sobral. Por questões de trabalho, Cebolinha teve que se afastar por cerca de sete anos da capoeira, retornando em 2012 a treinar com Papagaia, que, naquele momento, fazia parte do Núcleo Abaeté da Rede Anca Capoeira, ligado ao Mestre Franja (SP). Com a saída de Mestre Papagaia do grupo, Cebolinha decidiu não mais segui-lo, tornando-se responsável, no Acre, pelo Núcleo Abaeté da Rede Anca Capoeira, no qual em 2018, recebeu a corda vermelha de mestrando.

Para mestrando Cebolinha, a capoeira “é uma inspiração, se tô triste eu toco um berimbau, eu canto, faço um verso. Eu acho que capoeira é vida, capoeira é vida [...] o capoeirista é músico, é educador, é psicólogo, é pai, é marido”.

## **MESTRANDO RODA**

Luiz Rodomilson dos Santos, ou simplesmente “Roda”, teve o seu primeiro contato com a capoeira com apenas doze anos de idade, quando, no bairro onde morava, havia um capoeirista que todas as manhãs treinava capoeira no quintal de casa, despertando a atenção do jovem Roda, toda vez que este passava para comprar pão.

Depois de certo tempo observando aquela movimentação, Roda procurou saber do que se tratava aquela arte, momento que possibilitou não só conhecer, mas praticar capoeira, desde meados de 1985, com o saudoso Mestre Coringa, aluno formado de Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional. Mestre Coringa não chegou a abrir um núcleo de capoeira no Acre, posto as funções e a demanda de trabalho



que tinha na antiga “Eletroacre”, mas chegou a ensinar o que sabia para o jovem Roda, aluno que expandiu o estilo da Capoeira Regional no estado.

Em 1991, Roda participa dos Jogos Escolares Brasileiros “JEBs”, momento em que acabou conhecendo o professor Índio, também participante dos JEBs. No ano seguinte, os caminhos de Roda e Índio se cruzaram novamente, mas dessa vez no Acre, estado no qual Índio tinha passado a residir. Nessa oportunidade, Roda e outros capoeiristas, sob a liderança do professor Índio, assumiram o trabalho de capoeira através do grupo Abadá Capoeira. Dada a experiência de Roda ensinada pelo Mestre Coringa, ele recebeu a graduação de graduado no grupo.

Depois de alguns anos desenvolvendo trabalho com o Abadá Capoeira, principalmente, com a capoeira nas escolas públicas de Rio Branco, Roda se afastou do grupo Abadá Capoeira e se vinculou, junto com outros capoeiristas, ao grupo Axé Capoeira, grupo no qual recebeu a graduação de professor.

A trajetória de Roda, na capoeira, foi atravessada pela presença e ensinamentos do Mestre Coringa. Entretanto, a experiência com os grupos nos quais vivenciou todo o potencial aprendido na capoeira, possibilitou ser reconhecido no cenário acreano, recebendo a graduação de mestrando de capoeira.

De um modo geral, Roda considera que o maior legado que um capoeirista pode deixar é “ser um grande capoeirista, jogando, aparecendo, quanto mais você aparecer, mais seja humilde, pense bastante antes de falar, antes de agir na capoeira”.

## MESTRE ARREPIADO

Everton Silva Leodegário nasceu em 12 de março de 1981. Natural de Rio Branco/AC, é conhecido nas rodas de capoeira no Acre como "Arrepiado", apelido oriundo das características do cabelo espetado quando criança.

Arrepiado teve contato com a capoeira em meados de 1988, ainda quando criança e na companhia do primo Audenis, hoje Mestre Estranho, a partir das vivências na sede campestre do Rio Branco Futebol Clube, em torno de alguns capoeiristas que se reuniam para praticar capoeira.

Apesar da pequena experiência na sede do Rio Branco, Arrepiado, seus primos e alguns amigos do bairro Abrão Alab sempre se reuniam pelo bairro para praticarem o pouco que sabiam de capoeira, principalmente no pó de serra, local de treino de saltos e outras acrobacias, momento em que ocorreu o encontro de Arrepiado com o mestre que seguirá ao longo de toda a sua trajetória, o então professor Xandão.

A partir do encontro com Xandão, Arrepiado foi convidado a fazer parte do grupo Conceição da Praia, com treinos diários no condomínio Monterrey, localizado no bairro Bosque. Nesse decurso, Arrepiado participou do primeiro e único batizado realizado pelo grupo Conceição da Praia, no ano de 1992.

Por volta de 1994, Arrepiado acompanhou o professor Xandão na filiação ao grupo Maculelê Capoeira. Durante o tempo em que esteve no grupo Maculelê Capoeira, até o início de 2001, Arrepiado recebeu as graduações de instrutor e professor. No entanto, com a saída de Xandão do grupo Maculelê e o ingresso no grupo Cordão de Ouro, Arrepiado atravessou um novo fluxo de graduações, voltando, em 2002, à

graduação de instrutor, pelo grupo Cordão de Ouro, para em 2005 receber a graduação de contramestre. Foi somente em 2011 que Arrepiado foi reconhecido como mestre de capoeira pelo grupo Cordão de Ouro de Capoeira.

Em síntese, Mestre Arrepiado reflete sobre as próximas gerações e destaca que “todos os capoeiristas precisam se apropriar do seu passado, precisam se apropriar do legado, ou seja, se apropriar de todo esse contexto histórico, de toda essa trajetória de uma forma mais eficaz”.

## **MESTRE BORRACHA**

José Cleidimar Brito de Amorim, nascido em 17 de janeiro de 1975, é mais conhecido como Mestre “Borracha”. Iniciou a capoeira em 1986, em Rio Branco/AC, com o hoje Mestre Papagaia, na Funbesa, e, após um ano, cessando os treinos no espaço, passou a ter algumas “vivências” com o capoeirista chamado Zorro, em um espaço cedido por uma creche, próximo à escola Sheila Nasserála, no bairro Tangará, no qual, junto com amigos, reunia-se e brincava de capoeira, mas sem muito sucesso, uma vez que não conseguia alguém à época que organizasse as aulas.

No ano de 1990, começou a treinar com Mestre Olho de Peixe, no grupo Capoeira Brasil, grupo no qual se desenvolveu, fez importantes viagens e iniciou a docência, assumindo as aulas do Sesc Bosque até o ano de 1997, quando teve a oportunidade de ir para a Austrália, país onde passou a viver e difundir a capoeira.

Em 2000, Borracha veio ao Acre e recebeu a corda roxa, de professor, no grupo Capoeira Brasil, grupo que se extinguiu no Acre em 2004 com a saída de sua liderança,

Olho de Peixe, o qual, juntamente com Borracha e demais graduados remanescentes do grupo anterior fundaram, no ano de 2005, o grupo Capoeiracre. Porém, pouco tempo depois, Mestre Olho de Peixe decidiu parar a capoeira e o grupo ficou sem a liderança principal, momento em que o Mestre Borracha decidiu, juntamente com Mestre Geb, como é conhecido hoje, formar o grupo Capoeira Aruanda, que foi mais tarde apadrinhado pelo renomado Mestre Boa Gente. Em 2014, Mestre Boa Gente veio ao Acre, onde formou Borracha como mestre de capoeira.

Atualmente, Mestre Borracha desenvolve trabalhos de capoeira em Sidney, onde constituiu família e supervisiona os trabalhos dos seus alunos graduados em outras cidades da Austrália e na Alemanha. Mesmo não tendo mais representação do grupo no estado, sua ligação com o Acre está para além dos laços com sua família, estende-se aos seus companheiros da capoeira, alguns dos quais levou para participar de eventos do grupo Aruanda no exterior. Mestre Borracha, paralelamente com as atividades da capoeira, atua como professor na educação infantil de crianças de 0 a 5 anos.

Para o Mestre Borracha “capoeira é vida, capoeira é a vida, minha vida, é tudo. É minha felicidade. Permitiu que eu superasse uma realidade de dificuldades”.

## **MESTRE BRUTOS**

Saulo Roberto de Lima Moura, apelidado de “Brutos”, conheceu a capoeira por intermédio de seu irmão que treinava com Mestre Rodolfo, mas foi somente em 1993, aos 25 anos de idade, que iniciou efetivamente sua prática com o

Mestre Papagaia no ano de 1993, no bairro Aeroporto Velho, Club Samambaia, no grupo Capoeira Brasil.

Com a saída de Papagaia do grupo, passou a treinar diretamente com o Mestre Olho de Peixe, de quem recebeu suas graduações e iniciou sua trajetória na docência da capoeira, função que exerce há 19 anos, ministrando aulas em escolas com projetos sociais e em importantes academias de Rio Branco, como a Marco Academia e *Personal Training* Academia.

Brutos permaneceu sob a liderança de Olho de Peixe até por volta de 2008, passando pela transição do Capoeira Brasil para o Capoeiracre, grupo criado por seu mestre, mas, por questões pessoais, afastou-se da capoeira. Após esse período, estimulado por Mestre Falcão, voltou a ministrar aulas de capoeira, mas sob uma nova perspectiva, focada no viés de sua religião (evangélica). Participou da criação do grupo Afro-Ginga, em 2019, liderado por Mestre Falcão, de quem recebeu a corda de mestre de capoeira em abril de 2021.

Atualmente, Mestre Brutos reside no município do Bujari/AC e representa o grupo atuando em projetos sociais ligados à igreja evangélica, no movimento chamado Capoeiristas de Cristo.

Para Mestre Brutos, a capoeira é arte, liberdade, diversão, cultura, alegria, amizade, é conquista e liberdade. A capoeira representa aprendizagem de vida e conquistas.

## **MESTRE CABOQUINHO**

Ozéias da Silva Figueiredo nasceu em 04 de outubro de 1978. Apelidado de “Caboquinho”, afirma que iniciou a capoeira no final do ano de 1984, na Funbesa, com o Mestre Papagaia, no grupo Cativoiro do Mestre Rodolfo, onde per-

maneceu até o ano de 1988. No ano seguinte, foi para o grupo Capoeira Brasil do então professor Olho de Peixe, de quem recebeu sua primeira graduação na capoeira, no ano de 1990.

Caboquinho integrou o Capoeira Brasil até por volta de 2001, passando a integrar o grupo Candeias de Capoeira no ano seguinte. Para Mestre Caboquinho, suas principais referências na capoeira são os Mestres Papagaia, Olho de Peixe, Suíno, Borracha e Kim.

No ano de 2003, no Grupo de Capoeira Candeias, recebeu a corda azul de professor. Em 2004, após experiência com o ensino da capoeira no exterior, decidiu sair do Candeias e fundar seu próprio grupo de capoeira, o AcreBrasil, estabelecendo seu próprio sistema de graduação e filosofia, consagrando-se Contramestre. Sua formatura de mestre aconteceu em 2015 na presença de importantes capoeiristas e mestres que fazem parte de sua trajetória.

Mestre Caboquinho é licenciado em Educação Física, tem larga experiência com capoeira infantil e lidera um dos grupos de maior destaque atualmente no Acre, contando com núcleos na capital e no interior e em alguns países, como Colômbia, Equador, Peru e Japão. Em 2020, Mestre Caboquinho formou seu primeiro aluno como mestre de capoeira e hoje desenvolve um trabalho social na sede do grupo AcreBrasil juntamente com seu primeiro professor, Mestre Papagaia, mestre de honra do seu grupo.

Para Mestre Caboquinho "a capoeira é uma mistura, é uma atividade que une vários aspectos físicos, várias modalidades, artes marciais, culturais e esportivas, ela é uma atividade completa que trabalha os aspectos físicos, que ajuda com a questão mental, proporciona bem-estar, autoestima,

é uma atividade que possibilita vínculos na questão social. A capoeira te inclui, é um instrumento que ajuda a melhorar, ajuda a se manter vivo. Então, a capoeira, ela é uma atividade que promove vida como um todo”.

Em suas palavras Mestre Caboquinho afirma que “a capoeira representa tudo que eu sou, ela representa a minha vida, tudo o que eu sou hoje, o que eu tenho hoje, com a permissão de Deus, é através dela, de trabalhar com ela, então a capoeira pra mim representa a minha vida, realmente”.

## **MESTRE CAJU**

José Carlos Oliveira Cavalcante nasceu em 03 de julho de 1969. Mais conhecido como “Caju”, teve seu primeiro contato com a capoeira em 1983, na Funbesa, mas foi no final de dezembro de 1985, já no Sesc Centro, que ele deu seus primeiros passos na capoeira com o Mestre Rodolfo do grupo Cativeiro e de quem recebeu a primeira graduação.

Em 1988, os alunos remanescentes de Rodolfo reuniram-se para treinar no Club Rio Branco e, sob a liderança de Arlúcio e Tainha, retomaram as aulas de capoeira. Caju afirmou também que entre 1988 e 1990 treinou com Reginaldo em seu projeto de extensão de capoeira na Universidade Federal do Acre. Contudo, por volta de 1990, atendendo ao convite de Olho de Peixe, Caju fez algumas aulas, mas não se adaptou ao grupo Capoeira Brasil, sendo no grupo Abadá Capoeira que ele conseguiu se encaixar.

Pouco tempo depois, Caju foi estudar no Rio de Janeiro, onde passou a treinar no grupo Senzala com o professor Zumbi, indo, em seguida, treinar com Mestre Ramos da Senzala.

Ao retornar para o Acre, sem grupo ainda definido, Caju e seus alunos reencontram, em 1996, num batizado do grupo Capoeira Brasil seu primeiro Mestre, Rodolfo, que veio a falecer naquele mesmo ano. Mas o fato é que, a partir daquele evento, os alunos de Caju o pressionaram para também ter a possibilidade de serem batizados e, assim, também poderem crescer na hierarquia da capoeira. Esse momento foi decisivo para Caju, que se filiou ao grupo Maculelê, sob a liderança do então professor Xandão, de quem recebeu a corda de "liberto". Caju seguiu Xandão até o final de 1999 e, no ano seguinte, filia-se ao grupo Ingá Capoeira, ligando-se ao Mestre Lobão (SP), que apadrinhava o Ingá, recebendo a corda de professor.

Com a desvinculação de Mestre Lobão do grupo Ingá, Caju resolveu criar seu próprio grupo, mas mantendo a supervisão de Mestre Lobão, assim renomeou sua associação que passou a se chamar de Besouro Preto Mangangá.

Ainda no período do Ingá, Caju conheceu Mestre Jacaré, angoleiro formado por Mestre João Pequeno de Pastinha, que teve importante influência em sua trajetória, considerando-o supervisor local do seu grupo, enquanto Mestre Lobão o supervisionava de São Paulo.

Em virtude de dificuldades com a distância, Mestre Caju resolveu desvincular-se da supervisão de Mestre Lobão e fica ligado exclusivamente ao Mestre Jacaré, que o forma contramestre de capoeira em 2010.

Nesse ínterim, Caju participou da primeira diretoria da Liga Acreana de Capoeira (LAC), no início dos anos 2000. Mais tarde, foi um dos responsáveis pela reativação da Federação Acreana de Capoeira (FAC), criada no início da década de 1990 por Mestre Índio.



No ano de 2015, Caju foi formado mestre de capoeira por Mestre Maisena (CE) do grupo Pura Arte Capoeira, um conselheiro do seu grupo.

Atualmente, o grupo Besouro Preto Mangangá é um dos expoentes grupos de capoeira no Acre, tem vários graduados, instrutores, professores e contramestres e conta com núcleos em Rio Branco e no estado do Amazonas, Rondônia, Ceará e Rio Grande do Sul, com a perspectiva de abertura de outros núcleos no interior do Acre e em Portugal.

Sobre a capoeira, Mestre Caju afirma: “mudou minha concepção de vida, [...] a capoeira me ensinou a ter mais paz, a compreender mais ou outro, a trabalhar mais para o outro”. Destaca que o trabalho social com a capoeira vem mudando vidas e começou mudando a ele próprio. A capoeira “é cultura, esporte e lazer, a capoeira é vida, é estilo de vida”.

## **MESTRE CANCÃO**

Raimundo Ferreira dos Santos nasceu em 26 de agosto de 1979, chamado na capoeira por “Cancão”, iniciou na capoeira em 1991, no Mandalas Dancing Club, com o Mestre Papagaia, ainda no grupo Capoeira Brasil. Em 1993, passou pelo grupo Abadá Capoeira, para o qual seu professor havia migrado, no qual recebeu sua primeira graduação. Em 1995, já no grupo Senzala, recebeu a corda azul.

Em toda a sua trajetória na capoeira, teve somente dois mestres, o Mestre Papagaia e o Mestre Amendoim, este último de quem recebeu a corda vermelha no grupo Capoeira Senzala no ano de 2019. Mestre Cancão destaca que suas principais referências na capoeira local foram: Mestre Papagaia, Mestre Saci, Mestre Borracha, Mestre Brutos e Mestre Índio.

Em 1996, iniciou seu primeiro trabalho com capoeira como educador social no Movimento Nacional de Meninas e Meninos de Rua, através de uma entidade de formação e de acompanhamento sobre questões sociais relacionadas à criança e ao adolescente, através de projetos do Unicef. Ministrou aulas de capoeira em algumas academias de Rio Branco/AC e, atualmente, tem núcleos tanto na capital como no interior do Acre e nos estados de Rondônia e Amazonas, sendo um dos líderes do grupo Capoeira Senzala, um dos maiores grupos de capoeira no estado.

Para Mestre Cancão, a capoeira é um instrumento muito forte de inclusão social e na sua vida a capoeira representa verdade.

## **MESTRE ESTRANHO**

Audenis Lima dos Santos é conhecido na capoeira como "Estranho". Segundo ele, foi seu primo Wagner, na época aluno de Mestre Rodolfo, que o apresentou à capoeira, com quem deu seus primeiros passos por volta de 1984, ainda garotinho. Mas foi com Mestre Reginaldo, na região do 7º BEC, bairro Estação Experimental, que ele se firmou na prática. Chegou a treinar com Mestre Rodolfo, mas como não podia pagar as mensalidades voltou a treinar com Reginaldo.

No início da década de 1990, treinou um tempo com o Mestre Olho de Peixe do grupo Capoeira Brasil no Sesc. Por volta de 1993, filiou-se ao grupo Caravelas de Mestre Caravelas, que foi aluno de Mestre Osvaldo (GO), formado por Mestre Bimba, e liderou o grupo no estado por cerca de sete anos até que, por problemas de saúde de seu Mestre, acabou com o grupo. Contudo, Estranho salienta a grande

importância de Mestre Caravela em sua formação e da sua ligação com ele.

Estranho foi formado Mestre no grupo Raízes da Capoeira, por Mestre Sapo, grupo este com o qual Mestre Estranho desenvolve trabalhos no colégio João Calvino e supervisiona núcleos em outros estados. Salaria o orgulho de ter iniciado seu primo Arrepiado, hoje mestre de grande destaque na capoeira.

Mestre Estranho destaca ainda que seu trabalho de capoeira é como uma terapia e divide rotina de aulas de capoeira com seu ofício como segurança numa instituição financeira de Rio Branco.

Para o Mestre Estranho, a capoeira é uma filosofia de vida, na qual se aprende com os mais velhos e ensina para os mais novos, nem sempre sendo a idade o ponto principal, mas o tempo de atividade na arte. Para ele, a capoeira representa na sua vida o lazer, momento de aliviar o estresse do dia-dia, do trabalho e a maior recompensa pelo que faz na capoeira está no respeito que recebe dos seus alunos.

## **MESTRE FALCÃO**

Janosson da Silva Carvalho nasceu em 25 de agosto de 1974. É conhecido na capoeira acreana como “Falcão”, apelido proveniente dos vários saltos que realizava. Falcão é natural do município de Plácido de Castro/AC, mas foi no município de Rio Branco que consolidou toda sua trajetória.

Falcão teve o primeiro contato com a capoeira através da escola, quando, nos intervalos e recreios, alguns colegas desenvolviam brincadeiras com capoeira, mas foi somente a partir do convite de um amigo que Falcão teve a

oportunidade de conhecer a capoeira, iniciando a sua prática com as aulas ministradas por Reginaldo de Castela nos finais de semana, por volta de 1985, na escola Neutel Maia.

A princípio, as aulas desenvolvidas pelo professor Reginaldo de Castela faziam parte de um projeto de extensão da Universidade Federal do Acre (Ufac), situação que possibilitou desenvolver um trabalho voluntário com a capoeira na escola. Tal circunstância permitiu a Falcão ter a sua iniciação na capoeira, por um período aproximado de dois anos. No entanto, em virtude dos compromissos que Reginaldo tinha com a Ufac, os treinos nos finais de semana na escola se tornaram menos frequentes, fato que levou Falcão a procurar outro capoeirista da cidade, Adalcides, o “Tainha”, para continuar a prática da capoeira.

Dessa experiência, Falcão pôde desenvolver a capoeira, treinando com alguns professores, como Arlúcio, Papagaia e Roda, mas não chegando a receber nenhuma graduação, momento que só veio ser consagrado quando Falcão entrou no grupo Capoeira Brasil, sob a coordenação do então professor Olho de Peixe, chegando a receber até a graduação de instrutor, isto é, corda verde.

No início dos anos 2000, após dez anos no Capoeira Brasil, Falcão decidiu sair do grupo e ingressar no grupo Candeias de Capoeira, nele permanecendo até a graduação de contramestre. Em 2014, Falcão foi reconhecido mestre de capoeira no grupo Aruanda e, após um período, fundou sua própria escola de capoeira, o grupo Afro-Ginga, com atuação na capital e no interior do estado do Acre.

Por fim, Mestre Falcão frisa que, daqui a 50 anos, espera que “[...] as pessoas que praticam capoeira possam ter um olhar da capoeira como uma arte muito preciosa, por-

que a capoeira não é só uma arte para modelar o corpo, mas também é uma arte para transformar o cidadão, uma arte como terapia”.

## **MESTRE GEB**

Geben de Souza Alborta, mais conhecido como “Geb”, nasceu em 15 de março de 1978. Iniciou a capoeira em 1989, na academia de Judô do Delfino Júnior no município de Rio Branco/AC, com o Mestre Olho de Peixe.

Fez parte do grupo Capoeira Brasil de 1989 até 2004, quando recebeu sua primeira graduação como professor na capoeira. Foi um dos fundadores do grupo Capoeiracre, juntamente com seu Mestre Olho de Peixe, a quem seguiu até este parar, quando lhe passa a liderança do grupo.

Geb, juntamente com os professores remanescentes do Capoeiracre, decidiu mudar o nome do grupo para Capoeira Aruanda, no qual se formou contramestre em 2007. Em 2011, Geb resolveu sair do grupo Capoeira Aruanda e filia-se ao grupo Capoeira Nagô, de Mestre Pequinês (GO), de quem recebeu, no ano de 2019, a corda de mestre de capoeira.

Suas principais referências da capoeira são Mestre Olho de Peixe e Mestre Pequinês. Mestre Geb começou a dar aulas na associação de moradores do bairro Raimundo Melo e já deu aulas em diversas academias, sendo o trabalho mais importante e duradouro realizado em Senador Guiomard e na AABB de Rio Branco. Atualmente é licenciado em Educação Física e lidera o grupo Capoeira Nagô no Acre com núcleos em Senador Guiomard e na capital, onde realizou o sonho de construir sua própria Academia de Capoeira, sede local do grupo.

Para Mestre Geb, a capoeira é amor, é vida, é história, é música, é sentimento, emoção, carinho, é tudo isso e mais um pouco. Então, representa sua própria vida, seu amor. “Vivo dela e não sei fazer outra coisa a não ser, ser capoeirista”.

## MESTRE ÍNDIO

Paulo Ricardo Lima de Albuquerque nasceu em 07 de fevereiro de 1973. É conhecido como Mestre “Índio”, natural de Recife/PE. Afirma que iniciou a prática da capoeira em 1985, no grupo Chapéu de Couro, com o Mestre Quincas (PE), e que foi três vezes campeão brasileiro de capoeira nos Jogos Estudantis Brasileiro (JEBs), quando fez o primeiro contato com a delegação representante da Capoeira do Acre.

De acordo com Índio, no ano de 1988, veio morar em Rio Branco e se filiou ao grupo Abadá Capoeira, passando a ser uma das principais lideranças da capoeira no estado do Acre, responsável pela condução de alguns capoeiristas iniciados por Mestre Rodolfo e formação de muitos outros.

Na década de 1990, o grupo Abadá Capoeira e os alunos liderados por Mestre Índio, até então formado por Mestre Camisa como instrutor, era destaque no estado por importantes trabalhos junto a comunidades carentes, em especial, meninos em situação de rua.

O destaque de Índio na capoeira lhe oportunizou ir aos Estados Unidos ministrar aulas de capoeira, período em que saiu da Abadá e se filiou ao grupo Axé Capoeira, por intermédio de Mestre Itaboré, um dos fundadores do grupo em seu retorno à sua terra natal. No entanto, logo decidiu retornar ao Acre e resgatar seus alunos para dar sequência ao trabalho com o grupo Axé Capoeira.

Após os anos 2000, Mestre Índio mudou-se para o Canadá, desvinculou-se do Axé e decidiu criar seu próprio grupo, o Viva Capoeira. Porém, estimulado pelos lendários Mestres Preguiça e Di Mola, resolveu ir para o grupo Omolu Guanabara Capoeira, no qual recebeu a corda de mestre, isto é, a corda vermelha, pelas mãos de Mestre Preguiça, que considera como seu mestre, seu amigo e conselheiro.

Depois de cerca de 5 a 7 anos resolveu seguir seu trabalho próprio com o grupo que havia criado e, assim, seguiu trabalhando com o Viva Capoeira em Winnipeg/Canadá, onde leva um estilo de vida saudável, com alimentação a base de plantas, é praticante de ultramaratona e atua também na área de música com mixagem e na construção civil.

Para o Mestre Índio, a capoeira representa muito do que tem hoje de conhecimento, levando-o a conhecer diversas culturas nacionais e internacionais e, por meio das músicas e criações realizadas, permite que ele reviva cada parte vivida de sua história. E, como mensagem às futuras gerações, o mestre pede que haja respeito à diversidade presente na capoeira, pois é na diversidade que está sua beleza. Propõe, ainda, que as pessoas sejam sérias em todo o trabalho com a capoeira.

## **MESTRE MARQUINHO BRASIL**

Marco Antônio Brasil Cruz de Lima, conhecido como Mestre “Marquinho Brasil”, iniciou a capoeira em 1981, no Sesc Centro com o Mestre Rodolfo. Sua maior referência no início foi Mestre Carlão.

Em 1983, já morando em Brasília, recomeçou a Capoeira na Associação de Capoeira Novos Baianos, coordenada

pelo Mestre Chibata (DF), por quem foi formado professor em 1987, quando iniciou as primeiras aulas como professor de capoeira. Graduou-se contramestre no grupo Novos Baianos, sob a supervisão de Mestre Carlinhos, no dia 31 de janeiro de 2001. Em 2007, formou-se mestre no grupo Terra Brasil, grupo fundado por ele e seu irmão, Mestre Julinho Brasil, fundando também o grupo Ilha de Mar Grande, ambos na cidade de Pelotas/MG. Ministrou aulas de capoeira em escolas e em academias, dividindo essa atividade com a música.

Para Mestre Marquinho Brasil, “a capoeira é uma escola, é uma expressão de mistura, ela tem o perfil do Brasil, ela é de todos, ela é bem essa miscigenação que nós, brasileiros, vivemos desde o início da colonização. É a nossa referência de vida”. A capoeira “representa segurança para o futuro, para seus filhos e família”.

## **MESTRE MATRACA**

Ricardo Rodrigues da Silva, Mestre “Matraca”, iniciou a capoeira através de um projeto social em Londrina/PR, com o então professor Sete Linhas. Fez parte do grupo Maculelê, no qual alcançou a graduação de quilombola liberto com o Mestre Fran.

Em 1997, quando chegou no Acre, passou a treinar com Mestre Xandão, líder do Maculelê em Rio Branco, que o conduziu na capoeira desde então. Em 2002, junto com Xandão, vinculou-se ao grupo Cordão de Ouro, onde se formou mestre de capoeira, sempre sob a supervisão do seu Mestre Xandão.

Mestre Matraca destaca que suas principais referências na capoeira são: o professores Sete Linhas, Senzala, Pa-



deiro, Paulinho e os Mestres Fran, Biguidinho, Azulão, Eddy Murphy e Xandão.

Como expoente cantador e compositor de cantigas de capoeira, foi o primeiro a lançar um CD de capoeira no Acre, contando com dois projetos realizados e com o terceiro CD em construção. Mestre Matraca desenvolveu também trabalhos sociais com a prática da capoeira atendendo menores infratores, visando à ressocialização.

Para o Mestre Matraca a capoeira “é arte, é cultura, é educação, é vida, é filosofia, é dança, é luta, é diamante. Capoeira é um jeito diferente de se viver, é um jeito diferente de você enxergar o mundo”. Destaca que a capoeira representa “abaixo de Deus, tudo na vida, junto com a minha família”. “A capoeira é meu norte, é meu viver, é meu levantar”.

## **MESTRE MORENO**

Deusmar Dutra da Silva nasceu de fato em 12 outubro de 1968, mas no seu registro consta 22 de fevereiro de 1970. É conhecido como Mestre “Moreno”. Ele afirma que seu primeiro contato com a capoeira ocorreu em 1985, na sede campestre do Vasco da Gama, mas seu início na capoeira se deu no ano de 1987, em Rio Branco/AC, com o Mestre Rodolfo no Sesc. Anos mais tarde, foi para o grupo Capoeira Brasil, com o hoje Mestre Olho de Peixe, de quem recebeu sua primeira graduação em 1991, seguindo até o ano de 1999. No ano seguinte, em 2000, passou a integrar o grupo Arte-Rio, do Rio de Janeiro, sob a liderança de Mestre Fanho.

Em 2001, recebeu a graduação de professor na capoeira e, em 2003, foi formado contramestre. Em 2005, num evento integrado com a participação de vários grupos, foi

um dos primeiros mestres a se formar no Acre. Mesmo já desligado do grupo Arte-Rio, Mestre Fanho outorgou o título de mestre de capoeira a Moreno, que havia criado o grupo Mameluco no ano de 2003, um dos primeiros grupos genuinamente acreanos.

Atualmente, o trabalho do seu grupo está presente em alguns núcleos em Rio Branco e no interior. Mestre Moreno se destaca pelo pioneirismo no ensino de capoeira adaptada às pessoas idosas (capoeira recreativa); tem importante experiência com a capoeira para pessoas com deficiência, além de vários anos com projetos sociais voltados às crianças em situação de vulnerabilidade social. Em 2021, Mestre Moreno formou seus primeiros alunos como mestres de capoeira em seu grupo.

Para Mestre Moreno a capoeira é uma filosofia de vida e representa a expansão de conhecimento, de cultura, de prazer de viver e de transmitir cultura. Em sua mensagem às futuras gerações, enfatiza que todos devem estudar, pois “se estudar você vai ser um grande cidadão, um grande capoeirista e vai fazer a sua história!”.

## **MESTRE OLHO DE PEIXE**

Guilherme Henrique Caspary Ribeiro Filho nasceu em 12 de fevereiro de 1963. Conhecido como Mestre “Olho de Peixe”, iniciou a capoeira ainda garoto, com 13 anos de idade, com Mestre Paulinho Sabiá, na cidade de Niterói/RJ, no grupo Senzala. Após se mudar para a cidade do Rio de Janeiro para cursar a faculdade de nutrição, passou a treinar com Mestre Boneco, também da Senzala, e juntos fundaram, em 1989, o grupo Capoeira Brasil.

Olho de Peixe chegou ao Acre em 1989 para trabalhar como nutricionista, mas passou a conciliar seu trabalho com o ensino da capoeira na cidade de Rio Branco/AC, em 1990, acolhendo alguns alunos iniciados por Mestre Rodolfo e iniciando outros tantos.

Suas aulas começaram na academia de Judô do Delfino Júnior, depois na antiga Corpo Academia e no Sesc, principais locais a partir dos quais fez expandir o grupo Capoeira Brasil até o interior do Acre e para o exterior.

Olho de Peixe foi a liderança de um dos maiores grupos de capoeira no Acre, na década de 1990, e protagonizou grandiosos eventos com esse grupo, chegando à graduação de contramestre de capoeira.

Em meados dos anos 2000, resolveu sair do grupo Capoeira Brasil e, juntamente com seus alunos mais graduados, fundou o Capoeiracre, momento em que ocorreu sua formatura como mestre de capoeira. Pouco tempo depois, no ano de 2007, Mestre Olho de Peixe resolveu deixar a liderança do seu grupo e passou a se dedicar integralmente às atividades profissionais, fato que o levou a cursar medicina.

Mesmo dizendo estar “aposentado”, o mestre sempre recebe inúmeros convites para participar de eventos de capoeira e tem consciência do seu legado na formação de grande parte das principais lideranças da capoeira do Acre atual.

Mestre Olho de Peixe afirma que a capoeira é um estilo de vida e representa um legado tanto do ponto de vista da sua contribuição pessoal com a história da capoeira acreana, como da perspectiva de sua vida pessoal como a saúde, a conquista da sua primeira faculdade, custeada por bolsa decorrente da capoeira, até a formação de sua família. E, como mensagem para a formação das futuras gerações dos

próximos 50 anos, o mestre defende que os capoeiristas trabalhem o lado da educação com os novos capoeiristas, pois acredita que é a única forma de melhorar a sociedade.

## **MESTRE PAPAGAIA**

Antonio Domingos nasceu em 1966 e é mais conhecido como Mestre "Papagaia". Iniciou a capoeira em 1983 com Mestre Rodolfo, grupo Cativoeiro, no Sesc Centro, através do seu cunhado Salomão. Naquele mesmo ano, recebeu o nome de Papagaia - pois era como a cobra esperta que ras-teja ligeiro - e sua primeira graduação.

Papagaia foi responsável pela iniciação de uma verdadeira legião de capoeiristas no Acre. Podemos dizer que grande parte dos capoeiristas do Acre ou foi aluno de Mestre Papagaia, ou foi seu parceiro de treino, nos grupos em que ele esteve.

Na década de 1980, Papagaia foi um dos alunos de destaque de Mestre Rodolfo e, no início da década de 1990, passou pelo grupos Capoeira Brasil e Abadá Capoeira, trazendo para o Acre o grupo Senzala, inicialmente vinculado a Mestre Peixinho (RJ) e depois Mestre Amendoim (DF), permanecendo até meados dos anos 1990, quando passou pelos grupos Mareja e Guanabara.

No início dos anos 1990, o então professor Papagaia integrou um grupo restrito de capoeiristas que foram contratados para atuar como professores de capoeira da rede estadual de ensino no único concurso que houve para esta finalidade no estado. O Mestre Papagaia está em vias de se aposentar.

Já nos anos 2000, Papagaia se filiou ao Núcleo Abae-té da Rede Anca Capoeira, liderado por Mestre Franja (SP), no qual se formou mestrando e mestre de capoeira. Contu-

do, mais uma vez decidiu sair do Abaeté e criou seu próprio grupo, o Lecô Capoeira, mas, atendendo o convite de Mestre Caboquinho, seu antigo aluno na década de 1980, Mestre Papagaia passou a integrar o grupo AcreBrasil, figurando como mestre de honra.

Mestre Papagaia destaca com muito orgulho que é, atualmente, estudante do curso de graduação em licenciatura em Educação Física e que deseja crescer muito a partir dessa formação.

## **MESTRE PAVÃO**

Francisco Nogueira de Queiroz nasceu em 10 de junho de 1974. Mestre “Pavão” iniciou a capoeira em julho do ano de 1993, na escola Serafim Salgado em Rio Branco/AC com o Mestre Papagaia. Em agosto do mesmo ano teve seu primeiro batizado no Colégio Meta, antigo Colégio dos Padres, onde recebeu a corda amarela no grupo Abadá Capoeira, sendo batizado pelo professor Tainha.

Ao longo de sua trajetória na capoeira, Pavão teve apenas um professor e um mestre, Papagaia (grupo Senzala) e Amendoim (DF), respectivamente, este último sua principal referência, a quem segue até hoje. Com a saída de Papagaia do grupo Senzala em 1995, Pavão junto com seu parceiro, hoje Mestre Cancão, assumiram a responsabilidade do grupo Senzala no estado do Acre, supervisionados diretamente por Amendoim. No ano de 2004, recebeu a graduação de professor; em 2010, formou-se contramestre; e, em 2014, recebeu a corda de contramestre de segundo grau. Seu coroamento como mestre de capoeira ocorreu no ano de 2019 pelas mãos do Mestre Amendoim.

Embora precoce, sua primeira experiência ensinando capoeira ocorreu por meio do projeto esporte e lazer, em 1994, mas seu primeiro trabalho efetivo com capoeira em espaço fixo foi no antigo Bar União, no bairro Floresta em 1995. Atualmente, mantém seu trabalho no grupo Capoeira Senzala, tendo vários núcleos sob sua supervisão em Rio Branco e nos municípios do Acre, além de outros estados como Rondônia, Amazonas e Paraná.

Para Mestre Pavão a capoeira é tudo em sua vida e representa a sua família.

## **MESTRE RAMOS**

Raimundo Ramos Soares, conhecido por Mestre “Ramos”, nascido em 19 de novembro de 1962, em Xapuri/AC, aos 12 anos se mudou para a capital acreana. Iniciou na capoeira em 1977, através de uma vivência informal com um capoeirista chamado Juscelino, filho do Dr. Barral, importante médico de Rio Branco, em um centro comunitário no bairro Abraão Alab.

Mestre Ramos destaca que aquela vivência foi curta, mas no mesmo ano encontrou a capoeira, quando assistia aos baianos que vieram trabalhar na construção da ponte sobre o rio Acre e passou a ter aulas, ainda de maneira informal, com o Baiano, um dos trabalhadores capoeiristas que passavam o que sabia aos demais que ali chegavam.

Ramos afirma que por volta de 1979 começou a dar aulas de capoeira na Funbesa, no projeto Progente, ainda sem uma formação/graduação. Já na década de 1980, passou a integrar o trabalho do grupo Cativeiro com Mestre Rodolfo, no Sesc Centro, onde já havia uma organização e

possuía maior vivência da capoeira na cidade. Porém, logo deixou Rio Branco e passou a morar em Pimenta Bueno/RO.

Em Rondônia, passou a fazer parte do grupo Senzala, juntamente com o hoje Mestre Cleon (RO), liderados por Mestre Amendoim (DF). Devido à distância, fundou o grupo Abrace Capoeira, em 2009, em Pimenta Bueno/RO, e se formou mestre de capoeira no ano de 2013, por Mestre Passarinho (GO).

Seu grupo está sediado na Casa de Cultura Somar, que é a inversão do nome Ramos, na qual desenvolve a atividade como Artesão e ministra aulas de capoeira, espalhando o trabalho e filosofia do grupo em 12 cidades de Rondônia.

Para Mestre Ramos, “a capoeira é um conjunto de valores, que contribuem para a formação familiar, como atleta e tem o poder de interagir e integrar os povos”.

## **MESTRE SACI**

Antônio Barbosa da Silva ou “Saci”, como é mais conhecido, teve seu primeiro contato com a capoeira por volta de 1984, no bairro Sobral, em Rio Branco, no fundo do quintal da casa do amigo Aberrê, que treinava com um aluno do Mestre Xoroquinho (RO), no extinto grupo Barra Vento. Em 1985, iniciou-se de fato na capoeira com o professor Dendê, aluno do saudoso Mestre Rodolfo, o baluarte da capoeira no Acre. Contudo, foi com o então professor Olho de Peixe que recebeu a primeira corda, aos 16 anos, no grupo Capoeira Brasil. Como as aulas de Olho de Peixe aconteciam no Sesc e por não ter condições de pagar a mensalidade, Saci e outros “furavam a entrada” (pulavam o muro) e seu professor fazia “vista grossa” de modo que ele pudesse praticar os treinos.

Em 1993, Mestre Saci começou a ministrar aulas de capoeira no projeto “Pratique Esporte em seu bairro”. Em 1994, assumiu aulas em vários lugares, como Assemurb, no Carlota Danzicourt (com atendimento a menores infratores) e em núcleos nos bairros Triângulo Novo, Tropical e no seu bairro, Santa Inês, onde atua até hoje. Iniciou, também, um trabalho em Senador Guimard e no Bujari.

Mais tarde, por volta de 1997, Saci assumiu o grupo no Sesc Bosque deixado por Mestre Borracha quando da sua mudança para a Austrália. Ali desenvolveu um enorme trabalho, forjando várias gerações de capoeiristas.

Em 2000, Saci recebeu a corda roxa de professor de capoeira no grupo Capoeira Brasil, tornando-se uma das principais referências do grupo no Acre. No ano de 2001, Saci resolveu sair do Capoeira Brasil e se filiou ao grupo Candeias no ano seguinte, sob a liderança de Mestre Suíno (GO).

Em 2006, durante o Candeias Open Internacional, em Goiânia, Saci recebeu a corda de contramestre de primeiro grau e, em 2009, durante o evento anual do grupo no Acre, de surpresa, recebeu a corda de contramestre de segundo grau das mãos do Mestre Suíno.

Saci foi o primeiro de sua família a conquistar o nível superior em 2014, quando se formou em Licenciatura em Educação Física, e foi no Candeias Open Internacional de 2015 que Saci foi coroado como mestre de capoeira no grupo Candeias, recebendo a honraria e o título através das mãos de vários mestres presentes.

Através da capoeira, Mestre Saci pôde conhecer vários estados, no Brasil, e, no exterior, conheceu Peru, Equador, Bolívia e a Alemanha. Atualmente Mestre Saci é o único líder do Candeias no Acre que tem quatro núcleos na capital.



Para Mestre Saci, “exercitando a disciplina e o respeito através de valores morais e éticos com a capoeira é possível mudar o ser humano para melhor!”.

## **MESTRE SAPO**

Luiz Carlos Souza Figueiredo nasceu em 03 de dezembro de 1971 e é conhecido como “Sapo”. Iniciou a capoeira aos 13 anos de idade, em 1984, no projeto social da Funbesa, em Rio Branco/AC, com o professor Zé Carlos, chamado Marimbondo, aluno do Mestre Rodolfo.

Sapo fez parte do grupo Capoeira Brasil, com o professor Moreno, liderado por Olho de Peixe, e iniciou sua formação em 1991, ficando até o ano de 2000. De 2001 a 2006, ainda acompanhando o professor Moreno, fez parte do grupo Arte-Rio, do Mestre Fanho. No ano seguinte, foi para o grupo criado por Moreno, o Capoeira Mameluco, ficando até o ano de 2013, ano em que recebeu a graduação de contramestre de Mestre Xandão, que passou a ser um padrinho do grupo que criara, o grupo Raízes da Capoeira. No ano de 2015, recebeu de Mestre Xandão a corda de Mestre de capoeira.

Suas principais referências na capoeira são: Marimbondo, Marrom, Ozório e os Mestres Moreno, Papagaia, Xandão e Olho de Peixe. Desenvolve um trabalho social no bairro Calafate desde 2005 e é a principal liderança de seu grupo.

Para Mestre Sapo, “a capoeira é um estilo de vida, é dança, luta. A capoeira é tudo que a gente come, que o capoeirista come; a capoeira é uma junção muito grande de valores”. Destaca que na sua vida, a capoeira representa o ar que respira.

## MESTRE XANDÃO

Francisco Alexandre Silva de Almeida nasceu em 16 de junho de 1971. Mestre “Xandão”, como é conhecido, é uma das grandes referências da capoeira no estado do Acre. Xandão é natural de Rio Branco/AC, mas durante parte de sua adolescência residiu na cidade de Campo Grande/MS para concluir os estudos na educação básica, período que coincidiu com o início da prática da capoeira, mas também com o serviço militar, logo após a conclusão do ensino médio.

No período que esteve morando em Campo Grande/MS, próximo à escola onde Xandão estudava, existia uma academia de capoeira que logo chamou sua atenção. Ao procurar informações, descobriu que se tratava da academia de Mestre Mato Grosso (MS), formado de Mestre Bradesco (SP), liderança do grupo Conceição da Praia de Capoeira naquela cidade. Logo fez a matrícula nas aulas, iniciando, assim, toda a sua jornada como capoeirista, permanecendo no grupo até a sua formatura como professor de capoeira, em 1991.

Ao concluir os estudos e o serviço militar em Campo Grande/MS, Xandão regressou para o Acre no ano de 1991, mas, dessa vez, como professor de capoeira. Logo iniciou um trabalho muito importante com a capoeira no condomínio Monterrey, local onde morava uma tia, chegando até mesmo a realizar um batizado do grupo Conceição da Praia, em 1992. No entanto, o período que esteve morando em Mato Grosso Sul permitiu conhecer muitos capoeiristas, entre eles, Mestre Fran (PR), irmão de capoeira de Mestre Mato Grosso (MS), por quem Xandão nutriu uma grande amizade e vínculo, sobretudo, com a fundação do grupo Maculelê Capoeira em meados de 1994, do qual fez parte até o início de 2001.

Após a experiência junto ao grupo Conceição da Praia, em seguida o grupo Maculelê Capoeira vinculou-se ao grupo Cordão de Ouro, sob supervisão de Mestre Suassuna (SP), em meados de 2002. Em 2004, Xandão foi reconhecido como mestre de capoeira em Ilhéus/BA. Entretanto, só passou a usar a graduação de mestre, após um grande evento realizado no Acre no ano de 2005, pela Liga Acreana de Capoeira, durante o qual foi consagrado como mestre diante da sociedade acreana.

Portanto, é nessa direção que Mestre Xandão analisa o futuro da capoeira no Acre, enfatizando que “[...] gostaria que a capoeira do Acre pudesse estar unida, que a capoeira do Acre pudesse estar junta na mesma roda, na mesma mesa, respeitando as suas diferenças, respeitando as suas escolas, respeitando os seus rituais que são diferentes [...] Se a gente estiver fazendo uma roda sem problemas daqui 50 anos com todos os grupos juntos, como a gente já fez, de onde eu estiver, vou estar feliz”.

## **PROFESSOR JANAÚ**

Antônio Francisco Campos do Nascimento é conhecido na capoeira do Acre como “Janaú”, apelido este oriundo de uma espécie de animal valente, bastante conhecido nos antigos seringais do estado do Acre.

O primeiro contato de Janaú com a capoeira ocorreu durante uma roda organizada por Mestre Rodolfo, na praça da Catedral de Rio Branco/AC, no início da década de 1980, circunstância que logo chamou muita atenção.

O fascínio provocado pela roda levou Janaú a buscar informações sobre as atividades de capoeira desenvolvidas no Sesc Centro, coordenadas por Mestre Rodolfo, por volta de

1983. Para tanto, o interesse em conhecer capoeira coincidiu com o gosto de Janaú por artes marciais, motivo que o levou a praticar aulas de capoeira.

Após um tempo treinando capoeira, Janaú recebeu as suas primeiras graduações, chegando a receber a corda de graduado, por sua vez, configurando entre o grupo seleta de capoeiristas graduados do grupo Cativoiro no Acre, o qual tinha Mestre Rodolfo como líder.

No decorrer dos anos 1990, Janaú, junto com outros amigos, passou a integrar o grupo Abadá Capoeira, na coordenação do professor Índio, momento que possibilitou a Janaú contribuir com o cenário da capoeira em Rio Branco, ministrando aulas de capoeira em alguns projetos sociais e principalmente em escolas públicas.

Atualmente, Janaú não pratica mais capoeira por questões de saúde, mas carrega na memória e experiência uma grande admiração pela arte e acredita que as novas gerações “[...] possam dar mais valor para capoeira, como um esporte de grande progresso, assim como em outros esportes”.

## **PROFESSOR SUCURI**

Ronildo Nascimento da Silva, popularmente conhecido por “Sucuri”, na década de 1980 já era apaixonado por artes marciais, especialmente o boxe, e era praticante de fisiculturismo. Seu primeiro contato com a capoeira foi através de revistas que adquirira com orientações de exercícios de fisiculturismo e de lutas.

Segundo Sucuri, foi por meio dessas revistas que conheceu o Mestre Camisa (RJ) e o Mestre Miguel (SP). Por volta de 1983, ficou sabendo que Mestre Rodolfo, formado

de Mestre Miguel, do grupo Cativeiro, estava em Rio Branco e resolveu assistir a uma aula, passando a integrar o grupo. Em 1985, Rodolfo o encaminhou para se aperfeiçoar na capoeira com importantes mestres de renome como Camisa e Caio (RJ) e Capixaba (ES), ficando meses nessa viagem de formação, retornando ao Acre com muito entusiasmo para dar continuidade aos seus aprendizados com seu mestre.

Sua principal dificuldade era conciliar trabalho, estudo e a prática dos esportes que gostava: capoeira, boxe, fisiculturismo. Das suas lembranças, destaca que quando estava na fazenda, logo que encerrava o serviço, começava a fazer os movimentos da capoeira como forma de treino, mas tudo era muito rústico.

De grande porte físico e forte inclinação ao aspecto da luta, Sucuri se destacava entre os capoeiristas da época em meados dos anos 1980, no grupo Cativeiro, no qual chegou a receber duas graduações. Ele salienta que, dentre os capoeiristas do grupo, lembra de Marrom, Dendê, Janaú, Papagaia, Arlúcio, Marimbondo, Salomão e Quinta-feira.

Devido a seu ímpeto na juventude, Sucuri acabou se desentendendo com Mestre Rodolfo, em virtude de ter afrontado um dos mestres que veio ao Acre para o batizado, o que causou certa confusão e grande constrangimento para todos, durante o evento, especialmente para si, pois, ele receberia sua terceira graduação, e contava com a presença de seus familiares. Após o rompimento com mestre Rodolfo, Sucuri afirma que logo soube da notícia da sua prisão juntamente com o mestre com o qual havia tido a contenda na roda do evento.

Afastado da capoeira, Sucuri se voltou mais para o boxe, passando um tempo em São Paulo, até que, ao retornar para Rio Branco/AC por volta de 1990, encontrou o então

professor Olho de Peixe, com quem passou a treinar no Grupo Capoeira Brasil.

Nesse grupo, Sucuri, juntamente com Borracha e Saci, chegaram à corda roxa, de professor, a mais alta graduação conferida aos alunos de Olho de Peixe em 2000.

Sobre sua trajetória, Sucuri afirma que teve somente dois mestres de capoeira, Rodolfo e Olho de Peixe, e afirma que um dos momentos mais marcantes foi ter construído uma academia de capoeira onde dava aula para uma turma de cerca de 40 alunos, sendo que metade destes não podia pagar mensalidades e, mesmo assim, ele os deixava treinar.

Contudo, a academia lhe exigia dedicação de tempo, ao passo que não garantia o sustento e o conforto que buscava para sua família, o que o fez desistir do seu projeto. Mas ressalta, com orgulho, que hoje aqueles “moleques” para quem ele ensinou a capoeira são pessoas de bem e ocupam espaço de prestígio na sociedade.

Por volta do ano de 2003, Sucuri afirma ter encerrado sua trajetória na capoeira, mas a carrega em sua mente e em seu coração, e deixa a seguinte mensagem às futuras gerações: “que através da capoeira vocês se tornem um bom amigo, um bom cidadão, um bom marido, um bom pai de família. Que a capoeira seja um instrumento só para somar, para ajudar no desenvolvimento para o resto da vida, foi assim que eu fiz”.

## **PROFESSOR URUBU**

Franklin Augusto Araújo dos Santos ou “Urubu”, como é conhecido, afirma que teve seu primeiro contato com a capoeira por volta de 1982, observando as aulas do Mestre

Rodolfo no Sesc, onde seu pai, para não lhe deixar ir para rua soltar papagaio, levou-o para ver a capoeira.

De acordo com Urubu, foi em 1989, com Mestre Índio, que iniciou firme na arte-luta no grupo Abadá Capoeira, único grupo que fez parte em toda a sua trajetória na capoeira e que ainda continua fazendo parte como uma das lideranças no estado do Acre, estando diretamente ligado ao presidente da Abadá Capoeira, Mestre Camisa (RJ).

Com mais de 30 anos de capoeira, Urubu recebeu, em 2021, diretamente de seu mestre, a corda de professor e, segundo ele, está em vias de ser reconhecido como mestre da escola Abadá Capoeira, embora grande parte da comunidade local já o reconhecesse como mestre.

Para o professor Urubu, a capoeira “é uma arte, é uma luta, é uma dança, é folclore, é artesanal, é musicalidade, ela é múltipla”. Na sua vida, a capoeira possibilitou uma transformação, permitindo conhecer novas pessoas, novas culturas, costumes e lhe deu uma nova oportunidade, afastando-o de situações de risco, até mesmo de morte.

## **PROFESSOR VERDINHO**

Julielmo de Aguiar Correa, o professor “Verdinho”, iniciou na prática da capoeira em 1989, na cidade de Rio Branco/AC, com Mestre Olho de Peixe, no grupo Capoeira Brasil, na academia de Judô de Delfino Júnior, cujas aulas, em seguida, passaram para o Sesc.

Verdinho protagonizou importantes feitos na capoeira e foi um dos primeiros a representar a arte em desafios de vale-tudo contra oponentes de outra luta, consagrando-se vencedor do combate em meados dos anos 1990.

Por volta do ano de 1998, Verdinho recebeu a corda verde no Capoeira Brasil e, por volta do ano 2000, deixou o grupo e a liderança de Olho de Peixe, passando a integrar, juntamente com então professor Moreno, o grupo Arte-Rio de Mestre Fanho (RJ), no qual passou a ter o trabalho liderado por Moreno. Alguns anos depois, sairia do Arte-Rio e fundaria seu próprio grupo, o Mameluco Capoeira, no qual, em 2007, recebeu a corda de professor e, em 2018, foi agraciado por Mestre Moreno com corda vinho e marrom, de segundo grau.

Professor Verdinho é Engenheiro Agrônomo pela Ufac, tem mestrado em Educação Agrícola (UFRRJ), Tecnólogo em Gestão Pública (Unopar) e é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (Ifac), *Campus* Xapuri, onde desenvolve, sempre que possível, o trabalho com a capoeira por meio de projetos de extensão.

Nas palavras do professor Verdinho, como diz a letra de uma música, “Capoeira é uma arte, capoeira é uma luta, capoeira é um balé, lá vindo da minha Bahia”. A forma como ele entende a capoeira representa uma filosofia de vida e uma atmosfera cheia de magia, criada por meio da musicalidade. A capoeira na vida de Verdinho contribuiu para sua formação e o fez aprender a lidar com o medo e a superá-lo, controlar suas emoções e seguir o caminho do bem, além de ter despertado o lado da docência em sua vida.

## **REGINALDO**

Reginaldo Fernando Ferreira de Castela, a partir de influências de seu irmão, Ivan de Castela, iniciou a capoeira no início da década de 1980, no município de Rio Branco/AC, com o Mestre Rodolfo. Teve, como influência, principalmente,



a capoeira Angola, de Pastinha e tantos outros, também de Bimba e toda a capoeira regional. Mas sua principal referência foi o Mestre Rodolfo.

Mestre Reginaldo, como é reconhecido por seus ex-alunos, é citado como um capoeirista que, ainda nos anos 1980, com um projeto de extensão pela Universidade Federal do Acre ensina capoeira na escola de educação básica Neutel Maia e inicia importantes gerações de capoeiristas que se destacam como lideranças da capoeira atualmente.

Para Reginaldo, a capoeira é jogo da vida e parte da história do povo brasileiro e, na sua vida, a capoeira representa as inúmeras possibilidades criativas do povo e de outros povos, caudal enorme de possibilidades, alegrias e tristezas.

## TUCUM

Sílvio Francisco Lima Margarido, apelidado na capoeira por “Tucum”, protagonizou um importante momento na capoeira acreana. Ele, juntamente com uma turma da Ufac ligada às artes e com a colaboração de pessoas que tiveram alguma prática da capoeira, realizou uma apresentação de capoeira por volta de novembro do ano de 1979.

Durante a realização da referida roda de capoeira, um homem até então desconhecido pede a Tucum para jogar e faz uma belíssima apresentação. No final, o desconhecido parabenizou os organizadores daquele evento e anunciou que era mestre de capoeira recém-chegado ao Acre, convidou todos para fazer parte do seu grupo de capoeira que iria ser implantado na cidade. Trata-se de Mestre Rodolfo!

Tucum afirma ter sido o primeiro aluno do mestre que revolucionaria a capoeira do Acre e seu início se deu no

Teatro Horta, local onde o grupo ficou por volta de um semestre até se firmar no Sesc, localizado no centro da cidade.

Devido à sua relação com a musicalidade, Tucum era um dos destacados tocadores de Mestre Rodolfo, com quem aprendeu efetivamente a tocar berimbau, permaneceu praticando capoeira por um tempo e participou dos eventos realizados por Mestre Rodolfo, seu único mestre, mas acabou se dedicando mais à música, indo às rodas e eventos sempre por sua conexão com a musicalidade da capoeira e pelo respeito e admiração ao mestre.

Para Sílvio, a capoeira é um movimento muito importante para a cultura, é uma escola de arte, de companheirismo e de respeito e esses são valores que ele leva na sua vida a partir da capoeira.

## REFERÊNCIAS

ALBORTA, Geben de Souza (Geb). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Mara Rikelma da Costa Silva via *Google Meet* em 14 de julho de 2022.

ALBUQUERQUE, Paulo Ricardo Lima de (Índio). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Cledir de Araújo Amaral via *Google Meet* em 26 de junho de 2021.

ALMEIDA, Francisco Alexandre Silva de (Xandão). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Cledir de Araújo Amaral via *Google Meet* em 17 de julho de 2021.

AMORIM, Adalcides Adalci Nunes de (Tainha). **Pesquisa documental e produção de conteúdo digital visando apoiar ações de salvaguarda da capoeira no Acre.** Vídeo produzido pela Federação Acreana de Capoeira. Rio Branco/AC: Iphan, 2021.

AMORIM, José Cleidimar Brito de (Borracha). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Alcilene Oliveira Alves 13 de agosto de 2021.

CÂMARA, Fernando França (Fernandão). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Adamo Gabriel Lopes de Souza via *Google Meet* em 06 de junho de 2021.

CARVALHO, Janosson da Silva (Falcão). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Alcilene Oliveira Alves em 22 de agosto de 2021.

CASTELA, Ivan Ferreira de (Curumim). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida a Adamo Gabriel Lopes de Souza via *Google Meet* em 20 de novembro de 2021.

CASTELA, Reginaldo Fernando Ferreira de. **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Cledir de Araújo Amaral via *E-mail* em 05 de novembro 2021.

CASTRO, Francisco Fontes de (Marrom). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida a Adamo Gabriel Lopes de Souza via *Google Meet* em 29 de maio de 2021.

CAVALCANTE, José Carlos Oliveira (Caju). **Pesquisa documental e produção de conteúdo digital visando apoiar ações de salvaguarda da capoeira no Acre.** Vídeo produzido pela Federação Acreana de Capoeira. Rio Branco/AC: Iphan, 2021.

CORREA, Juliélmo de Aguiar (Verdinho). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Mara Rikelma da Costa Silva via *Google Meet* em 05 de julho de 2021.

DOMINGOS, Antonio (Papagaia). **Pesquisa documental e produção de conteúdo digital visando apoiar ações de salvaguarda da capoeira no Acre.** Vídeo produzido pela Federação Acreana de Capoeira. Rio Branco/AC: Iphan, 2021.

FIGUEIREDO, Luiz Carlos Souza (Sapo). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Alcilene Oliveira Alves em 10 de julho de 2021.

FIGUEIREDO, Ozéias da Silva (Caboquinho). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Adamo Gabriel Lopes de Souza em 22 de julho de 2022.

GOUVEIA, Carlos Alberto Aguiar (Alemão). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida a Adamo Gabriel Lopes de Souza via *Google Meet* em 14 de setembro de 2021.

LEODEGÁRIO, Everton Silva (Arrepiado). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Mara Rikelma da Costa Silva via *Google Meet* nos dias 06 e 29 de julho de 2021.

LIMA, Marco Antônio Brasil Cruz de (Marquinho). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Lopes de Souza via *Google Meet* em 18 de agosto de 2021.

MARGARIDO, Sílvio Francisco Lima (Tucum). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Adamo Gabriel Lopes de Souza via *Google Meet* em 02 de junho 2021.

MOURA, Saulo Roberto de Lima (Brutos). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Alcilene Oliveira Alves via *Google Meet* em 30 de junho de 2021.

NASCIMENTO, Antônio Francisco Campos do (Janaú). **Pesquisa documental e produção de conteúdo digital visando apoiar ações de salvaguarda da capoeira no Acre.** Vídeo produzido pela Federação Acreana de Capoeira. Rio Branco/AC: Iphan, 2021.

OLIVEIRA, Sebastião Paulo de Paiva (Cebolinha). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Mara Rikelma da Costa Silva via *Google Meet* nos dias 07 e 09 de julho de 2021.

QUEIROZ, Francisco Nogueira de (Pavão). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida a Adamo Gabriel Lopes de Souza via *Google Meet* em 28 de maio de 2021.

RIBEIRO FILHO, Guilherme Henrique Caspary (Olho de Peixe). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida a Adamo Gabriel Lopes de Souza via *Google Meet* em 13 de junho de 2021.

SANTOS, Audenis Lima dos (Estranho). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Alcilene Oliveira Alves em 15 de julho de 2021.

SANTOS, Franklin Augusto Araújo dos (Urubu). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Alcilene Oliveira Alves em 13 de setembro de 2021.

SANTOS, Luiz Rodomilson dos (Roda). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Ane Kelly Severino Salvino via *Google Meet* em 03 de julho de 2021.

SANTOS, Raimundo Ferreira dos (Cancão). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Adamo Gabriel Lopes de Souza via *Google Meet* em 03 de junho de 2021.

SILVA, Antonio Barbosa da (Saci). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Alcilene Oliveira Alves em 12 de julho de 2021.

SILVA, Deusmar Dutra da (Moreno). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Cledir de Araújo Amaral em 25 de maio de 2021.

SILVA, Ricardo Rodrigues da (Matraca). **Pesquisa documental e produção de conteúdo digital visando apoiar ações de salvaguarda da capoeira no Acre**

Vídeo produzido pela Federação Acreana de Capoeira. Rio Branco/AC: Iphan, 2021.

SILVA, Ronildo Nascimento da (Sucuri). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Cledir de Araújo Amaral em 06 de agosto de 2021.

SOARES, Raimundo Ramos (Ramos). **Pesquisa histórica e etnográfica da capoeira e mapeamento dos mestres, grupos e praticantes de capoeira do estado do Acre.** Entrevista concedida à Mara Rikelma da Costa Silva via *Google Meet* em 12 de julho de 2021.

## Capítulo 5

---

### IÊ, VAMO SIMBORA CAMARÁ: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cledir de Araújo Amaral  
Ádamo Gabriel Lopes de Souza  
Alcilene Oliveira Alves  
Maria Cristina Lobregat

A fim de percorrer as trilhas e experiências da capoeira nas terras do Aquiry, dedicamos esforços no sentido de compor um mosaico dos principais acontecimentos históricos acerca da capoeira acreana. Para tanto, a potência de toda essa trajetória histórica encontra-se assentada na clivagem cultural dos capoeiristas acreanos, principalmente, no conjunto de memórias e representações socioculturais para o qual os contributos das fontes históricas, como jornais impressos, trabalhos acadêmicos e relatos permitiram nos aproximar do lampejo da lembrança coletiva.

No entanto, não preconizamos a premissa de temática encerrada sobre a capoeira no Acre. Tal pretensão foge do horizonte analítico, embora possamos arriscar em dizer que este é um dos primeiros trabalhos de fôlego acerca da capoeira acreana, posto o conjunto de informações, dados e entrevistas que conseguimos realizar. Acreditamos que a culminância deste trabalho seja o ponto de partida para outros estudos e pesquisas, cujo momento político, social e histórico impulse outras indagações acerca da capoeira e lance a centelha necessária ao passado.

O percurso historiográfico nos permitiu identificar potenciais vestígios da capoeira no Acre com a presença de pessoas enquadradas como “vadios e capoeiras” no final do sé-

culo XIX. Mas é no final do século seguinte que identificamos o “início do jogo” demarcado como um período singular que possibilitou o desenvolvimento da capoeira no estado a partir dos “Baianos”, que vieram construir a ponte nova, até o legado de Mestre Rodolfo na década de 1980. Chegando ao tempo da consolidação da capoeiragem no Acre, a partir dos grupos Cativeiro, Capoeira Brasil, Conceição da Praia e Abadá Capoeira, os quais expandiram a prática da capoeira num processo de interiorização e democratização de sua prática através de projetos sociais e de ocupação de espaços escolares, percebemos o aparecimento de novos grupos que nos permitem afirmar que “no Acre a roda é boa” a partir dos anos 1990.

Especificamente quanto à abordagem do estudo sobre a dimensão etnográfica, salientamos que, em virtude da pandemia de Covid-19, as aproximações com alguns grupos de capoeira no estado do Acre foram limitadas e puderam ser retomadas em momento de maior segurança. Entretanto, as aproximações que tivemos com alguns mestres, professores e alunos nos espaços dedicados às aulas de capoeira e com as análises das entrevistas gravadas, foi possível entender que há uma diversidade na forma de ver e de se organizar de cada mestre. Por outro lado, existem semelhanças marcantes que compõem o cenário identitário da capoeira acreana. Diante das reflexões, identificamos a liminaridade discutida por Victor Turner como ponto de partida para a formulação de estratégias de “sobrevivência” da arte/jogo/luta. Nesse sentido, ao apresentarem suas ideias, quanto à raiz afro da capoeira, principalmente, no que se refere à religião, os capoeiristas em geral frisam que a roda não é um ato religioso, ao mesmo tempo não negam que usam instrumentos musicais utilizados nas rodas de umbanda ou candomblé.



Para manter certo distanciamento das relações da capoeira com os elementos das religiões de matriz africana, também utilizam a estratégia de ligá-la ao esporte e à educação para ser aceita como uma atividade física educativa e que faz bem ao corpo. De alguma maneira, tais estratégias permitem que a capoeira circule na estrutura social de prestígio que define normas e valores para serem integrados.

Com isso, entendemos que a capoeira acreana está presente em diferentes contextos sociais, sendo seu futuro dependente das escolhas e estratégias possíveis para manter tanto a roda quanto o ofício do mestre de capoeira. Nesse sentido, é preciso destacar que a capoeira acreana tem caráter inclusivo, pois permite que pessoas de todos os gêneros, classes sociais e idades participem. Ainda assim, neste trabalho, cabe apontar um caminho necessário para a capoeira no Acre: dar significado à finalidade de manter os aspectos culturais afro-brasileiros, jamais os negando.

De modo geral, outra contribuição que o presente estudo possibilitou para a salvaguarda da capoeira acreana concretizou-se com mapeamento e a identificação dos locais de manifestação da cultura imaterial, pois é onde se materializam a transmissão dos saberes ancestrais e a roda de capoeira, bem como as características de tais espaços e dos detentores que exercem o ofício dos mestres. Com o mapeamento, foi possível verificar tais manifestações em todas as regionais do estado do Acre, além da forte presença de grupos de criação local, representando cerca da metade dos existentes.

Destacamos que as lideranças de grupos, detentores em geral e, conseqüentemente, os núcleos de práticas, seja da roda, seja do ofício dos mestres de capoeira, estão

concentrados na capital Rio Branco e municípios circunvizinhos, na região do baixo Acre. Também, é nessa região geográfica onde há maior concentração de detentores com maiores titulações hierárquicas na capoeira (mestres e contramestres/mestrandos) em relação àqueles que estão em cidades mais afastadas da capital, o que evidencia a necessidade de políticas permanentes para intercâmbio e formação continuada, valorização e incentivo dos detentores, de modo a expandir e consolidar o processo de interiorização da capoeira, especialmente para os municípios onde não há a expressão da prática.

O processo de investigação revelou, ainda, um quantitativo expressivo de capoeiristas com nível hierárquico aptos para o exercício da docência, portanto, maiores possibilidades de garantir o ingresso de novos praticantes e a transmissão dos saberes, condição essa imprescindível para a formação do futuro mestre de capoeira. Contudo, novos estudos são recomendados, a fim de elucidar as lacunas de informações sobre o processo de formação e exercício da docência na capoeira acreana.

Há de se reconhecer que, em virtude da pandemia de Covid-19, muitos núcleos estavam fechados ou em funcionamento parcial, sendo as informações sobre o número de praticantes muito diferentes da realidade anterior às medidas de distanciamento social, o que impõe a necessidade de atualização dos dados apresentados com realização de levantamentos periódicos no contexto de pós-pandemia.

Em suma, mesmo discorrendo sobre alguns pontos da dimensão histórica e com a convicção de que muitas perguntas ainda existem, algumas respostas são apontadas e nos sobra a certeza de que a pesquisa nunca é algo aca-

bado, concluído e isso é uma das essências que mantêm a ciência em movimento. Não encerramos as discussões e acreditamos nas possibilidades de novos enfoques a partir daquilo que discutimos.

“Capoeiristicamente” falando, nosso jogo aqui foi pautado por algumas **entradas e saídas** quando, no percurso historiográfico, denotamos importantes períodos cruciais da capoeira acreana. Porém, foi em uma **chamada ao passo a dois**, a partir de uma experiência etnográfica, que trouxemos à baila a necessária reflexão sobre as *nuances* e facetas que a capoeira precisa assumir para garantir sua sobrevivência, sendo advertido que negar sua ancestralidade põe em risco sua essência. Foi na **volta ao mundo** que reconhecemos como nossa capoeira está no mapa do Acre e algumas das suas necessidades atuais. Por fim, foi chamando cada capoeirista **ao pé do berimbau** para um jogo, agora mais rápido, que construímos o mosaico da história da capoeira acreana a partir de suas histórias individuais. Mas é chegada a hora de silenciar o berimbau para em outro momento nova roda começar! **“Iê, vamo simhora camará!”**

## OS AUTORES

---

### Cledir de Araújo Amaral



Professor de Educação Física no Instituto Federal do Acre (Ifac); doutor em Saúde Pública (Ensp/Fiocruz); docente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifac); membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Ifac *Campus* Rio Branco; membro do Comitê Gestor da Salvaguarda da Capoeira do Acre (2019-2022); e contramestre de capoeira do Grupo Candeias.

E-mail: [cledir.amaral@ifac.edu.br](mailto:cledir.amaral@ifac.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7221-5364>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6838016040199595>

### Ádamo Gabriel Lopes de Souza



Professor substituto de História na Universidade Federal do Acre; mestrando em Filosofia (PPGFIL/Unir); membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Ifac *Campus* Rio Branco; conselheiro de cultura no município de Rio Branco; membro do Comitê Gestor da Salvaguarda da Capoeira do Acre (2021-2022); secretário da Liga Acreana de Capoeira (LAC); e professor de capoeira do Grupo Cordão de Ouro.

E-mail: [adamo.gabriells@gmail.com](mailto:adamo.gabriells@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8061-0807>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9845338849469602>

### Alcilene Oliveira Alves



Professora de História no Instituto Federal do Acre (Ifac); doutora em Ensino de Biociências e Saúde (IOC/Fiocruz); Coordenadora do curso de Tecnologia em Processos Escolares do Ifac *Campus*; e vice-coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Ifac *Campus* Rio Branco.

E-mail: [alcilene.alves@ifac.edu.br](mailto:alcilene.alves@ifac.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8925-0748>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3153172595607635>

### Maria Cristina Lobregat



Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal do Acre (Ifac); doutora em Sociedade Cultura e Fronteiras (Unioeste/PR); e membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Ifac *Campus* Rio Branco.

E-mail: [cristina.lobregat@ifac.edu.br](mailto:cristina.lobregat@ifac.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5399-8359>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2839301744524820>

### Ane Kelly Severino Salvino



Técnica em Educação Física da Universidade Federal do Acre; e mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifac).

E-mail: [anekellysalvino@gmail.com](mailto:anekellysalvino@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3573-8027>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7065802884330039>

### Edilene da Silva Ferreira



Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal do Acre (Ifac); doutora em Estudos Linguísticos (Unesp); e docente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifac).

E-mail: [edilene.ferreira@ifac.edu.br](mailto:edilene.ferreira@ifac.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2224-9777>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3963486063245298>

### Valdineia Rodrigues Tomaz



Professora de Educação Física no Instituto Federal do Acre (Ifac); mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifac); membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Ifac *Campus* Rio Branco.

E-mail: [valdineia.tomaz@ifac.edu.br](mailto:valdineia.tomaz@ifac.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4250-6010>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4166599240242927>

A capoeira é patrimônio cultural imaterial da humanidade e, devido a isso, ações de salvaguarda devem ser realizadas como forma de garantia de sua existência. Com base nas ações previstas no Plano de Salvaguarda da Capoeira no Acre, realizamos uma pesquisa com o objetivo de produzir conhecimentos históricos e etnográficos sobre a capoeira no Acre e de realizar o mapeamento dos grupos, mestres e praticantes da capoeira nos 22 municípios do estado do Acre.

A coleta de dados foi dividida em quatro ações: levantamento documental (produções bibliográficas locais; publicação de jornais impressos e fotografias de acervos particulares); entrevistas com capoeiristas das décadas de 1980 e 1990 destacados pela comunidade; observação participante em alguns espaços de práticas da capoeira; e mapeamento por meio de levantamentos de informações sobre lideranças, grupos, locais e praticantes.

Na dimensão histórica, demarcamos três períodos: o tempo dos vestígios, com a presença dos “vadios e capoeiras no Acre” no final do século XIX; o tempo de desenvolvimento com o “início do jogo”, marcado pela vinda dos baianos na década de 1970 e pelo protagonismo de Mestre Rodolfo na década seguinte; e o tempo da consolidação, de 1990 em diante, com a vinda de novos grupos e expansão da capoeira, o que demonstra que “no Acre a roda é boa”.

A experiência etnográfica revelou a diversidade na forma dos mestres e grupos verem e organizarem a capoeira. Entretanto, um ponto comum é que, como estratégia de “sobrevivência”, cria-se a necessidade de manter certo distanciamento dos elementos da raiz africana, os de cunho religioso principalmente, além de buscar o vínculo da capoeira com o esporte e a educação para que ela seja aceita enquanto prática educativa e saudável.

O mapeamento revelou a existência de 27 grupos, 35 líderes, 105 detentores e 132 núcleos de capoeira em 17 municípios do estado, com destaque para os grupos de criação local e a concentração em Rio Branco e adjacências.